



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Economia

EMPRESAS ALEMÃS NO ESTADO DE SÃO PAULO
1873-1940

Joely Aparecida Ungaretti Pinheiro

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Instituto de Economia da UNICAMP
para obtenção do título de Mestre em
História Econômica, sob a orientação do
Prof. Dr. Rui Guilherme Granziera.

*Este exemplar corresponde ao original da
dissertação defendida por Joely Aparecida
Ungaretti Pinheiro em 11/12/2001 e
orientada pelo Prof. Dr. Rui Guilherme
Granziera.*

CPG, 11/12/2001

A handwritten signature in black ink, appearing to be "Rui Guilherme Granziera", written over a horizontal line.

Campinas, 2001

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE 3e
Nº CHAMADA T/UNICAMP
P655e
V _____ EX _____
TOMBO BC/ 49570
PROC 16-837102
C _____ DX _____
PREÇO R\$ 11,00
DATA 13/06/02
Nº CPD _____

ii

CM00169124-2

BIB ID 243560

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO INSTITUTO DE ECONOMIA**

P655e Pinheiro, Joely Aparecida Ungaretti.
Empresas alemãs no estado de São Paulo (1873-1940) /
Joely Aparecida Ungaretti Pinheiro. – Campinas, SP : [s.n.], 2001.

Orientador: Rui Guilherme Granziera.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campi-
nas. Instituto de Economia.

1. São Paulo (Estado) – Industrialização. 2. Empresas estran-
geiras – São Paulo (Estado). I. Granziera, Rui Guilherme. II.
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de economia. III.
Título.

Agradecimentos

Num trabalho como esse o número de pessoas que contribuíram para que ele chegasse ao final, sempre é muito grande. Nem sempre é possível listar todas as pessoas. De qualquer maneira espero poder agradecer aqui, a maioria das pessoas que tornaram esse trabalho possível.

Em primeiro lugar agradeço a Deus que conhece minhas dúvidas e angústias mais íntimas, mas que possibilitou que minha caminhada chegasse até aqui.

Agradeço ao Prof. Dr. Rui Guilherme Granziera, pela orientação, amizade e apoio.

As professoras Lígia Osório e Wilma Perez pelas ajudas, críticas e sugestões e Helena Carvalho de Lorenzo, por me mostrar novos caminhos durante a banca examinadora.

Ao professor Tamás Szmrecsanyi, pelo material que colocou a minha disposição.

Ao pessoal da secretaria, em especial ao Alberto e Cida, por sempre serem tão solícitos e amáveis.

Aos amigos do Cedoc, dentre eles Ademir e Dora, que muito me ajudaram na busca por bibliografia em outras universidades.

Ao SPD, Tânia principalmente, que generosamente abriu as portas desse departamento à mim, sempre resolvendo problemas técnicos.

Aos funcionários da Câmara de Comércio e Indústria Brasil- Alemanha de São Paulo, que tão gentilmente me atenderam e me forneceram dados e materiais para pesquisa.

576922005
UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Ao Daniel, Zé e Conceição do Xerox, pela amizade e ajuda que sempre me ofereceram em todos esses anos.

Aos colegas da pós: Ricardo, Iliane, Domingos, Joaquim, Vera, Renata e Silvana, que entraram comigo em 1999 e hoje seguem seus destinos. Aos outros colegas o meu carinho e amizade.

Milena e Ana Paula, pelos bons e maus momentos, sempre abertas para partilharem comigo esperanças e desilusões.

Meu pai e minha mãe: obrigada por me educarem e orientarem, possibilitando que eu chegasse até aqui.

Minha família: irmãos, tios e primos: que torceram por mim.

E finalmente Lúcio, esposo, companheiro que esteve ao meu lado em todos os momentos, riu comigo e enxugou minhas lágrimas.

À todos, o meu carinho, minha gratidão e o meu muito obrigada.

Joely

Esse trabalho não seria possível sem o apoio financeiro da FAPESP.

*Para meus pais,
Que não mediram
Sacrifícios por mim,*

*Para Caio e Yo,
Meus irmãos*

*Para Lúcio,
Com amor...*

“Amo as dificuldades, as impossibilidades.

*Amo sobretudo a vida, e acredito que a produção, seja qual for, é
sempre preferível ao repouso.”*

(Émile Zola)

“O Esforço é grande e o homem é pequeno (...)

A alma é divina e a obra é imperfeita.”

(Fernando Pessoa)

SUMÁRIO:

Introdução	01
1. Objetivos do trabalho.....	01
2. Introdução ao tema e revisão bibliográfica.....	02
3. Noções jurídicas de Empresa, Companhia e Sociedade.....	05
4. Sobre as Fontes e Documentos utilizados.....	06
5. Metodologia.....	07
6. Resumo Geral do Trabalho.....	07
Capítulo 1: “A Alemanha, a Imigração e a Relação Brasil/Alemanha”	09
1.1. A Alemanha no Século XIX.....	09
1.2. Causas da Imigração Alemã.....	17
1.3 A Imigração Alemã para o Brasil: aspectos gerais.....	19
1.4 A Imigração Alemã para o Estado de São Paulo.....	27
1.5. Dados Históricos das Relações entre Brasil e Alemanha.....	30
1.6 Alguns Exemplos de Empresas Alemãs.....	33
Capítulo 2: “A industrialização do Estado de São Paulo e as Empresas Alemãs – 1873/1940”	38
2.1. A industrialização no Estado de São Paulo.....	38
2.2 Investimentos Alemãs na América Latina.....	43
2.3. Bancos Alemães em São Paulo: financiamento e crédito para a industrialização.....	45
2.4. Os Investimentos Diretos Alemães no Brasil.....	49
2.5 As Empresas Alemãs no Estado de São Paulo.....	53
2.6. Primeiro Período: 1873-1914: Aspectos Gerais.....	53
2.7. A Situação da Alemanha: 1873-1914.....	54
2.7.1 Os bancos alemães.....	59
2.7.2 O papel do Estado.....	60
2.8. A Situação de São Paulo: 1873-1914.....	61
2.9 As Empresas Alemãs no Estado de São Paulo 1873-1940.....	64
2.10 Aspectos Gerais do Período: 1915-1929.....	66
2.11. A Alemanha: 1915-1929.....	67
2.12. O Brasil: 1915-1929.....	68
2.13. As Empresas Alemãs no Estado de São Paulo: 1915-1929.....	69
2.14. Aspectos Gerais do período: 1930-1940.....	70
2.15. A Alemanha: 1930-1940.....	71
2.16. O Brasil: 1930-1940.....	72
2.17. As Empresas Alemãs no Estado de São Paulo: 1915-1940.....	73
2.18. Algumas Observações sobre o período: 1915-1940.....	75
Capítulo 3: “Resultados”	77
3.1. Aspectos Gerais.....	77
3.2 Resultados Gerais.....	83
3.3. Análise dos Resultados.....	87

3.4. Sobre o tipo de Empresas.....	87
3.4.1) Empresas Brasileiras com capital alemão.....	87
3.4.2) Empresas onde pelo menos um dos sócios era alemão (imigrante).....	87
3.4.3) Sobre as empresas alemãs no Estado de São Paulo.....	87
3.5 Sobre o período de instalação das Empresas.....	88
3.5.1)1873-1914.....	88
3.5.2)1915-1940.....	89
3.6. Sobre a localização das Empresas.....	90
3.7. Conclusões.....	91
Capítulo 4: “As Fontes”.....	92
4.1. Empresas alemãs e empresas brasileiras com capital alemão.....	92
4.2 Dados fornecidos pela Câmara de Comércio Brasil-Alemanha.....	95
4.3. Listas Negras.....	96
4.3.1. Lista de número 1.....	96
4.3.2 Lista de número 2.....	100
4.3.3. “German Investments in Latin America”.....	101
4.3.4. Lista de número 4.....	104
4.4. Comércio Exterior: BrasilxAlemanha.....	105
4.5 Tabela do Ministério da Fazenda.....	107
4.6. Sobre o Capital de Algumas Empresas.....	112
Conclusões.....	113
Bibliografia.....	119
1. Fontes e Documentos.....	119
2. Livros, artigos e teses.....	121

Índice de Tabelas

Tabela 1: Região de destino dos imigrantes de língua alemã 1820-1910 (em milhar).....	22
Tabela 2: Imigrantes de origem alemã no Brasil – 1900-1939.....	27
Tabela 3: Distribuição regional dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil em 1935.....	27
Tabela 4: Exemplos de Comerciantes Alemães no Brasil.....	32
Tabela 5: Bancos Alemães na praça de São Paulo 1873-1928.....	49
Tabela 6: Emigração Européia pós 1870.....	62
Tabela 7: Setores de Empresas Alemãs no Brasil 1873-1914.....	66
Tabela 8: Movimento Geral da Imigração no Brasil 1884-1939.....	67
Tabela 9: Naturalizações Concedidas a Imigrantes Alemães 1889-1939.....	74
Tabela 10: Localização das Empresas Alemãs no Estado de São Paulo 1915-1940.....	75
Tabela 11: Número de Empresas no Período 1915-1940.....	76
Tabela 12: Tabela Geral obtida a partir das Fontes.....	79
Tabela 13: Quantidade de Empresas instaladas no período 1873-1940 (A).....	83
Tabela 14: Quantidade de Empresas instaladas no período 1873-1940 (B).....	83
Tabela 15: Quantidade Total de Empresas entre 1873-1940.....	84
Tabela 16: Localização das Empresas: 1873-1940.....	84
Tabela 17: Tipos de Sociedade: 1873-1940.....	84
Tabela 18: Ramos de Atividades: 1873-1940.....	85
Tabela 19: Outras Informações.....	85
Tabela 20: Os investimentos alemães no Brasil.....	92
Tabela 21: Empresas Brasileiras com Capital Alemão.....	95
Tabela 22: Comércio Exterior: Brasil x Alemanha.....	106
Tabela 23: Sociedades Mercantis Alemãs.....	107
Tabela 24: Capital de Algumas Empresas Estudadas.....	112

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1: TIPOS DE EMPRESAS: 1873-1940.....85

GRÁFICO 2: RAMOS DE ATIVIDADES DAS EMPRESAS: 1873-1940.....86

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo o estudo e a catalogação das empresas alemãs no Estado de São Paulo entre 1873 e 1940.

Como estratégia competitiva na luta por mercados, a Alemanha expandiu o seu comércio exterior, exportando capitais, quer seja na forma dos chamados “Bancos Transatlânticos”, quer seja na forma de instalação de empresas filiais ou subsidiárias na América Latina, no caso, no Brasil. A imigração, igualmente incentivada, foi parte integrante da maior importância para essa expansão. Também é expressiva a ocorrência de Empresas Brasileiras com Capital Alemão, o que demonstra o interesse da Alemanha nas relações comerciais e financeiras com o Brasil. É interessante notar que a combinação entre a tecnologia e o capital financeiro alemão contribuiu para as bases da industrialização de São Paulo.

A escolha dessas empresas pelo Estado de São Paulo, não se deu por acaso: a mudança da mão-de-obra escrava pelo trabalhador assalariado, o surgimento de uma burguesia cafeeira, a geração de renda que possibilitava o consumo, são fatores únicos que levaram ao desenvolvimento econômico e industrial do Estado de São Paulo, no final do século XIX e começo do século XX. Também a política de “substituição de importações” contribuiu para o surgimento de um cenário único e propício ao desenvolvimento no Brasil.

A maior parte das empresas alemãs se instalaram no Estado de São Paulo até 1918. A partir dessa data, o que temos é a instalação de algumas empresas brasileiras com capital alemão e empresas brasileiras (na maior parte estabelecimentos comerciais), cujo um dos sócios era alemão (imigrante ou naturalizado). Para os efeitos deste trabalho, tanto aquelas como estas, foram consideradas como empresas alemãs.

INTRODUÇÃO

1.OBJETIVOS DO TRABALHO

Esse trabalho foi tema do projeto de pesquisa, apresentado à comissão de seleção para entrada no Programa de Pós-Graduação, do Instituto de Economia da UNICAMP (Mestrado em História Econômica), em março de 1999. O financiamento da pesquisa se deu por bolsa de mestrado concedida pela FAPESP, entre novembro de 1999 e novembro de 2001.

Os objetivos desse trabalho são: catalogar e estudar as Empresas Alemãs no Estado de São Paulo, no período de 1873-1940 (oferecendo juntamente alguns dados importantes sobre elas, tais como: ano de instalação, setor ao qual pertenciam e sua localização.). Para tanto, levaremos em conta alguns fatores importantes tais como: o possível financiamento da industrialização paulista com o capital alemão, a tentativa de expansão da hegemonia alemã na América Latina e a imigração alemã para o Estado de São Paulo.

A escolha do período se deu em função dos dados oficiais, obtidos através de uma publicação do Ministério da Indústria e Comércio em 1947, que fornece todos os dados sobre Sociedades Mercantis estrangeiras autorizadas a funcionar no Brasil, entre 1808 e 1946. O ano de 1873, segundo Decreto – Lei (número 5242 de 29 de março de 1873) de autorização de funcionamento de empresas estrangeiras no Brasil, marca a entrada da primeira empresa alemã a se estabelecer no país, a *Sociedade Transatlântica de Seguros*. E, 1940, é uma data que está próxima do final de uma era no Brasil (1945), e o advento de um período totalmente novo no país. É ainda nesse período, que a industrialização brasileira toma um novo rumo em direção a criação de um parque industrial brasileiro. Além disso, os dados que possuímos, principalmente os dados fornecidos pelos Decretos-Lei sobre Sociedades Anônimas Autorizadas a funcionar no Brasil, nos fornecem informações sobre estabelecimento de empresas alemãs até essa data: a última referência ocorre em 25 de janeiro de 1940, sob o decreto de número 5186,

notificando a mudança de estatutos da empresa *National Allgemeine Versicherungs Aktiengesellschaft* (empresa de seguros).

Já a delimitação geográfica ou espacial, no caso, o Estado de São Paulo, deu-se porque apesar da imigração alemã para nosso país ser um fato palpável e ter tido importância fundamental no processo de colonização e de miscigenação cultural, principalmente na Região Sul do Brasil, pouco se estudou a respeito da influência da imigração alemã para a Região Sudeste; e, nesse contexto, falta um estudo que abranja a imigração e as empresas alemãs no Estado de São Paulo.

2.INTRODUÇÃO AO TEMA E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Embora a imigração alemã para o Brasil, principalmente para o sul do país, já tenha sido amplamente estudada, pouco avanço se produziu no campo das relações comerciais entre esses dois países e sobre as empresas alemãs aqui instaladas.

Em sua *História Geral da Civilização*, Sérgio Buarque de Holanda refere-se “ao antigo comércio entre Brasil e Alemanha”¹ já no começo do século XIX. Portanto, as relações comerciais e diplomáticas entre esses dois países são mais antigas do que se pode imaginar. Ao falarmos de relações exteriores na História brasileira, o primeiro país no qual pensamos com certeza é Portugal, logo seguido pela Alemanha.² Também Jobson Arruda, afirma que Hamburgo sempre foi um grande comprador de produtos brasileiros³. Portanto, as relações comerciais entre esses dois países são mais antigas do que imaginamos. E, já na década de 1830, imigrantes alemães possuíam estabelecimentos comerciais no Brasil, sobretudo em Santos e no Rio de Janeiro.⁴

A primeira empresa alemã a se instalar no Brasil (Sociedade Mercantil autorizada a funcionar, segundo o decreto de número 5242 de 29/03/1873), foi a “Sociedade

¹ Holanda, Sérgio Buarque de, *História Geral da Civilização Brasileira*, Tomo II: O Brasil Monárquico, 4^o Volume, Declínio e Queda do Império, Capítulo 5, Difel, São Paulo, 1982.

² Dados de Sérgio Buarque de Holanda, op.cit., demonstram que 2/3 da produção açucareira brasileira tinha como destino o porto de Hamburgo.

³ Arruda, José Jobson de A *O Brasil no Comércio Colonial*, Ática, São Paulo, 1980, página 307, demonstra que, entre 1796 e 1811, o total percentual de participação dos países compradores de produtos brasileiros, chegou a 29,1, ultrapassando os 24,7 da Inglaterra.

Transatlântica de Seguros”, na cidade do Rio de Janeiro. Até então, encontravam-se no Brasil empresas brasileiras com capital alemão, e empresas fundadas por imigrantes alemães já estabelecidos no Brasil.

Pouco se sabe sobre as empresas (quer sejam de origem comercial, industrial ou financeira) alemãs no Brasil, mais especificamente, no Estado de São Paulo; e sua contribuição para a industrialização de São Paulo. Aliás, estudos detalhados sobre empresas estrangeiras e sua relação com a industrialização de São Paulo, não são numerosos. Embora verdade seja dita: existem vários estudos sobre as empresas inglesas e americanas e suas atuações no Brasil.

Talvez o estudo mais definitivo sobre as empresas estrangeiras no Brasil seja o trabalho de Ana Célia Castro: *As Empresas Estrangeiras no Brasil: 1860 – 1913*⁵, onde além de apresentar a origem das empresas estrangeiras no período, faz considerações sobre os setores dessas empresas e do montante investido no Brasil. Aí encontramos exemplos de empresas alemãs nos setores financeiros e principalmente de serviços básicos.

Importante notar que o processo de industrialização inicial de São Paulo, ocorreu num período único: o do auge da burguesia cafeeira paulista, numa época de transição do trabalho escravo para o trabalho assalariado. Também consolidava-se nesta época, uma massa de trabalhadores assalariados que poderiam adquirir produtos industrializados e pagar por serviços de infra-estrutura e de urbanização. Dentre autores que tratam desse assunto podemos citar: Wilson Cano⁶, João Manuel Cardoso de Mello⁷, Sérgio Silva⁸ e Maria da Conceição Tavares⁹, dentre outros. Também cabe aqui citar o trabalho de Wilson Suzigan sobre as origens e o desenvolvimento da indústria brasileira¹⁰, onde

⁴ Holanda, Sérgio Buarque de, op.cit., pg. 222

⁵ Castro, Ana Célia. *As empresas estrangeiras no Brasil: 1860-1913*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979

⁶ Cano, Wilson, *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo*, Campinas, Instituto de Economia – Universidade Estadual de Campinas, 1998

⁷ Mello, João Manuel Cardoso de, *O Capitalismo Tardio: Contribuição à Revisão Crítica da Formação e do Desenvolvimento da Economia Brasileira*, Campinas, Instituto de Economia - Universidade Estadual de Campinas, 1998

⁸ Silva, Sérgio, *Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil*, São Paulo, Alfa Omega, 1976

⁹ Tavares, Maria da Conceição, *Acumulação de Capital e Industrialização no Brasil*, Campinas, Instituto de Economia, 1998

¹⁰ Suzigan, Wilson, *Indústria Brasileira – Origem e Desenvolvimento*, São Paulo, Brasiliense, 1986

realiza um estudo minucioso sobre a instalação da indústria de transformação no Brasil, a criação de diversos setores e o relacionamento entre o Brasil e outros países, principalmente no que tange na importação de máquinas e equipamentos estrangeiros para o Brasil.

Sobre o capital estrangeiro na industrialização de São Paulo podemos citar os trabalhos de Tamás Szmrecsányi e Flávio Saes¹¹, que demonstram que o processo de industrialização dos países periféricos encerra-se no contexto mundial de expansão do capitalismo. Cabe lembrar que no início da industrialização de São Paulo, a concorrência intercapitalista entre as nações líderes, chegava a ser uma guerra por mercados consumidores e fornecedores de matéria-prima; e mais, era uma guerra por controle de “zonas de influência”, com conotações não só econômicas mas também políticas e diplomáticas. E, o Brasil, estava sendo disputado sobretudo pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha. Importante trabalho sobre os investimentos estrangeiros no Brasil é o de Tamás Szmrecsányi e Wilson Suzigan¹², que destaca o papel que esses investimentos tiveram para estruturar alguns setores da indústria de transformação.

Em luta por “zonas de influência” e por mercados, a Alemanha cada vez mais “enfrenta” a concorrência inglesa na disputa primeiro por mercados coloniais, depois pelo comércio com as nações independentes. Uma saída para a Alemanha é a criação dos chamados bancos transatlânticos e pela instalação de filiais de suas empresas, fora da Alemanha. Esses bancos e essas empresas traduziram-se em investimentos financeiros diretos e em transferência de tecnologia para os países onde as empresas alemãs instalaram-se. Seu principal alvo era a América Latina, como demonstra George Young¹³; principalmente até o final da Primeira Guerra Mundial. O investimento financeiro alemão dessa época estava associado, sobretudo, aos ideais de expansão do Imperialismo Germânico.

¹¹ Szmrecsányi, Tamás & Saes, Flávio A. M. de, *O Capital Estrangeiro na Industrialização de São Paulo (Brasil): 1870-1930*, Resumo da Comunicação apresentada no VII Simpósio Internacional de História Econômica, sobre “As Origens da Industrialização na América Latina” (Buenos Aires, outubro de 1987, CLACSO), exemplar mimeografado.

¹² Szmrecsányi, Tamás & Suzigan, Wilson, *Os Investimentos Estrangeiros no Início da Industrialização do Brasil*, Texto para Discussão n.º 33, UNICAMP/IE, Campinas, 1994

¹³ Young, George, *Los Bancos Alemanes y la Inversión directa alemana em América Latina, 1880-1930*, in: *Las Inversiones Extranjeras em América Latina, 1850-1930: nuevos debates y problemas en Historia Económica Comparada*, (org): Carlos Marichal, Fondo de Cultura Económica, México, 1995

Sobre o investimento de capital alemão na industrialização de São Paulo citamos o trabalho de Tamás Szmrecsnay¹⁴, que traça paralelos entre as empresas estrangeiras, principalmente as de capital alemão, com as indústrias de transformação no Estado de São Paulo. Também cita a falta de fontes e de dados disponíveis para tal estudo.

Como se pode perceber, o presente trabalho vem acrescentar sua contribuição ao tema uma vez que, embora os assuntos “investimentos estrangeiros” e “industrialização de São Paulo”, sejam frequentemente debatidos e discutidos, a abordagem proposta (o estudo das empresas alemãs no Estado de São Paulo), ainda não é um tema recorrente na literatura.

3. NOÇÕES JURÍDICAS DE EMPRESA, COMPANHIA E SOCIEDADE

Antes de darmos prosseguimento ao nosso trabalho, cabe aqui fazer algumas considerações sobre a definição de “Empresas”, “Companhias” e “Sociedades”, uma vez que todas elas aparecem ao longo de nosso trabalho.

Segundo Rubens Requião, Empresa: “na linguagem corrente é também usada como sinônimo de sociedade. Mas não é correto, pois empresa e sociedade são figuras jurídicas perfeitamente distintas. A empresa, (...), assim sabemos que constitui um organismo econômico, que combina os fatores natureza, capital e trabalho, para a produção ou circulação de bens ou de serviços. O sujeito dessa atividade é o empresário individual ou o empresário coletivo, que se constitui como sociedade comercial.”¹⁵

Já para os conceitos de Sociedade e de Companhia, Rubens Requião utiliza as seguintes definições: “Sociedade: (...) destinaríamos a palavra sociedade para designar a entidade constituída por várias pessoas, com objetivos econômicos. Em virtude da diversificação do direito privado (dicotomia), em direito civil e direito comercial, seriam as sociedades de uma ou outra natureza, conforme o seu objeto: sociedade comercial para a prática constante de atos de comércio; sociedade civil, para a prática de atos civis com fins econômicos (p.ex.: uma sociedade imobiliária). (...) Companhia, quer abreviadamente,

¹⁴ Szmrecsnay, Tamás. *German Capital Investment in the early industrialization of São Paulo*, São Paulo, Ciência e Cultura n.44 vol. 5, p. 320-325, 1992

quer por extenso, é expressão que tanto pode ser usada na formação das razões sociais das sociedades em comandita simples, como na das sociedades em nome coletivo ou na denominação das sociedades anônimas. Mas, no entendimento comum do comércio, por natural inclinação, é de se registrar, reserva-se a menção companhia para a sociedade anônima, e sociedade para os outros tipos de sociedades comerciais. Assim é que o acionista fala em minha companhia e o sócio diz nossa sociedade ou nossa firma.”¹⁶

Julgamos que seria mais procedente apresentar ao leitor essas definições legais, utilizadas pelo Direito, como forma meramente ilustrativa, uma vez que, na literatura não especializada em Direito Comercial, quase não há distinção entre Sociedades, Empresas e Companhias. E como tal, adotaremos a nomenclatura fornecida pelos dados obtidos e pela literatura relativa ao trabalho em questão.

4.SOBRE AS FONTES E DOCUMENTOS UTILIZADOS NA PESQUISA

Para esse trabalho utilizamos documentos e publicações oficiais do Ministério da Indústria e Comércio Brasileiro, bem como dos Ministérios da Guerra dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, bem como dados dos Censos e de Anuários Estatísticos.

Conseguimos muitas informações também, na Câmara de Comércio Brasil-Alemanha, que nos forneceu dados e documentos sobre Empresas Brasileiras com Capital Alemão.

Recorremos também, à outros tipos de fontes, tais como: dados publicados na literatura especializada, principalmente sobre investimentos estrangeiros no Brasil.

No capítulo 4 apresentaremos um resumo detalhado sobre as fontes e documentos utilizados em nosso trabalho.

¹⁵ **Requião**, Rubens *Curso de Direito Comercial – primeiro volume*, Saraiva, São Paulo, 1986

¹⁶ **Requião**, Rubens, op.cit., pg.262

5. METODOLOGIA

Depois da coleta de dados fornecida pelas fontes e documentos e da digitação desses dados, os mesmos foram agrupados e analisados de maneira a servirem ao nosso intuito. Catalogamos quase 200 empresas, que foram divididas em 3 grupos distintos: Empresas ou Sociedades Mercantis Alemãs instaladas no Brasil; Empresas Brasileiras com capital alemão, e Empresas Brasileiras onde pelo menos um dos sócios seja imigrante alemão já estabelecido no Brasil. Todas as empresas foram também catalogadas por ramos de atividade e divididas de acordo com o ano de sua instalação. Essa periodização foi definida da seguinte forma: 1873-1914, 1914-1929, 1929-1940. A partir daí, pudemos analisar os dados e chegar aos resultados obtidos em nosso trabalho.

6. RESUMO GERAL DO TRABALHO

Essa dissertação consta de 4 capítulos, sendo o primeiro responsável por nos apontar um quadro mais geral da Alemanha e sua situação na Europa, as causas da imigração alemã para o Brasil, a relação histórica comercial entre Brasil e Alemanha e alguns exemplos de empresas alemãs no Brasil.

Já o segundo capítulo é mais denso pois trata das origens da industrialização do Estado de São Paulo, da consolidação do poderio econômico alemão e das empresas alemãs que se instalaram em São Paulo, com base nos dados coletados em nossa pesquisa.

O terceiro aborda o resultado final sobre as pesquisas realizadas em torno das Empresas¹⁷ Alemãs e das Empresas Brasileiras com Capital Alemão no Brasil, assim como os dados obtidos das variadas fontes. No quarto capítulo apresentaremos as fontes e, a seguir, as conclusões finais.

¹⁷ Cabe salientar que nesse trabalho, classificamos as empresas segundo três categorias distintas: Empresas Alemãs, Empresas Brasileiras com Capital Alemão e Empresas fundadas por imigrantes alemães já estabelecidos no Brasil.

Não foi pretensão desse trabalho dar a palavra final sobre empresas alemãs no Estado de São Paulo. Esse estudo apenas visa contribuir mais como uma revisão bibliográfica sobre o assunto, do que apresentar grandes resultados definitivos.

A questão das empresas alemãs no Estado de São Paulo está inserida num tema muito mais amplo: empresas estrangeiras no Estado de São Paulo, que, por sua vez, está inserida na questão das empresas estrangeiras no Brasil.

Para esse trabalho consideramos como Empresas Alemãs tanto as **Sociedades Mercantis Alemãs (subsidiárias, filiais, etc.)**, como **Empresas Brasileiras com Capital Alemão**, como **Empresas Societárias (onde um dos sócios seja alemão ou imigrante)**. Essa variedade de tipos de empresas apenas demonstra o interesse alemão pelo Brasil. Faz parte da estratégia alemã de expansão mundial.

Tentamos oferecer aqui a nossa contribuição para essa discussão temática. O caminho ainda está aberto. Pensamos que um estudo sobre a comparação entre empresas de diversas nacionalidades no período (1873-1940) em São Paulo, seja uma das portas que ainda deverão ser abertas no futuro.

CAPÍTULO 1: A ALEMANHA, A IMIGRAÇÃO E A RELAÇÃO BRASIL/ALEMANHA

PRIMEIRA PARTE

1.1. A ALEMANHA NO SÉCULO XIX

Entre 1792 e 1815 a Europa e América presenciaram guerras em seus territórios. O resultado dessa situação foi a proclamação de independência em várias colônias européias e, na Europa, as fronteiras políticas foram redesenhadas várias vezes. Segundo Hobsbawn houve mudanças extremamente significativas na Europa:

“A mais importante delas foi uma racionalização geral do mapa político europeu, especialmente na Alemanha e na Itália. Em termos de geografia política, a Revolução Francesa pôs fim à Idade Média. O típico Estado moderno, que estivera se desenvolvendo por vários séculos, é uma área ininterrupta e territorialmente coerente, com fronteiras claramente definidas, governada por uma só autoridade soberana e de acordo com um só sistema fundamental de administração e de leis.”¹⁸

Para redefinir o novo mapa territorial europeu, levou-se em conta o equilíbrio entre as grandes nações da época (Rússia, Grã-Bretanha, França, Áustria e Prússia) e não os direitos e desejos dos povos. O medo de uma nova guerra com proporções continentais, como foram as guerras travadas com o Império Napoleônico, colocavam esses soberanos em constante alerta: a preocupação maior era evitar que uma nova guerra com essas proporções acontecesse. E durante o século XIX, não houve conflito armado que envolvesse mais do que duas nações. Nesse ponto, os temerosos soberanos, tiveram êxito.

Em 1815 o Congresso de Viena deu nova fisionomia ao território que hoje conhecemos como Alemanha: em lugar do Sacro Império, surgia a Confederação Alemã, sob chefia da Áustria. Mais do que qualquer outro país, a Prússia lucrou muito com o acordo de 1815: a Prússia se beneficiou através do desejo britânico de ter um poderio

¹⁸ Hobsbawn, Eric J., *A Era das Revoluções 1789-1848*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

razoavelmente forte na Alemanha Ocidental e recebeu a Renânia. Ela também se beneficiou com o conflito entre a Grã-Bretanha e a Rússia sobre o que os britânicos consideravam uma excessiva expansão russa na Polônia. O resultado foi que a Prússia concedeu parte de seus antigos territórios poloneses à Rússia, mas recebeu metade da rica e industrializada Saxônia. Pela primeira vez, a Prússia havia se tornado uma grande potência européia. E, quanto ao papel da Confederação Alemã, Hobsbawn nos dá uma idéia do poder da Prússia:

“A Áustria, a Prússia e o rebanho de Estados alemães menores, (...), vigiavam-se mutuamente dentro da Confederação Alemã, embora a ascendência da Áustria não fosse desafiada. A principal função internacional da Confederação era manter os Estados menores fora da órbita francesa, na qual eles tradicionalmente tendiam a gravitar.”¹⁹

Revoluções liberais surgem nos Estados Alemães em 1830 e 1848. Essas revoluções são herdeiras da Revolução de 1789. São frutos de uma época onde mudanças estão ocorrendo, quer fossem no nível da mentalidade, quer fossem no ramo social-econômico. Verdadeiras ondas de nacionalismo varrem a Europa, causando preocupações. Mas, de qualquer maneira, essas mudanças trouxeram consigo a criação dos Estados Modernos da Itália, da Alemanha (via Confederação dos Estados Alemães), da Grécia, etc.

Em 1860 a Prússia passa por uma Revolução Militar, que acabou se transformando numa “Revolução Alemã”. O serviço militar prussiano alcançou uma excelência nunca antes vista. O poder de mobilização de seu exército era enorme. Criou-se um departamento especial para supervisionar o sistema ferroviário prussiano, visando o abastecimento do *front*, quando necessário. Investiu-se também em educação primária e técnica de primeira qualidade e na criação de uma organização permanente para o estudo das campanhas de guerra: o Estado-Maior Geral. Quando da guerra entre Prússia e França, a vitória foi da Prússia, pois ela era a nação mais bem preparada e equipada para as condições de “guerra moderna” em relação a qualquer outra nação européia. O poder prussiano cresce.²⁰

¹⁹ Hobsbawn, E. J., op.cit. (1994), pág. 120

²⁰ Essas transformações fazem parte da chamada “Via Prussiana”.

O sentimento nacionalista alemão é cada vez mais acirrado. Em 1862 Bismarck assume como novo primeiro-ministro alemão, iniciando uma reforma do exército alemão e também promovendo a Unificação Alemã.²¹ Em 1870 a Revolução Industrial na Alemanha estava criando um número maior de empresas de grande porte, como o conglomerado *Krupp* de aço e armamentos, que davam ao estado prussiano-alemão sua força tanto militar como industrial.

Ao contrário da Grã-Bretanha e da França e mesmo de países menores, como Holanda e Bélgica, a Alemanha não possuía qualquer domínio colonial, muito embora o volume do seu comércio no mercado mundial fosse apenas inferior ao da Grã-Bretanha e ela evoluía rapidamente para se tornar a segunda potência mundial do mundo perdendo apenas para os EUA. A indústria alemã, já na década de 1840, começava a produzir, e concorrer com os produtos ingleses e americanos. A Alemanha havia sido atingida pela Segunda Revolução Industrial e isso implicava também, em maior desemprego no campo.²² A fim de obter fontes de matérias-primas e mercados para venda de manufaturados e inversão de capitais, ela foi compelida a lutar pela modificação do *status quo* mundial.

Nesse período, a Revolução Industrial na Alemanha estava criando um número maior de empresas de grande porte, que davam ao estado prussiano-alemão sua força tanto militar quanto industrial. A sua superioridade militar, industrial, científica, educacional e administrativa, estava agora firmada e pelos próximos anos, seria absoluta na Europa. Todas as nações européias admitiam e ressentiam-se do fato e, naquele momento, nada poderia ser feito, além dessa constatação.

Um fator importante a ser levado em consideração, foi a classe dos *junkers* na Alemanha. A tradução ao pé da letra quer dizer “jovem nobre”. Era incorporado às forças militares, que apoiavam o partido nacionalista e conservador. O processo nada mais era do que transformar os antigos proprietários feudais em fazendeiros capitalistas e os servos em trabalhadores contratados. Na verdade, esse sistema gerou uma concentração

²¹ Para maiores informações a respeito do Primeiro – Ministro alemão Bismarck, ver: **Kennedy, Paul**, *Ascensão e Queda das Grandes Potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*, Rio de Janeiro, Campus, 1989

²² Segundo Marx, “o sistema de apropriação capitalista surgido do modo de produção capitalista, ou seja, a propriedade privada capitalista, é a primeira negação da propriedade privada individual, baseada no trabalho próprio.”, Marx, Karl. **O Capital – Livro Primeiro – Capítulo XXIV**, São Paulo, Nova Cultural, 1988

de terras nas mãos dos proprietários e o trabalhador liberto ficou sem acesso à terra, o que causou desemprego no campo.

A partir desse período o volume do comércio mundial e o crescimento da produção manufatureira aumentaram rapidamente. A industrialização, antes limitada à Grã-Bretanha e partes da Europa Continental e América do Norte, começava a transformar outras regiões. Os acontecimentos industriais e tecnológicos de grande alcance se processavam, mudando o equilíbrio global ainda mais rapidamente do que antes. E não levaria muito tempo para que essas modificações da base industrial/produtiva tivessem seu impacto sobre a capacidade militar e a política externa das grandes potências, culminando mais tarde, com a disputa por mercados consumidores, que resultará na Primeira Grande Guerra Mundial em 1914. Entre 1870 e 1890, apesar de algumas depressões a produção mundial continuou a crescer. Muitos países nessa época, conheceram um “surto de desenvolvimento”, nunca visto até então. Esses fatos acabaram por engendrar, ou melhor, preparar, uma crise de endividamento internacional nos anos seguintes. Uma “Grande Depressão” estava à caminho, onde o setor agrícola seria o mais atingido, não importando a nacionalidade dessa agricultura...

Os preços dos produtos agrícolas caíram sensivelmente, causando fome, desemprego e revoltas camponesas em vários países, principalmente em lugares onde a agricultura ainda ocupava grande parcela da economia. As alternativas para os países foram variadas: a Inglaterra, que não possuía um grande campesinato, simplesmente deixou que dois terços de sua superfície agrícola desaparecesse; outros países tentavam modernizar sua agricultura e outros, como Estados Unidos, Alemanha e França, optaram pelas tarifas alfandegárias, que mantiveram os preços elevados.

“Entretanto, as duas reações não governamentais mais comuns foram a emigração e a formação de cooperativa, sendo esta a última opção, principalmente, dos sem-terra e dos proprietários de terras sem bens líquidos, estes sobretudo com propriedades potencialmente viáveis. Os anos 1880 conheceram as taxas mais elevadas de migração ultramarina (...), e o início real da emigração em massa de países como a Itália, a Espanha, e a Áustria-Hungria, seguidos pela Rússia e pelos Balcãs. Era a válvula de escape que mantinha a pressão social abaixo do ponto de rebelião ou revolução. Quanto às cooperativas, ofereciam empréstimos modestos aos pequenos camponeses – por volta de 1908, mais da metade dos agricultores

independentes da Alemanha pertenciam a tais minibancos rurais (cujo pioneiro foi o Raiffeisen católico, nos anos 1870).²³

Em 1884, a Alemanha, pela primeira vez, lançou-se à conquista de territórios fora da Europa. Ocupou Togo e Kamaroun na costa ocidental da África. No ano seguinte assenhoreou-se de Tanganica, ao lado do Oceano Índico.

Um dos motivos principais da Primeira Grande Guerra Mundial foi, sem dúvida, a rivalidade entre as grandes potências, em dominar áreas que servissem à seus propósitos. A Inglaterra, graças ao Império Britânico, dominava, ou melhor, influenciava grande parte do globo, gerando uma grande rivalidade com a Alemanha. A Inglaterra devido à uma bem sucedida expansão colonial mostrava-se como o mais influente poder de alcance mundial.²⁴ A Grã-Bretanha, era, sem sombra de dúvida, a maior nação exportadora de produtos industrializados. E, levando em conta seus interesses, abraçou com ardor e defendeu a causa do livre comércio internacional, se opondo aos países que haviam instituídos tarifas ou políticas protecionistas. Além disso, a Grã-Bretanha era a maior exportadora de capitais e o maior mercado consumidor de produtos primários do mundo. Sua posição no mercado internacional era privilegiada. E essa situação continuou até que países recém saídos da Segunda Revolução Industrial, começam a lhe fazer concorrência no mercado internacional. A partir de então, uma guerra por mercados, sejam eles fornecedores ou consumidores, tem início. E o ambiente onde essa “guerra” foi travada, foi muito bem explorado por Paul Kennedy:

“No inverno de 1884-1885, as grandes potências do mundo, junto com alguns estados menores, reuniram-se em Berlim numa tentativa de chegar a um acordo sobre o comércio, navegação e limites na África Ocidental e no Congo, quanto aos princípios de ocupação efetiva da África, mais geralmente. Sob muitos aspectos a Conferência de Berlim sobre a África Ocidental pode ser considerada, simbolicamente, como o zênite do período de predomínio da Velha Europa nos assuntos globais. O Japão não participava da conferência; embora em rápido processo de modernização, era ainda considerado pelo Ocidente como um estado exótico e atrasado. Os Estados Unidos, em contraste, estavam na Conferência de Berlim, já que as questões de comércio e navegação ali

²³ Hobsbawn, Eric J., *A Era dos Impérios 1875-1914*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

²⁴ Thomson, David. *Historia Mundial de 1914 a 1918*, México, Fondo de Cultura Economica, 1970

*discutidas eram consideradas por Washington como relevantes para os interesses americanos no exterior.*²⁵

Na verdade, o centro da questão dessa Conferência de Berlim, era o jogo de poderes e interesses manifestados pela Grã-Bretanha, França e Alemanha, onde o primeiro-ministro alemão, Bismarck, representava o intrincado papel de agente intermediário.

Enquanto a Inglaterra teve seu Império consolidado há quase 200 anos, a Alemanha, em 1914, havia conseguido a sua unificação há apenas 50 anos, o que fez com que a Alemanha participasse tardiamente do processo de “partilha” de áreas, em relação à Inglaterra e França. Isso fez com que a Alemanha tivesse uma porção menor e um Império Colonial menos atrativo que a maioria dos seus demais vizinhos da Europa Ocidental.

Cabe lembrar entretanto, que as raízes mais profundas da Primeira Guerra Mundial, não se encontram além-mar. Encontravam-se no próprio continente europeu. Ao mesmo tempo em que se erguiam os impérios marítimos das potências ocidentais, outros mais antigos se enfraqueciam na Europa. As forças do nacionalismo e do liberalismo, que há mais de um século estavam agitando a Europa, estavam agora chegando ao Império Turco, ao Austro-Húngaro e ao Russo. Movimentos rebeldes já eram sentidos. E devemos lembrar que a Alemanha tinha grande interesse no Oriente Próximo (países sob a órbita de influência do Império Otomano), o que pode ser demonstrado pela ferrovia Berlim-Bagdad. Movimentos nacionalistas como o paneslavismo, ou o pangermanismo acabam por se fortalecer.²⁶

Visto em conjunto o cenário mundial em 1914, mostra o impacto das potências expansionistas sobre potências mais antigas e as repercussões correspondentes, sobre as relações entre essas mesmas potências expansionistas.

No começo do século XX, aproximadamente 40 milhões de pessoas migraram da Europa em direção principalmente, à América e Austrália contribuindo para povoar os países periféricos do globo.

²⁵ Kennedy, Paul, op.cit., pág. 191

Tal onda migratória foi estimulada pelo crescimento de transportes rápidos e baratos de vias férreas ou de navegação. Uma revolução nos meios de transporte e comunicação estava transformando as relações entre os continentes antes de iniciar-se a aviação.

A revolução nos meios de transporte e de comunicação combinou-se com outras tendências políticas e econômicas para produzir uma mescla de efeitos, alguns de unificação, outros de desintegração, levando a modificar o equilíbrio de vantagens econômicas, ao compensar algumas vezes desvantagens prévias e outras vezes a reforçar vantagens já existentes. Por ex.: a vantagem natural que vinha desfrutando a Grã-Bretanha, em razão da venda de seus recursos de ferro e carvão, foi compensada nos E.U.A e na Alemanha por transporte ferroviário barato.

Por volta de 1914 a circulação das mercadorias sofreu uma queda, em decorrência da criação de uma crescente rede de barreiras aduaneiras e de preferências. A época em que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos apadrinharam uma liberdade quase completa para o comércio havia passado. Todos os países procuravam proteger suas indústrias e comércios, empregando controle dos subsídios e das tarifas governamentais. A Alemanha tinha interesse especial em proteger sua agricultura e em fomentar sua indústria pesada, de sorte que suas tarifas de 1902 foram usadas como um meio para equilibrar essas duas metas. A expansão industrial e a exportação eram mais importante para os alemães, do que uma agricultura muito protegida, mas o temor de uma guerra os obrigou a levar em conta a produção agrícola. Desta maneira, as concessões que a Alemanha e outros países da Europa Central podiam fazer eram poucas.²⁷

Durante o século XIX a Grã-Bretanha havia sido o principal exportador de capitais, e Londres foi o centro monetário do mundo. Como em outros aspectos, sua posição relativa havia decaído durante o período anterior a 1914 e havia tentado transferir seus investimentos da Europa para a América do Sul. Isto resultou numa troca da orientação e gravitação dos interesses políticos e econômicos. Os investimentos alemães no estrangeiro somavam algo em torno de 125 milhões de libras, dos quais uma quinta parte

²⁶ Kennedy, Paul, op.cit., pág.187

²⁷ Thomson, David, op.cit., pág. 50

estava na África, Ásia e no Império Otomano. A economia internacional descansava em um sistema monetário internacional, o da libra, baseado no padrão ouro e manejado pelas instituições financeiras de Londres e pelo Banco da Inglaterra.

Como consequência da Primeira Guerra Mundial podemos citar que o comércio internacional foi deslocado, acabando com a confiança em que descansavam o sistema monetário internacional e os mercados internacionais. Liquidou velhas dúvidas e criou novas; empobreceu os ricos em benefício daqueles que, como o Japão, podiam aproveitar as novas oportunidades. A guerra, mais do que a paz, veio demonstrar a nova interdependência dos continentes.

SEGUNGA PARTE: A IMIGRAÇÃO ALEMÃ

1.2. CAUSAS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ:

A imigração é um fenômeno comum entre as civilizações, em vários períodos da História. No caso alemão esse fenômeno acentuou-se sobretudo, após 1840, devido principalmente às ondas revolucionárias que atingiram a Europa, com mais vigor em 1848. As altas cargas tributárias, o desmembramento de terras provocado por partilhas de heranças, o desemprego, bem como motivos políticos e religiosos, levaram muitos a procurar a sorte longe da pátria. Além disso, o período entre 1873-1877, período de grave depressão econômica, acelerou e expandiu esse fenômeno:

"Durante todo o século XIX, cerca de 57 milhões de europeus deixam suas terras e se estabelecem nas Américas com o intento de aí permanecerem e constituírem um novo espaço de sobrevivência. Camponeses e artífices, trabalhadores assalariados e intelectuais discriminados por razões políticas ou religiosas, são levados para o "Novo Mundo", reiniciando suas próprias histórias de vida."²⁸

Young²⁹ demonstra em seu trabalho que a partir da década de 1880, houve um aumento da imigração alemã. Esse aumento é um franco demonstrativo do crescimento industrial nessa década. Afinal, nesse período, a economia alemã passa de uma base agrícola para uma base industrial. Há uma evasão do campo e um aumento da população, que acaba resultando em desemprego.

A medida que a expansão mundial do capitalismo avança, destrói estruturas tradicionais como a pequena propriedade, causando a evasão do campo e o desemprego. Também nas cidades o avanço do capitalismo promoveu a desagregação das relações tradicionais de emprego. A Revolução Industrial, além do desenvolvimento econômico e tecnológico, trouxe consigo a desagregação de estruturas sociais e econômicas, causando além da criação de novas classes sociais, o desemprego. Muitos governos

²⁸ Magalhães, Marionilde Brepohl, *Pangermanismo e Nazismo- A trajetória alemã rumo ao Brasil*, Campinas, Unicamp, 1998

²⁹ Young, George F. W., *Los Bancos Alemanes y la Inversión directa alemana em América Latina, 1880-1930*, in: *Las Inversiones Extranjeras em América Latina, 1850-1930: nuevos debates y problemas en Historia Económica Comparada*, (org): Carlos Marichal, Fondo de Cultura Económica, México, 1995

européus para se livrarem de suas massas de trabalhadores sem emprego, estimularam a imigração. Mas também as políticas de atração das áreas receptoras, tiveram grande papel nesse processo: o trabalho assalariado era visto como opção ao trabalho escravo e proporcionava a força de trabalho qualificada para as indústrias nascentes e garantia a ocupação efetiva do território.

Com o avanço do capitalismo estruturas tradicionais são desfeitas: camponeses são expulsos do campo, artesãos perdem a concorrência com os produtos industrializados. A proletarização é inevitável. Muitos apenas querem retornar ao seu antigo modo de vida. A idéia de emigrar e reconstruir na nova pátria a estrutura social e econômica na qual esses indivíduos estavam inseridos há séculos, é apenas mais um fator de atração no processo de imigração.³⁰ A imigração era vista como alternativa à fome, ao desemprego e à proletarização.

Não se tratava de simples migrações entre países; mas entre mercados de trabalho, os quais se caracterizavam, desde aquela época, por serem necessariamente internacionalizados. A imigração germânica era um negócio que envolvia bancos, empresas de transportes e comerciantes de terras, resolvendo ao mesmo tempo o problema do excedente da força de trabalho na Europa e de sua escassez nas Américas.

A imigração podia ser feita tanto por iniciativa própria, privada, como através das empresas de colonização e imigração, onde muitas vezes o imigrante já chegava à nova pátria com destino certo: as grandes lavouras agrário-exportadoras. Contudo, muitos foram os casos de imigrantes que se fixaram na zona urbana e se estabeleceram trabalhando no comércio, nas indústrias nascentes, ou mesmo como proprietários de casas comerciais.

No caso alemão, governo, empresas, bancos e comerciantes trabalhavam juntos tanto na conquista de mercados no além-mar, quanto no incentivo à imigração. O governo estimulava a imigração, como forma de aliviar tensões internas (desemprego, perseguições políticas) e como maneira de garantir no estrangeiro, receptividade aos produtos e ideais alemães (pangermanismo). Por outro lado, era comum a associação de

empresas alemãs para comercializar e operar o sistema de imigração. Tais empresas operavam tanto na Alemanha, quanto nos países receptores de imigrantes, através das criações de subsidiárias ou de empresas alemãs no estrangeiro. Um exemplo é a Norddeutsche Lloyd de Bremen: “maior companhia de navegação transatlântica da Alemanha, responsabilizou-se, por sua vez, pela emigração de 47 mil pessoas, a partir de 1890. Tratava-se de um alto negócio, que era estimulado por meio da propaganda e por inúmeras interferências junto aos poderes públicos. Resultou daí a fusão da Sociedade Colonizadora de Hamburgo com a Norddeutsche Lloyd e Sudamerikanische Dampfschiffahrtsgesellschaft, criando-se a Sociedade Colonizadora Hanseática, empresa que se encarregaria não apenas do transporte de imigrantes, mas da compra de terras e organização da colônias de Santa Catarina.”³¹

Nesse processo imigratório cabe ressaltar, que juntamente com o indivíduo que está se deslocando para um nova pátria, em sua bagagem vai junto o estilo de vida e de ideais alemães, que procurarão manter no novo país. Desnecessário dizer, que isso nada mais é do que uma forma de expansão do ideais pangermanistas, pois em suas novas pátrias, os alemães mantiveram sua língua e seus costumes, mesmo em lugares onde a adaptação tenha sido mais fácil e mais rápida.

1.3. A Imigração Alemã para o Brasil: aspectos gerais:

Em 1815 o Congresso de Viena reformulou as fronteiras da Europa. Nesse mesmo ano, D. João VI elevou o Brasil, cujos portos, desde 1808 abria ao comércio com outras nações, da condição de colônia à de Reino Unido a Portugal e Algarves, o que significou a proclamação de sua independência como Estado soberano, reconhecido pelos EUA, Inglaterra, Rússia, França, Suécia, Áustria e Prússia. Seu objetivo fora recuperar o prestígio e robustecer a posição da Casa de Bragança, em sua resistência ao sufocante predomínio da Grã-Bretanha, o que levou também D. João VI a buscar outras alianças entre os poderes da Europa, mediante a contratação do casamento do seu herdeiro, o

³⁰ Karastojanov, Andrea Mara Souto, *Vir, Viver e Talvez Morrer em Campinas – Um estudo sobre a comunidade alemã residente na zona urbana durante o Segundo Reinado*, Campinas, Fapesp/Unicamp, 1999, pag. 72

³¹ Magalhães, Marionilde Brepohl, op.cit.,pág.23. Também cabe ressaltar que a Sociedade Colonizadora de Hamburgo, entre 1850-1888 encaminhou para o Brasil cerca de 17.408 colonos.

Príncipe D. Pedro, com a Arqui-Duquesa Leopoldina, filha do Imperador da Áustria, Franz I, que dirigia a Confederação Germânica.

Os Estados Alemães tornaram-se um dos principais clientes do Brasil, conquanto ocupassem o quarto lugar, abaixo da Grã-Bretanha, França e EUA, como seu fornecedor de manufaturas. O fluxo de imigrantes para o Brasil também aumentou, embora de maneira irregular e em proporção menor do que para os EUA e o Governo Imperial recrutou soldados alemães para a campanha contra o ditador de Buenos Aires, Rosas, e para a guerra contra o Paraguai.

A idéia de que o Brasil era um país de grandes oportunidades, onde se enriquecia facilmente, aliado à grande atração exercida pela procura de mão-de-obra incentivada pelo governo imperial, levou muitos imigrantes a se destinarem ao Brasil. Além disso, à medida que o processo de produção capitalista implantava a industrialização na Europa, um grande excedente de mão-de-obra foi surgindo, principalmente em países como Itália e Alemanha. Quadros de fome, miséria e pobreza, não tardaram a se apresentar. Tentando evitar revoltas, os governos europeus estimularam, de certo modo, a imigração. E para os pobres europeus, essa era talvez a única esperança de sobrevivência.

“Emigrar foi a solução ideal encontrada, uma vez que esse panorama geral harmonizava-se perfeitamente com as necessidades dos novos países – Estados Unidos, Argentina e Brasil - , que por motivos variados iniciaram um grande movimento de atração de imigrantes para suas terras.”³²

Na Europa à medida que a disputa pelos mercados consumidores se acirrou, a concentração de terra aumentou. Os pequenos proprietários passaram a ser trabalhadores braçais nas grandes propriedades capitalistas rurais. A pobreza da vida no campo, tornou-se então muito maior. Como causas da emigração em larga escala, a partir de 1850, podemos citar: motivos econômicos, perseguições religiosas, crescimento demográfico, desenvolvimento tecnológico, expansão das companhias de navegação, e, principalmente, a repulsa à proletarização, por parte dos emigrantes.

³² **Alvim**, Zuleika, *Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo*. In: *História da Vida Privada no Brasil*, coordenador-geral Fernando A. Novais, volume 3, organizado por Nicolau Sevcenko, São Paulo, Companhia das Letras, 1998

Por que o Brasil? Ora, aqui já existia uma política de atração de imigrantes, que escondia os reais motivos: ocupação da fronteira e povoamento do Sul do país, desejo dos proprietários de terra em manter a estrutura das grandes propriedades, desejo de atenuar a relação senhor/escravo, de civilizar o país (“branqueamento da raça”), a proibição do tráfico negreiro e, posteriormente, a abolição.

“Com o objetivo de promover pouco a pouco a substituição do braço escravo na lavoura de café, recorreu-se, nos meados do século XIX à colonização estrangeira, sob sistema de parceria. Pretendia-se dessa maneira, conciliar fórmulas usadas nos núcleos coloniais de povoamento com as necessidades do latifúndio cafeeiro. Contava-se com a experiência dos núcleos coloniais de povoamento, cuja criação desde a vinda da Corte de D. João VI para o Brasil tinha sido estimulada. A partir de então havia se rompido definitivamente com as tradicionais restrições a fixação de estrangeiros na Colônia. Estimulava-se a vinda de imigrantes. Os objetivos dessa política eram sobretudo demográficos. Reconhecia-se a necessidade de povoar o país e para isso se recorria à colonização. No Espírito Santo, no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul formaram-se os primeiros núcleos.”³³

No Brasil³⁴ um dos motivos que levaram ao governo imperial a se interessar pela imigração, era a garantia das fronteiras. Assim, a colonização em áreas pioneiras asseguraria a posse da fronteira, a integração do território, o suprimento de bens alimentares para o mercado interno, uma vez que, ao chegarem no Brasil num primeiro momento o imigrante era encaminhado ao campo, já que recebia terras para o cultivo, como no caso do sul do país. Portanto, mais do que garantir a posse da terra, o governo estava investindo na colonização da região:

“(…)a política migratória ligada ao assentamento de colonos em pequenas propriedades confundiu-se com a colonização, pois tratava-se não de um deslocamento autônomo, mas dirigido sob tutela dos poderes oficiais, fosse o governo central ou provincial.”³⁵

³³ Costa, Emília Viotti da, *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*, São Paulo, Grijalbo, 1977

³⁴ Na construção desse item, foi-me de grande valia as orientações fornecidas pelo **Jornal do Imigrante** Ano XVIII – N. 227 – Dezembro de 1997, e pelo folder distribuído pelo Consulado Geral da Alemanha - SP

³⁵ Magalhães, Marionilde Brepohl, p. 19

E o processo de industrialização que se aprofundava em alguns Estados alemães, possibilitou esse fluxo migratório na medida que, em meio do aguçamento das lutas sociais e políticas compelia os pequenos artesãos e os camponeses a buscarem melhores condições de vida nas Américas, tanto do Norte quanto do Sul.

Buscando alternativas comerciais e políticas para contrapor à preponderância da Grã-Bretanha, cujo interesse consistia mais em vender-lhe suas manufaturas do que comprar-lhe a produção, as cidades Hanseáticas e o Brasil assinam um tratado comercial, mediante o qual, com a cláusula de nação mais favorecida, obtiveram a tarifa de 15%, igual à concedida à Grã-Bretanha, enquanto a Prússia ficara com 24%, vigente para os demais países, exceto Portugal, com 16%.

Para uma maior compreensão da imigração alemã em números, foi utilizada os dados extraídos do trabalho de Marionilde Magalhães. Interessante notar que pelos dados dessa tabela, o Brasil era o segundo maior receptor de imigrantes alemães, só perdendo para os Estados Unidos, esse sim, o grande receptor de imigrantes.

TABELA 1: Região de destino dos imigrantes de língua alemã – 1820-1910 (em milhar)

PERÍODO	SAÍDA		ENTRADA			
	ALEMANHA	EUA	BRASIL	CANADÁ	ARGENTINA	
1820-29	28	7	7	-	-	
1830-39	172,3	152,5	12	-	-	
1840-49	469,3	343,6	-	-	-	
1850-59	1.075,00	951,7	18	26,7	-	
1860-69	832,9	787,5	13,7	25,7	1,3	
1870-79	622,8	718,2	17	1,3	3,8	
1880-89	1.342,50	1.453,00	21,6	3,9	14,2	
1890-99	529,8	505,2	12,5	12,9	8,7	
1900-09	279,7	341,5	17,5	18,6	19,3	
TOTAL	5.352,30	5.260,20	119,3	89,1	47,3	

Fonte: Magalhães, Marionilde Brepohl, *Pangermanismo e Nazismo- A trajetória alemã rumo ao Brasil*, Campinas, Unicamp, 1998

Pelos dados da tabela acima podemos perceber claramente que o período de maior saída de imigrantes da Alemanha, se deu em 1850/1859, consequências das Revoluções Liberais e das perseguições e lutas que se seguiram logo após e 1880/89, como resultado da década anterior, de grave depressão econômica, desemprego e fome.

Como já era de esperar, no caso do Brasil, grande parte dos imigrantes que aqui chegavam, se dirigiam às grandes lavouras cafeeiras e, em menor escala, trabalhadores que se dirigiam às cidades:

“As primeiras levas de emigração em massa para o Brasil se destinaram, em sua grande maioria, ao trabalho assalariado, de contratação de serviços ou em regime de colonato para as grandes lavouras. Para os centros urbanos emergentes, vinham também imigrantes que se dedicavam ao setor de serviços, ao artesanato ou ainda, ao trabalho fabril, nos quais a industrialização começava a se processar.”³⁶

Sabe-se da presença de imigrantes alemães desde 1808, e que grande é e era o número de imigrantes alemães e seus descendentes no sul do Brasil. Muitos deles, principalmente os do século XIX, nunca assimilaram maneiras, costumes, idéias ou ideais brasileiros.

A primeira grande afluência de imigração alemã para o Brasil foi refreada entre 1834 e 1840, por causa da política interna brasileira. Mas após 1840, esse fluxo de imigrantes começa a aumentar, principalmente após as Revoluções Liberais em 1848 na Europa. A partir daí, foram estabelecidos os principais centros de assentamentos de influência alemã, no sul do país.

A maior parte dos imigrantes alemães no Brasil concentrou-se no sul do país. Mas também existiam colônias no Paraná, em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia. Em nenhuma dessas áreas eles são tão numerosos como no Sul. Mas, ao contrário do que acontece no Sul, onde eles preservaram seus costumes e línguas, nessas outras regiões os alemães e seus descendentes aculturaram-se à nova pátria. Interessante citar que, como Harring já havia observado, “a maior parte do comércio de exportação e importação, assim como a maior parte das indústrias no sul do país, estavam nas mãos de alemães.”³⁷ Sobre o Espírito Santo, Jean Roche³⁸ nos diz que, os

³⁶ Magalhães, Marionilde Brepohl, op.cit., pág. 19

³⁷ Harring, C. H., op. cit., pág. 57

imigrantes alemães que se dirigiram ao estado tinham por objetivo primordial a exploração da terra, através da pequena propriedade. Com o passar do tempo, esse sistema entra em crise, dando origem ao sistema de meação.³⁹Esses imigrantes não sobressaíram-se no ramo comercial, salvo algumas poucas exceções, pois, “eles estavam **ipso facto** condenados a permanecer ligados nos aspectos positivos assim como nos negativos, à prosperidade da agricultura, (...), uma que, salvo exceção, não preparavam a extensão de seu setor ou a transferência de seus capitais”.⁴⁰Também Frederick Luebke, mostra que esses imigrantes no E. S., habitavam áreas isoladas, onde praticavam a agricultura, e poucos eram os que se integravam ao comércio ou à indústria.⁴¹

Cabe lembrar que enquanto os imigrantes alemães que se dirigiam para o sul do país, iriam ter papel fundamental na manutenção da fronteira platina e no abastecimento do mercado interno, através da pequena propriedade, os imigrantes que se dirigiram para as terras paulistas, eram na verdade colonos que iriam trabalhar nas lavouras de café:

“(...) é válido lembrar que a emigração para o sul do país ocorreu de forma diferente daquela que veio, por exemplo, para os campos e cidades paulistas. Lá, o imigrante chegava e ia trabalhar em sua pequena propriedade, dedicando-se quase exclusivamente à produção agrícola.”⁴²

Um balanço da expansão alemã em direção ao Brasil no fim do século 19 e início do século 20 demonstra vetores de penetração em todos os setores. De uma significativa população emigrada passando pelo capital bancário e comercial, até as várias modalidades do capital industrial, que por sua vez ingressou tanto no setor de bens de consumo como de capital e de matérias-primas, a presença alemã consolidou-se no início do século 20 tanto na zona urbana quanto na zona rural.

É justo assinalar que essa presença multifacetada é única no Brasil. Nenhum país assumiu essas características. Ou havia nacionalidades que substancialmente tem presença pela emigração (Itália) ou presença eminentemente comercial, transporte e mineração (Inglaterra). Já a presença alemã se dá em todos os poros da economia, ainda

³⁸ Roche, Jean, *A Colonização alemã no Espírito Santo*, São Paulo, Difel, 1968

³⁹ Roche, Jean, op.cit., pag. 128

⁴⁰ Roche, Jean, op.cit., pág. 128

⁴¹ Luebke, Frederick C. *Germans in Brazil – A Comparative History of Cultural Conflict During World War I*, Louisiana State University Press

que geograficamente essa presença não seja disseminada. É nesse passo que a imigração para o sul do país e para o Espírito Santo tem significado para mapear a presença de cunho agrícola desses imigrantes.

Podemos distinguir 4 grandes períodos distintos de emigração alemã: antes de 1848, a partir de 1848, a partir de 1870 e já no século XX.

Os grupos de imigrantes anteriores à 1848 e que para o Brasil se dirigiram após a “Abertura dos Portos às Nações Amigas”, eram compostos em sua maioria por camponeses, que haviam sido expulsos de suas terras e estavam escapando da fome e da marginalização. Os motivos que os levaram a imigrar eram sobretudo econômicos. Além disso, a perspectiva de se estabelecerem num país onde pudessem reproduzir o seu tradicional estilo de vida (nas pequenas propriedades), era extremamente tentador.

Os imigrantes pós 1848 eram em sua maioria intelectuais, profissionais liberais, operários, etc., que fugiam dos Estados Germânicos por razões políticas (revoluções liberais). Muitos ao aqui chegarem, num primeiro momento se estabeleceram em lavouras.

Os que aqui chegaram pós 1870, já eram alemães, portanto traziam consigo a noção de unidade e de nação e fugiam da crise econômica que lá havia se instalado. Nessa leva vieram tanto alemães citadinos como camponeses. Possuíam o ideal de reconstruir nos países que os acolhessem, a vida alemã que haviam conhecido. Construíram escolas, igrejas, sociedades de ajuda mútua, etc.. Tais ideais combinavam perfeitamente com os ideais de expansão do Império alemão e marca a disputa por mercados fornecedores de matérias-primas e de mercados consumidores de produtos industrializados. Também casa perfeitamente com a política imigratória do governo brasileiro, de branqueamento da raça e da substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado. Também a partir de 1870, membros de vários movimentos protestantes migram para o Brasil, com a idéia da “missão evangelizadora”. Para reforçar esses dados, apresentamos os argumentos de Marionilde Brepohl Magalhães:

⁴² Karastojanov, Andrea Mara Souto, op.cit., pag. 75

“ A partir de 1870, outros grupos de trabalhadores se deslocam para o Brasil e com eles, a experiência de nação. No caso dos alemães, não são apenas ex-camponeses de pequenas aldeias ou trabalhadores urbanos que fogem da proletarização; tomaram-se cidadãos do Reich, de uma Alemanha unificada que, apesar de continuar expulsando mão-de-obra, neles incutirá um forte sentimento de pertença, veiculado pela escola primária e pela literatura, que conquista um mercado consumidor cada vez mais amplo e fiel. (...) no último terço do século XIX o número de imigrantes é bem mais expressivo do que nas décadas anteriores. Este novo impulso se deve ao desenvolvimento econômico e político de ambos os países. A industrialização mais acelerada na Alemanha, o sucesso relativo do discurso imigrantista no Brasil e a propaganda, seja oficial, de empresas, ou dos próprios colonos, através de correspondências, atraíram novos grupos para a região. Some-se a isto o alto crescimento econômico ali observados.”⁴³ (...)há que se ressaltar que a denominada unificação alemã de Bismarck foi produto de uma revolução “de cima”, que impôs a hegemonia prussiana sobre outros estados alemães, provocando inúmeras tensões na sociedade em questão, dividindo-a, no seu estágio militar, entre dois grupos distintos: os inimigos e os amigos do império (Reichsfeinde e Reichsfreunde). Destes, naturalmente, seria o primeiro grupo a emigrar com maior intensidade e a não manter, pelas mesmas razões, os mesmos sentimentos que os demais.”⁴⁴

Sobre a imigração no século XX podemos ressaltar que os motivos que levaram indivíduos a atravessar o Atlântico, vão desde econômicos, no caso, as crises que se instalam na Europa, principalmente pós Primeira Guerra, políticos e religiosos (perseguições aos judeus):

“As regiões de procedência dos imigrantes no século XX são também de difícil avaliação, pois são mais diversificadas do que as do período anterior, como variadas são as razões de emigrar (...)Não poucos alemães vieram de antigas colônias africanas, transferidas para o domínio dos aliados após a Primeira Guerra. Outros vieram da Prússia, da região do Volga, exilados ou fugitivos da revolução, num processo de continuidade daqueles que migraram devido às perseguições religiosas decorrentes do pan-eslavismo no século XIX. A Sociedade Colonizadora Hanseática, antiga Sociedade Colonizadora de Hamburgo, prossegue suas atividades no primeiro terço deste século, conseguindo, em 1924, firmar um acordo como governo brasileiro que destina 600 mil hectares do estado de Santa Catarina para a colonização, resultando na

⁴³ Magalhães, Marionilde Brepohl, op. cit., pág. 28

⁴⁴ Magalhães, Marionilde Brepohl, op. cit., pág. 32

formação da colônia Ibirama. Sobretudo, e independentemente da intervenção estatal, as duas guerras se configuraram o principal fator de expulsão destes indivíduos, oriundos de todas as regiões da Alemanha.⁴⁵

Uma ilustração da imigração alemã para o Brasil, pode-nos ser oferecida pelos dados coletados por Marionilde B. Magalhães, com base no trabalho de Gertz⁴⁶:

TABELA 2: Imigrantes de origem alemã no Brasil 1900 – 1939

Período	Número de Imigrantes
1900-1909	13.848
1910-1919	25.902
1920-1929	75.839
1930-1939	27.629
Total	143.218

TABELA 3: Distribuição regional dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil 1935

Estado	Número de imigrantes e descendentes
RS	600.000
SC	220.000
SP	90.000
PR	70.000
RJ	25.000
ES	15.000
Total	1.020.000

1.4 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ PARA O ESTADO DE SÃO PAULO

Os primeiros alemães chegaram a São Paulo no ano de 1827. Motivos tanto da ordem política como econômica e até religiosa levaram muitos alemães a procurarem a sorte longe de seus lugares de origem, como o Estado de São Paulo no Brasil. Afinal, o país acolhedor era um destino promissor: alguns anos antes, em 1822, deixara de ser um colônia portuguesa e agora era um jovem país que precisava de mão-de-obra e que possuía uma grande extensão de terras para concessão, além da possibilidade de trabalho em parceria nos campos. Algum tempo depois da chegada dos imigrantes em

⁴⁵ Magalhães, Marionilde Brepohl, op. cit., pág. 40

⁴⁶ Gertz, René, *O fascismo no Sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987

São Paulo e muitas querelas depois, ficou firmado entre os alemães e o Conselho Municipal, a fundação da “Colônia Velha”, ao sul de Santo Amaro. Muitos alemães então, criaram raízes em Santo Amaro, Itapeverica da Serra, São Roque e Embu.

“Somente a partir de 1850 a colônia alemã começou a desempenhar um papel de maior destaque em São Paulo, que naquela ocasião já se encontrava em franco desenvolvimento. (...) As duas guerras mundiais desencadearam novas ondas imigratórias da Alemanha. Porém, aos mesmo tempo a vida dos colonos alemães em São Paulo sofreu mudanças radicais: o idioma alemão foi proibido em público e as entidades alemãs tiveram que fechar suas portas...”⁴⁷

A demanda por uma representação consular se tornou cada vez mais forte, pois no início o único ponto de contato entre os alemães era o Consulado Geral da Prússia no Rio de Janeiro. A *Cidade Livre Hanseática de Hamburgo* nomeou, em 1844, o exportador de café Theodor Wille para vice-cônsul em Santos. Após a fundação do Império alemão, foi estabelecido em São Paulo, em 1872, o Consulado Geral do Império. Hoje existe um Consulado Geral em São Paulo e um Cônsul Honorário em Santos e em Campinas.

Podemos portanto afirmar que, a presença de alemães em São Paulo era sentida sobretudo em Santos (o porto exportador da província, o porto que irá fazer o escoamento de café e receber as máquinas importadas pela nascente indústria paulista), São Paulo (capital da província e lugar onde a maior parte da indústria paulista irá se desenvolver) e a cidade de Campinas (onde existia uma colônia teuta e alemães cidadãos)⁴⁸. Inclusive, nessa mesma cidade, chegaram até a fundar sociedades de Instrução e Leitura, a partir da segunda metade do século XIX. Uma dessas sociedades, acabou por se transformar no famoso “Colégio Rio Branco”⁴⁹. Desnecessário dizer, que outras regiões do Estado também tiveram imigrantes alemães que para lá se dirigiram. Ainda, um dos imigrantes alemães mais lembrado no Estado de São Paulo, é Francisco Schimidt, que foi um dos maiores proprietários de pés de café no Estado, na região de Ribeirão Preto.⁵⁰

⁴⁷ *Jornal do Imigrante*, op.cit., pág. 2

⁴⁸ Segundo Andrea Mara Souto Karastojanov, em 1873 10% dos moradores de Campinas eram de origem alemã: 750-1.000 pessoas para uma população total de 8.000-10.000 habitantes.

⁴⁹ *Karastojanov*, Andrea Mara Souto, op. cit., pág. 70

⁵⁰ Francisco Schmidt nasceu em 1850, perto de Worms, na Alemanha, chegou ao Brasil com sete anos de idade. Seus pais trabalharam como colonos em diferentes fazendas. Schmidt afirmava ter sido também colono, presumivelmente ainda durante a sua infância. Apesar de analfabeto, acumulou fortuna como comerciante, antes de tornar-se cafeicultor. Comprou a primeira fazenda logo após a abolição em Ribeirão Preto. Em 1914, já possuía 10 milhões de cafeeiros e empregava 11.000 colonos na área de Ribeirão Preto.

Ao contrário do que aconteceu no sul do país, os imigrantes que se dirigiram para o Estado de São Paulo, não estavam ligados à questão da fronteira. Vieram como alternativa ao trabalho escravo⁵¹. No lugar do trabalho compulsório negro, a mão-de-obra branca assalariada. No caso dos imigrantes alemães que vieram para o Estado de São Paulo eram na sua maior parte, de procedência urbana com uma profissão. Mesmo tendo como primeiro destino as lavouras de café acabavam se deslocando para as cidades. Mas também vieram imigrantes que se fixaram diretamente nas cidades, atraídos pela possibilidade de se estabelecerem nos setores de serviços, artesanato ou ainda, quando dos primórdios da indústria brasileira, como operários. Muitos agricultores que se instalaram no Brasil, possuíam outra atividade tais como: carpinteiro, tecelão, açougueiro, etc. De certa forma, esses indivíduos ajudaram no abastecimento de mão-de-obra no setor de serviços.

Com exceção dos estados do sul, o número de imigrantes alemães que se dirigiram para outras áreas do Brasil, era reduzido, exceto na cidade de São Paulo e no estado do Espírito Santo.⁵²No Estado de São Paulo os imigrantes se dirigiam, sobretudo, para as lavouras de café. Estabeleceram-se nas cidades de São Paulo, Rio Claro (implantou-se um sistema de parceria, mas só poucos tiveram sucesso) e Santos. Os imigrantes alemães criaram organizações de ajuda mútua, hospitais, clubes, jornais, etc., na tentativa de recriar e passar adiante, seus costumes natais e seus ideais. Era uma tentativa de reconstruir na nova pátria, um pouco da Alemanha que haviam deixado para trás.

Em 1896 o número de alemães em São Paulo era de 10.000. Em 1907, chegou a 350.000, o equivalente a 2% da população brasileira. A Alemanha tinha cada vez mais interesse na América do Sul, principalmente no Brasil, onde sua presença cada vez mais se acentuava, através da expansão das zonas de colonização alemã, cujos habitantes conservavam a homogeneidade étnica e cultural.⁵³

Durante algum tempo, foi também chefe político da região, posição que perdeu durante a Primeira Guerra, dada sua ascendência alemã. (Love, Joseph, *A Locomotiva: São Paulo na federação brasileira 1889-1937*, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982, pág. 117)

⁵¹ “Em São Paulo a questão da imigração não estava ligada à defesa e ocupação da terra contra a ameaça platina, nem ao extermínio de grupos indígenas. Aqui o interesse fora, (...) o da substituição do trabalho escravo”, Karastojanov, Andrea Mara Souto, op.cit., pág.75

⁵² Luebke, Frederick C, op.cit., pág. 26

⁵³ Bandeira, Moniz, *O Milagre Alemão e o Desenvolvimento do Brasil*, São Paulo, 1994

TERCEIRA PARTE

1.5.DADOS HISTÓRICOS DAS RELAÇÕES ENTRE BRASIL E ALEMANHA

Segundo Sérgio Buarque de Holanda⁵⁴, as relações entre Brasil e Alemanha são diferentes das demais relações do Brasil com outras nações. Na época do Segundo Reinado, nos primeiros anos, houve uma redução na intensidade dessas relações. Isso se deve ao fato de que nesse período, a Alemanha (Estados Alemães) estava numa fase difícil: enfrentava problemas oriundos da tarefa de unificação nacional, que afastava o país do jogo das grandes potências, no qual o papel preponderante cabia aos britânicos.

Nessa época, também não houve grandes aplicações de capitais germânicos no Brasil; pois esse tipo de investimento quando existia, partia diretamente dos colonos. Mas, do ponto-de-vista comercial, o Brasil estava disposto a ampliar seu intercâmbio com a Alemanha.

Antes mesmo de assinado o tratado onde se reconhecia a independência do Brasil, 2/3 da produção açucareira brasileira, tinha como destino o porto de Hamburgo.

“Após 1827 as transações intensificaram-se, apresentando-se os alemães, inclusive, com ao menos uma clara vantagem sobre os comerciantes britânicos, detentores de incontestável preponderância no mercado brasileiro. (...) os ingleses queriam vender seus produtos manufaturados, mas podiam buscar os produtos coloniais onde quisessem; vendiam ao Brasil, em vista disso, mais do que compravam. Os alemães, ao contrário, interessavam-se preliminarmente pela aquisição de café, açúcar e o mais que o Brasil pudesse oferecer; em troca disso, punham à disposição produtos industriais, mas pagavam o restante em dinheiro, resultando daí deixarem no país mais dinheiro do que dele recebiam. Graças a isto, já em 1822, estava a Câmara de Comércio de Hamburgo em condições de acentuar a significação de sua cidade para as exportações brasileiras.”⁵⁵

Em 1853, instala-se uma linha regular de navegação para o Brasil, a partir de Hamburgo. Sua designação era: *Hamburg-Brasilianische Paketschiffahrt-Gesellschaft*. A

⁵⁴ Holanda, Sérgio Buarque de, História Geral da Civilização Brasileira, Tomo II: O Brasil Monárquico, 4^o Volume, Declínio e Queda do Império, Capítulo 5, Difel, São Paulo, 1982.

⁵⁵ Holanda, Sérgio Buarque de, op.cit., pag. 220

partir da unificação política alemã, houve o desenvolvimento da marinha mercante alemã, cabendo a Hamburgo o papel decisivo nos contatos com o Brasil. Em 1867 fundou-se a *Brasilianische Dampfschiffahrts – Gesellschaft*, predecessora da *Hamburg – Suedamerikanische Dampfschiffahrts Gesellschaft* (mais conhecida como *Hamburg Sued*) cujos navios, a partir de 1871 representavam o nome de Hamburgo no Atlântico Sul. E, em 1876 estendeu suas linhas para o Brasil, o *Norddeutscher Lloyd*, que fora fundado em Bremen em 1857.

A presença de comerciantes alemães em terras brasileiras, segundo Sérgio Buarque de Holanda, é mais antiga do que podemos imaginar:

“O estabelecimento de comerciantes alemães no Brasil não era novidade, remontando, quando mais não fosse, ao tempo dos holandeses. Com a vinda de D.João o panorama tomara-se propício à vinda de novos elementos, melhorando ainda com o reinado de D.Pedrol. Assim sendo, quase sem qualquer dúvida, podemos afirmar que a maior parte das 98 firmas alemãs radicadas na América do Sul, (...), localizava-se em território brasileiro.”⁵⁶

Alguns exemplos de comerciantes alemães no Brasil:⁵⁷

⁵⁶ Holanda, Sérgio Buarque de op.cit., pág. 222

⁵⁷ A presente tabela foi montada a partir de dados retirados da obra já citada de Sérgio Buarque de Holanda. Merece atenção o fato que em tabelas oficiais do Ministério da Fazenda, reproduzida ao final desse trabalho, a primeira empresa alemã (sociedade mercantil), instalou-se no Brasil em 1873. O descompasso entre as datas apresentadas por Sérgio Buarque e as datas fornecidas pela tabela oficial do Ministério da Fazenda, deve-se ao fato que, essa tabela foi publicada após a outorga do Código Comercial de 1850. Até essa data, não haviam registros oficiais de empresas. Portanto, a primeira empresa alemã aqui instalada, após a vigência do citado código, se deu em 1873. Muito provavelmente, Sérgio Buarque utilizou-se de dados não oficiais, fontes secundárias. Nesse presente trabalho, iremos nos utilizar e basear as pesquisas, nos dados oficiais, como a citada tabela do Ministério da Fazenda. Vale a pena lembrar, que talvez esses dados fornecidos por Sérgio

TABELA 4: Exemplos de comerciantes alemães no Brasil

NOME DO ESTABELECIMENTO	ANO DE INSTALAÇÃO NO BRASIL	RAMO DE ATIVIDADE	OBSERVAÇÕES
Friedrich Bahre	?	Comércio com as costas africanas e brasileiras	
Santos & Monteiro	?	Comércio com as costas africanas e brasileiras	Comercializavam com a Alemanha e um dos sócios era alemão.
Cesar Hartung	?	Comércio com as costas africanas e brasileiras	Transferiu-se de Serra Leoa para o Brasil
Adolph Schramm	1831	Plantação e Comercialização de Açúcar e Importação de Produtos Industrializados Alemães.	Interessou-se depois, pela imigração alemã.
Theodor Wille	1844	Exportação e Importação	Instalou-se em Santos, mas possuía ramos em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Outro dado importante, nos diz respeito ao fato que, em 1886, tratando da indústria açucareira estabelecida pelos britânicos em Pernambuco, chamava a atenção o fato da preferência dada ao maquinismo de origem francesa ou alemã. Também por essa época, as importações do porto de Santos estavam em mãos alemães.

Os produtos coloniais que mais atraíam os alemães eram: açúcar, café, madeiras de tinturaria, tabaco, couros, arroz, madeiras de marcenaria, aguardente, pimenta, anil, melão, peles, cacau, gengibre, doces, etc. Tanto o tabaco quanto o café, foram largamente exportados para Hamburgo.

Buarque de Holanda, refiram-se não à empresas alemãs; mas sim à empresas brasileiras com capital alemão,

“À firma Theodor Wille coube iniciar o embarque de café no porto de Santos, evitando-se assim que o produto paulista fosse levado primeiramente para o Rio de Janeiro. Isto beneficiou enormemente a vida econômica paulista, fazendo com que, na década de 1880, já dezesseis firmas alemãs exportassem mais de metade do café brasileiro pelo porto de Santos.”⁵⁸

As dificuldades alemãs no intercâmbio com o Brasil eram dadas graças a concorrência de outros países, especialmente a Inglaterra; mas também havia a presença norte-americana e a francesa. Dentre os artigos alemães importados pelo Brasil, salientavam-se as malhas e os comestíveis finos. Em 1896 a Alemanha merece destaque na maioria dos itens de importação brasileira. Cabe-lhe o primeiro lugar em vários itens como: roupas brancas, máquinas para a agricultura, indústria e usos caseiros, etc...

1.6. Alguns exemplos de Empresas Alemãs

Segundo Zuleika Alvim⁵⁹, ao chegar à nova pátria, o imigrante tenta reproduzir no novo solo, os costumes de sua terra natal. Isso se aplica tanto aos costumes sociais e religiosos, quanto aos hábitos alimentares. Sem dúvida nenhuma há uma miscigenação de cultura, costumes e hábitos. Mas também há a tentativa de preservar hábitos ancestrais. No caso alemão, além de preservarem a língua e o credo religioso, sobretudo no sul do país, os hábitos alimentares também foram mantidos. Vemos, nesse contexto, o surgimento de hábitos aos quais os brasileiros não estavam acostumados. Novos bens de consumo convivem e até suplantam, em alguns casos, os bens de consumo tradicional. Surgem as primeiras cervejarias, os embutidos e derivados de carne de porco tanto apreciados pelos alemães, etc.

Sérgio Silva, ao analisar a indústria brasileira e a expansão cafeeira, demonstra que, “o próprio núcleo da burguesia industrial nascente encontra as suas origens da emigração européia. (...) A burguesia brasileira, em particular a burguesia industrial

ou, ainda, empresas fundadas por imigrantes alemães já instalados no Brasil.

⁵⁸ Holanda, Sérgio Buarque, op.cit., pág. 228

⁵⁹ Alvim, Zuleika, op. cit.

paulista está ainda hoje profundamente marcada por essa origem: a imigração iniciada no final do século XX.”⁶⁰

Segundo dados de Sérgio Buarque de Holanda,⁶¹ comerciantes e empresários alemães já estavam presentes no Brasil desde o começo do século XIX. Mas, para nosso trabalho, a pesquisa começa em 1873⁶², data da primeira empresa alemã instalada no Brasil, segundo dados do Ministério da Fazenda. Anteriormente à essa data, já haviam algumas empresas no país. O trabalho de Sérgio Buarque é prova disso, mas os dados não eram oficiais. Só houve uma preocupação sistemática e formal com dados de empresas no país, após 1850 quando da introdução do Código Comercial. Portanto, com relação às empresas estrangeiras, só houve uma formalização dos dados, após esse período. E a primeira empresa alemã a se instalar no país, após a implementação do Código, foi em 1873, a Sociedade Transatlântica de Seguros (Decreto Lei de autorização de funcionar em 29/03/1873) com sede na Alemanha.

A primeira e maior fábrica têxtil de lã (a da Companhia União Fabril do Rio Grande do Sul, inicialmente conhecida como Fábrica Nacional de Tecidos de Lã) foi instalada por um imigrante alemão em associação com capital nativo (Rheingantz & Cia). Em 1889 ela foi convertida em sociedade anônima. Era muito lucrativa; não só eram pagos grandes dividendos de maneira regular, mas também os lucros foram reinvestidos para a diversificação dos negócios através da adição de uma fábrica têxtil de algodão e uma sacaria de juta na década de 1880.⁶³

Além disso, muitos imigrantes alemães abriram seus próprios negócios no país; e, muitas casas comerciais e bancos acabam instalando suas filiais no Brasil. Gilberto Freyre (1977), observa que os imigrantes não tinham preconceito contra o trabalho manual, característico da sociedade brasileira tradicional e passariam a controlar de maneira crescente o artesanato e o comércio de retalhos no centros urbanos mais importantes.

⁶⁰ Silva, Sérgio, *Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil*, Alfa Omega, São Paulo, 1976, p.91

⁶¹ Holanda, Sérgio Buarque de, op.cit

⁶² No capítulo 3, analisaremos com mais calma os referidos dados. Esses dados correspondem ao período de 1873 até 1940. Os dados a que nos referimos, é uma publicação do Ministério da Fazenda: Tabela sobre “*Sociedades Mercantis Autorizadas a funcionar no Brasil (1808 - 1946)*”. Obra organizada pelo Ministério da Indústria e Comércio, publicação do Departamento Nacional de Indústria e Comércio, publicado pela Imprensa Nacional, em 1947.

Dando exemplos de presença alemã, podemos citar as fábricas de calçados e botas no Rio Grande do Sul, cujo maquinário é de procedência alemã.

Um ramo que foi desenvolvido por imigrantes alemães e que hoje é um dos setores mais lucrativos da economia do país é o ramo das cervejarias. A produção de cerveja pode ser considerada um dos ramos mais importantes da indústria de transformação no Brasil nos primórdios do desenvolvimento industrial. Nas estatísticas de 1907, as cervejarias ocupavam o terceiro lugar em montante de capital investido. A produção de cerveja representava também a parcela mais importante do valor total das bebidas produzidas no país: 74%, em média, nos anos de 1911-1913 e 73,15 (em termos de valor agregado) em 1919. A influência de empresários imigrantes, especialmente alemães, foi de importância decisiva para esse desenvolvimento. De fato, o mercado interno dava preferências à cerveja leve do tipo produzido pelos cervejeiros alemães. De início houve uma mudança nas importações, com a cerveja alemã deslocando quase inteiramente as marcas inglesas, mais fortes e mais caras, especialmente no Sul. Em seguida, foi iniciada a produção em grande escala no Brasil do mesmo tipo de cerveja leve que se importava da Alemanha, em muitos casos por iniciativa de imigrantes alemães, que usavam máquinas alemãs, empregavam técnicos especializados alemães e malte e lúpulo quase todo importado da Alemanha e Áustria.⁶⁴

Como exemplos de algumas cervejarias podemos citar: a cervejaria de propriedade de F.G. Lindschied em Petrópolis e a de Antônio Klinger, no Rio Grande do Sul. Outras cervejarias foram instaladas entre fins da década de 1880 e início da década de 1890, que viriam a se tornar de fato as maiores cervejarias do país por muitos anos: a Cervejaria Brahma, no Rio de Janeiro e a Cervejaria Antarctica em São Paulo.

A Fábrica de Cerveja Guanabara foi fundada em 1886 pela Faust & Schmidt. Empregava 30 operários, todos estrangeiros, provavelmente imigrantes. A Cervejaria de F.G. Lindschied em Petrópolis ficaria conhecida como Companhia Cervejaria Bohemia.⁶⁵

⁶³ Suzigan, Wilson, op.cit., pág.162

⁶⁴ Suzigan, Wilson, op.cit., pág. 218

⁶⁵ Suzigan, Wilson, op.cit., pág. 219

No que diz respeito às grandes cervejarias, a Brahma foi estabelecida no Rio de Janeiro em 1888. No final da década de 1890 tinha capacidade para distribuir 30.000 garrafas por dia e ainda cerveja em barris. No dia 12 de agosto de 1904, com a produção de seu chopp em tonéis chegando a 6 milhões de litros e com 9 depósitos, todos no centro do Rio de Janeiro, nascia a Companhia Cervejaria Brahma, da fusão entre Georg Maschke & Cia Cervejaria Brahma e da Preiss Häussler & Cia Cervejaria Teutonia.

Ainda segundo Wilson Suzigan (1986), a Cervejaria Bavária foi fundada em 1890, em São Paulo, por Henrique Stupakoff e Co.⁶⁶ No tocante à Antárctica, podemos dizer que foi fundada em 1888 em São Paulo, mas sua organização como sociedade anônima data de 1891. Os acionistas eram, em sua maioria, empresários locais, mas entre eles contavam-se dois brasileiros naturalizados, de origem alemã: João Carlos Antônio Frederico Zerrener e Adam Ditrik von Büllow, proprietários de uma importadora em São Paulo, a Zerrener, Büllow & Cia. A Cervejaria Antárctica estava equipada com moderna maquinaria alemã e contando com técnicos alemães. Em 1899, o capital da firma foi aumentado e consta que ao final do século, a companhia estava produzindo 42.000 litros de cerveja em 24 horas, empregando 300 operários. Em 1904, a Companhia Antárctica comprou sua rival no mercado paulista, a Cervejaria Bavária, dando início a um processo de rápida expansão e diversificação. Este processo de expansão continuou e a empresa veio se tornar uma das maiores - se não a maior - fabricante de bebidas no país, mesmo nos dias de hoje.

Ainda como exemplos de capital alemão no Brasil, podemos citar as indústrias de máquina de beneficiar café de Siciliano-Engelberger e fábricas de pregos na cidade do Rio de Janeiro.⁶⁷

Outras empresas, mesmo de capital nacional, utilizavam-se de maquinaria totalmente alemã, como as de tecnologia da marca Siemens. Eram usadas principalmente na indústrias metal-mecânica e de fundição. Com relação à Siemens, podemos dizer que no ano de 1867, vinte anos de pois de sua fundação mundial, a empresa foi responsável

⁶⁶ Suzigan, Wilson, op.cit., pág. 220

⁶⁷ Para maiores detalhes a respeito das indústrias Siciliano, conferir em: Dean, Warren, *A industrialização de São Paulo- 1880-1945*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1991

pela instalação dos equipamentos repetidores de uma linha telegráfica que ligou o Rio de Janeiro à Província de São Pedro, atual Estado do Rio Grande do Sul.

Quanto ao setor químico-farmacêutico podemos dizer que em 1936 uma fábrica de produtos químicos começou a funcionar em Alcântara (RJ), produzindo soda cáustica e seus subprodutos, além de outras substâncias químicas. Dizia-se que a fábrica estava equipada com maquinaria alemã e era dirigida por técnicos também alemães. Parte dos investimentos foi financiado pela Caixa Econômica do Rio de Janeiro. Também no início da década de 30, instalou-se uma filial da Bayer alemã no Rio de Janeiro.⁶⁸

⁶⁸ Suzigan, Wilson, op.cit., pág.310

CAPÍTULO 2: A INDUSTRIALIZAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO E AS EMPRESAS ALEMÃS – 1873-1940

2.1. A INDUSTRIALIZAÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO: ASPECTOS GERAIS

Para se estudar a industrialização, quer seja de um Estado ou região, ou de um país é necessário, antes de tudo, abordar a questão da consolidação do capitalismo no lugar e no período no qual o estudo está sendo discorrido.

Segundo Wilson Suzigan, depois de permanecer estagnada por três quartos de século, a economia brasileira iniciou uma era de progresso a partir de meados do século XIX: "(...) já que o fraco desempenho da economia agrícola-exportadora baseada no trabalho escravo representava o mais sério desestímulo à diversificação da atividade econômica." Entretanto, a partir da segunda metade da década de 1850, o progresso econômico acelerou-se com o aumento nos preços do café e a expansão das exportações de algodão.⁶⁹ Pelo menos até o final da década de 1920 esse progresso baseou-se na expansão do setor agrário-exportador⁷⁰. Vamos agora tentar inserir o Estado de São Paulo nesse cenário:

"Em sua fase inicial, a industrialização de São Paulo, como a das demais regiões periféricas ao grandes centros do Capitalismo mundial, foi determinada de fora para dentro, no contexto da expansão geográfica do modo de produção capitalista, pela qual se estabeleceria, a partir da segunda metade do século XIX, uma nova divisão internacional do trabalho. A formação de um mercado interno no Brasil, que serviria de base ao desenvolvimento do seu setor industrial, resultou diretamente da integração do País no mercado mundial como economia primário-exportadora. Ela decorreu basicamente da expansão da diversificação dos seus setores agro-exportadores – notadamente o do café – cuja demanda crescente de bens e serviços não poderia continuar a ser atendida tão somente por importações e pelas autoridades domésticas ou artesanais então existentes."⁷¹

⁶⁹ Suzigan, Wilson, op.cit., pág. 77

⁷⁰ Suzigan, Wilson, op.cit., pág. 15

⁷¹ Szmrecsányi, Tamás & Saes, Flávio, op.cit., 1987, pag. 08

Embora São Paulo não fosse a província mais importante, desde cedo desenvolveu-se como produtora de mercadorias, ainda que a circulação monetária não fosse muito desenvolvida.⁷²

Mas a partir do aumento das exportações de café paulista em 1850, a economia paulista toma um rumo interessante: os investimentos diversificaram-se através da criação de novos tipos de empresas: estradas de ferro, transporte urbano, iluminação a gás, etc. Segundo Flávio Saes, o mesmo empresário que está ligado à produção cafeeira, está ligado às estradas de ferro, ou à empresas comerciais comissárias, ou à empresas de serviços urbanos, ou, ainda, ao setor bancário.⁷³ Portanto, Flávio Saes nos mostra que, o capital bancário em São Paulo se consolida sem que haja a presença de um grupo de capitalistas financeiros: "(...) o capital bancário em São Paulo nasce da própria expansão do capital cafeeiro que busca formas específicas de investimentos."⁷⁴

"A industrialização de São Paulo dependia, desde o princípio, da procura provocada pelo crescente mercado estrangeiro de café."⁷⁵ E, ainda, a expansão das exportações do café estimulou a diversificação das atividades econômicas internas e a modernização da economia. "Na segunda metade da década de 1860, o aumento do investimento na indústria de transformação foi certamente estimulado por mudanças na política econômica em decorrência das despesas governamentais com a Guerra do Paraguai⁷⁶, as quais foram parcialmente financiadas por uma expansão do estoque de moedas."⁷⁷

No final do século XIX o mercado internacional de café expandiu-se muito: o consumo de café nos EUA e na Europa aumentava à medida que a industrialização nesses lugares levava à um crescimento da produtividade.

⁷² Saes, Flávio Azevedo Marques de, *Crédito e Bancos no Desenvolvimento da Economia Paulista – 1850-1930*, São Paulo, IPE/USP, 1986

⁷³ Saes, Flávio Azevedo Marques de, op.cit., pag. 89

⁷⁴ Saes, Flávio Azevedo Marques de, op.cit., pag. 89

⁷⁵ Dean, Warren, op.cit., p. 70

⁷⁶ A Guerra do Paraguai irá contribuir para que surja o capital-dinheiro, comprometido com a produção, onde começam a surgir os salários monetários na economia brasileira. A acumulação, até então exclusiva da economia mercantil urbana – comerciantes e banqueiros – começa a ter mecanismos independentes na produção do café. Essa nova produção pode incorporar assim avanços tecnológicos que seriam impossíveis na economia mercantil escravista. E é por essa fenda que penetrará o capital alemão seja na produção, seja em outros ramos de atividade, com por exemplo, o beneficiamento de café.

⁷⁷ Suzigan, Wilson, op.cit., pag. 79

As mudanças ocorridas em São Paulo podem ser sentidas pelo fato que:

“o sistema comercial foi-se tomando mais eficiente e mais amplo à medida que se estendiam os cabos submarinos, se fundavam as casas importadoras e se iniciavam as operações bancárias ultramarinas. São Paulo passou a experimentar a mesma eufórica prosperidade que se registrava simultaneamente em outras partes da América Latina.”⁷⁸

Segundo Warren Dean, o café era a base do crescimento industrial nacional, pois proporcionava o pré-requisito mais elementar de um sistema industrial: a economia monetária:

“Sem produção para exportar, os proprietários de terras de São Paulo pouca necessidade tinham de dinheiro em caixa ou de crédito. (...) Entretanto, assim que os lavradores encontraram um mercado que pagava em dinheiro os seus produtos, aumentou o volume do dinheiro em circulação e do crédito bancário. Resultado dessa tendência foi a instalação de umas poucas fábricas de tecidos na província, na década de 1870. (...) com o advento de mão-de-obra livre, o uso do dinheiro difundiu-se pela massa da população.”⁷⁹

Warren Dean nos deixa claro que, além de gerar a procura pela produção industrial, o café custeou as despesas gerais da manufatura nacional. Um exemplo disso pode ser dado pelas estradas de ferro: foram construídas pelos próprios fazendeiros do café com seus lucros, ou por companhias estrangeiras, interessadas no frete do café. Outros exemplos: o desenvolvimento do porto de Santos, a instalação de redes elétricas nas cidades; tudo isso, originário dos lucros advindos do café. Wilson Suzigan também nos mostra que o café foi o grande responsável por uma série de transformações sociais e econômicas na sociedade paulista.⁸⁰ A expansão das exportações de café aumentaram o tamanho do mercado interno (aumentou a circulação monetária, levando a um aparecimento do sistema bancário), a demanda por bens de consumo e maquinaria agrícola, etc. Provocou também transformações na infra-estrutura da sociedade, como o desenvolvimento do sistema de transportes (estradas de ferro, que poderiam integrar o mercado interno).

⁷⁸ Dean, Warren, op.cit., pág. 09

⁷⁹ Dean, Warren, op.cit., pág. 10

Também as primeiras fábricas foram beneficiadas com as transformações sociais originadas pelo café. A mão-de-obra imigrante, bem como a presença de técnicos especializados contratados na Europa, são frutos dessa “modernização” introduzida pelo café.

“Entretanto, um comércio de exportação animado e em rápida expansão não conduz necessariamente a uma empresa industrial nacional de certa importância. Com efeito, se observarmos os outros casos de economias orientadas para a exportação na América Latina, chegaremos à conclusão de que o desenvolvimento de São Paulo foi único. Como se poderá explicar sua unicidade? As análises dos primórdios da industrialização geralmente se concentram na questão do grau em que as manufaturas nacionais foram capazes de suplantar as importações. Este, sem dúvida, é um assunto importante, mas não será particularmente relevante às primeiras fases do desenvolvimento se tomar São Paulo como caso típico. Os primeiros produtos que ali se fabricaram foram aqueles cuja relação entre o peso e o custo era tão alta que até com técnica mais rudimentar custavam menos para produzir do que para comprar da Europa. Pelo menos até a década de 1920 os paulistas só estavam produzindo, com pouquíssimas exceções, artigos volumosos e de valor intrinsecamente baixo. (...) Percebe-se claramente que os recursos de São Paulo influíram no padrão de desenvolvimento inicial. (...) A falta de jazidas importantes de ferro, por outro lado, significava que a indústria metalúrgica continuaria sendo uma operação em pequena escala, que produzia peças sobressalentes, máquinas especializadas ou equipamento feito por encomenda.”⁸¹

Nessa fase inicial da indústria em São Paulo, o setor industrial estava à margem da economia orientada para a exportação, pois “a indústria continuava sendo uma empresa arriscada e mais especulativa que a própria plantação.”⁸² Os fregueses do setor industrial eram os agricultores e seus rendeiros. Afinal, “tanto os industriais quanto os fazendeiros, dependiam dos preços do café para cobrir seus custos de produção.”⁸³ Mas é importante citar que, “a acumulação de capital, propiciou o surgimento de uma classe empresarial.”⁸⁴

⁸⁰ Suzigan, Wilson, op.cit., pág. 16

⁸¹ Dean, Warren, op.cit., pág. 15

⁸² Dean, Warren, op.cit., pág. 15

⁸³ Dean, Warren, op.cit., pág. 15

⁸⁴ Suzigan, Wilson, op.cit., pág. 16

A industrialização retardatária em países periféricos, como o Brasil, nada mais é do que:

"(...) resposta das economias primário-exportadoras à crise no mercado internacional, desencadeada inicialmente pela Primeira Guerra Mundial e de forma mais definitiva pela depressão dos anos trinta (...) as origens da industrialização desses países foram bastante anteriores, e de que delas não estiveram ausentes quer a capacidade empresarial endógenas a essas economias e sociedades, quer a entrada de investimentos estrangeiros, resultantes da internacionalização do capital industrial dos países centrais."⁸⁵

A primeira fábrica instalada em São Paulo foi uma usina siderúrgica de nome Ipanema, em 1810. Já no ano seguinte, 1811, instalou-se uma fiação de algodão. Em 1836, uma refinaria de açúcar. Em 1852 uma usina de potassa em Bananal, uma fundição e uma fábrica de vidros. No ano seguinte fundou-se uma fábrica de chapéu. Na década de 1870 fundaram-se novas fiações e algumas serrarias. Em 1885 havia treze fiações de algodão e uma de lã, quatro fundições, uma fábrica de fósforos, algumas serrarias.

"O primeiro cálculo, que se supunha completo, das firmas industriais, ou seja, um relatório oficial datado de 1895 e que incluía apenas a capital do Estado, fazia menção de 121 firmas que se utilizavam de energia mecânica. Delas, apenas cinquenta e duas eram realmente firmas industriais. Onze empregavam mais de cem operários: três fiações, uma fábrica de cerveja, três fábricas de chapéus, uma fábrica de fósforos, uma fundição e duas oficinas ferroviárias."⁸⁶

Apesar desse início modesto, a economia de São Paulo foi aumentando em muito. Em 1920 São Paulo já era o centro industrial mais importante do país, passando o Rio de Janeiro. Na década de 1940, o Estado possuía a maior aglomeração de capacidade manufatureira de toda América Latina.⁸⁷

⁸⁵ Szmrecsányi, Tamás & Suzigan, Wilson, *Os Investimentos Estrangeiros no Início da Industrialização do Brasil*, Texto para Discussão n.º 33, UNICAMP/IE, Campinas, 1994

⁸⁶ Dean, Warren, op.cit., pág. 19

2.2. INVESTIMENTOS ALEMÃES NA AMÉRICA LATINA

Os investimentos alemães podem ser divididos em 2 categorias: investimentos diretos, quando o investidor controla diretamente o investimento, e investimento “passivo”⁸⁸, quando o investidor “renuncia” ao controle de seu capital, para uma corporação privada ou estatal (investimento em ações).

A partir do final do século XIX, os países latino americanos devido às políticas econômicas de seus governos, abriram as portas à imigração e aos investimentos europeus. Apesar da Alemanha comercializar com a América Latina desde o começo do século XIX, foi só a partir de 1880, que a economia alemã integrou-se fortemente à essa região, através da compra de matérias-primas e da venda de produtos manufaturados.

Um dos objetivos da expansão colonial era conseguir mercados consumidores e fontes de matérias-primas, para poder “fazer frente” aos outros países rivais da Alemanha, sobretudo França e Inglaterra. Para auxiliar o comércio alemão ultramarino, surgem na segunda metade da década de 1880, os primeiros bancos alemães fora da Europa, e, entre 1886 e 1887, alguns bancos alemães lançaram pela primeira vez nas bolsas de valores alemãs, ações estrangeiras (no caso, da Argentina).⁸⁹ Isso acabou se transformando numa maneira cômoda para os imigrantes alemães transferirem seus capitais da Alemanha, para outros países.

Com a fundação de bancos comerciais ultramarinos, os grandes bancos alemães começaram a se interessar pelos investimentos diretos: na construção de ferrovias, instalações elétricas, etc., na América Latina. O objetivo desses investimentos diretos era: construir, possuir e administrar diretamente, por exemplo, as ferrovias que foram sendo construídas fora da Alemanha (ex: a Santa Catharina Eisenbahn A G., fundada por um consórcio de bancos, dentre eles: Deutsche Bank, Disconto Gesellschaft, Dresden Bank e Bleichroeder). Em 1917, devido à Guerra, a Estrada de Ferro foi expropriada, e a concessão anulada.

⁸⁷ Dean, Warren, op.cit., pág. 20

⁸⁸ Young, George F. W., 1995, op.cit

Segundo Young (1995), estudos de autores alemães em 1910, sobre a década de 1880, observaram que a partir de 1882 o aumento da produção industrial era superior ao número de pessoas empregadas e que desde 1885 o aumento do número de pessoas empregadas era superior ao aumento da população em geral. E que, cada vez mais, se destacava uma política de exportações industriais, em especial por parte dos bancos alemães. Na segunda metade da década de 1880, houve uma repentina alta na exportação de capitais alemães.

Esta exportação de capital⁹⁰, ou investimento no exterior, guardava relação direta com a exportação de produtos industriais, pois facilitava aos compradores estrangeiros o dinheiro necessário para adquirir produtos alemães. O auge dos investimentos no exterior, segunda metade de 1880, foi em parte uma resposta à recessão nacional (1873-1877) e à nacionalização das estradas de ferro, que levaram à queda nas taxas de juros na Alemanha, tornando muito mais atrativos os investimentos no exterior, sobretudo no ultramar, com suas altas taxas de rendimento. E, como registra o autor, os investimentos no exterior prosseguem constantes até 1914, com a Primeira Guerra Mundial:

“El volumen de la inversión en el década de 1890 debida a la sobreespeculación de la fines de la década anterior prosiguió en una proporción más ou menos constante hasta 1914, aunque con notables picos en 1897, 1905 y 1913. Por tanto, una vez iniciada, la exportación de capitales alemanes avanzón sin cesar hasta el estallido de la primera Guerra Mundial a tal grado que para 1914 Alemania se habia vuelto el tercer mayor exportador de capital en el mundo después de Gran Bretaña y Francia.”⁹¹

⁸⁹ Young, George F. W., 1995, op.cit.

⁹⁰ Young, George F. W., 1995, op.cit., p. 98

⁹¹ Young, George F. W., 1995, op.cit., p. 98

2.3. BANCOS ALEMÃES EM SÃO PAULO: FINANCIAMENTO E CRÉDITO PARA A INDUSTRIALIZAÇÃO

Segundo Flávio Saes⁹², ao mesmo tempo que aumentava o número de bancos estrangeiros instalados em São Paulo, havia tentativas de ampliar o âmbito de suas atividades. No início, os bancos estrangeiros atuavam junto ao comércio de exportação e importação, em especial por meio de cobranças e desconto de cambiais e letras do comércio exterior. Essa função original dos bancos estrangeiros manteve-se ao longo do tempo dadas as vantagens que tais estabelecimentos tinham no trato desse tipo de transação.

Por causa desse privilégio em operar no financiamento do comércio exterior, os bancos estrangeiros também puderam efetuar operações cambiais especulativas; aonde realizavam ganhos por diferenças de câmbio.

Mas, a atividade dos bancos estrangeiros em São Paulo, no período, vai além do financiamento do comércio externo e da especulação cambial: tiveram também papel importante no financiamento da dívida pública (nacional e regional), através de empréstimos ao governo; e, também, após 1900, nota-se um grande movimento de capital estrangeiro. “O estabelecimento de empresas estrangeiras em São Paulo data de cerca de 1860, por meio da São Paulo Railway e da Companhia de Gás. A partir do fim do século, há tendência a ampliar a presença de sociedades formadas no exterior no domínio de empresas estabelecidas em São Paulo.”⁹³ Podemos perceber o avanço do capital estrangeiro em São Paulo, de 1906 até a Primeira Guerra Mundial, pelo fato de algumas empresas estrangeiras estarem se estabelecendo no Estado, em vários setores da economia, e não só no ramo bancário.

Dessa maneira, uma grande oportunidade se apresentava aos bancos estrangeiros: com a penetração de empresas de capital estrangeiro no Estado, há uma clara preferência por parte dessas empresas, em negociar com bancos cujas matrizes, estão no país de origem. Também esses mesmos bancos, muitas vezes atuavam como acionistas das empresas estabelecidas no Brasil. E essas grandes empresas aparecem

⁹² Saes, Flávio, op.cit., pág. 112

como clientes potenciais dos bancos estrangeiros. Dessa forma, segundo Flávio Saes, podemos perceber que agora há uma clara movimentação dos bancos, em direção ao mercado interno de crédito, através de recursos aqui obtidos e destinados a atividades internas. Tal tendência se consumaria a partir de 1910, quando alguns bancos definem política de clara concorrência com os demais, cuja expressão mais evidente é a abertura de agências em diversas cidades do interior.

Sobre a relação entre bancos estrangeiros e industrialização do Estado de São Paulo, uma importante contribuição para a elucidação dessa relação, no período que vai de 1880 até 1930, nos é apresentada por Flávio Saes e Tamás Szmrecsányi:

“(...)Esses foram os anos, tanto de maior avanço dos bancos estrangeiros no sistema bancário de São Paulo, como da primeira aceleração do processo de industrialização do Estado. No início dos anos vinte, a antiga província de São Paulo já havia assumido a chefia econômica do país, e sua cidade capital estava se convertendo rapidamente no principal centro industrial do país.”⁹⁴

Esse foi um período onde houve um aumento na produção e na exportação do café, bem como a expansão das ferrovias e o estabelecimento de uma administração regional completa e eficiente.

Os bancos estrangeiros foram importantes não só para o desenvolvimento do sistema bancário paulista, mas também para o financiamento da expansão dos nascentes setores manufatureiros do Estado.

A função dos bancos alemães na América Latina era de expandir o comércio exportador e os investimentos estrangeiros da Alemanha, principalmente a partir de 1880. Esses bancos estavam engajados na expansão financeira, mas sem que o Governo Alemão tivesse algum envolvimento direto, apenas sendo a favor de uma política

⁹³ Saes, Flávio, op.cit., pág. 116

⁹⁴ Saes, Flávio A. M. & Szmrecsányi Tamás, *El Papel de Los Bancos Extranjeros en La Industrialización Inicial de São Paulo*, in *Las Inversiones Extranjeras em América Latina, 1850-1930: nuevos debates y problemas en Historia Económica Comparada*, (org): Carlos Marichal, Fondo de Cultura Económica, México, 1995

expansionista de comércio ultramarino. A partir de 1905 o Ministério das Relações Exteriores da Alemanha passou a se interessar mais pelas atividades e expansões bancárias na América Latina. Bancos e Governo, na verdade, não se controlavam: trabalhavam juntos, principalmente a partir de 1905, com base num sentimento nacionalista. E na América Latina, a presença financeira teve muito mais sucesso que o imperialismo político alemão. Mas, por fim, o que valia não eram os sentimentos nacionalistas e sim, as operações de livre comércio.

Segundo Young⁹⁵:

“Entre 1880 e o começo da Primeira Guerra Mundial, os grandes bancos alemães participaram progressivamente nos países latino americanos, mediante a abertura de bancos transoceânicos – especialmente na Argentina, Chile e Brasil – com o fim de fomentar as exportações e os investimentos diretos alemães, nesses países.”

Bancos como o Deutsche Bank, o Disconto Gesellschaft e o Dresder Bank, participaram da emissão de bônus dos governos latino americanos e do investimento direto em bancos, estradas de ferro e empresas elétricas na região. Esses três grandes bancos alemães⁹⁶, junto com um certo número de pequenos bancos alemães, estiveram ativos tanto na compra como na emissão de bônus dos mais prósperos países da América Latina, no período que vai desde o final da década de 1880, até o desencadeamento da Primeira Guerra Mundial em 1914.

É significativo que se tenham centrado quase que exclusivamente na Argentina, no Brasil, no Chile e no México; afinal, as economias desses países eram as mais dinâmicas da América Latina em 1880, o que significava que esses países haviam se integrado à economia internacional e tinham “a sua parte do bolo” no comércio exterior da região. Foi por causa do comércio exterior, que os grandes bancos alemães decidiram abrir suas filiais nesses quatro países. O comércio da Alemanha com a Argentina, Brasil, Chile e México, representava, 87,8% do comércio total da Alemanha com a América Latina em 1890, e 87,6% em 1913.

⁹⁵ Young, George, F. W., 1992, op.cit., pág. 65

⁹⁶ Young, George F. W., 1995, op.cit., pág. 107

Além do mais, companhias estrangeiras eram, como era de se esperar, clientes preferencias de bancos estrangeiros. Empresas como Siemens e AEG tinham por detrás de si, as empresas matrizes em Berlim e os grandes bancos alemães.

Em 1887 o banco Disconto Gesellschaft estabeleceu seu banco filial no Brasil (matriz em Hamburgo), para poder comercializar com o país: era o Brasil Brasilianische Bank für Deutschland (Banco Brasileiro Alemão). A primeira sucursal foi inaugurada no Rio de Janeiro em 1888.

Os bancos alemães no Brasil nascem, formam-se de grandes bancos alemães. Exemplo é o Dresdner Bank, cuja matriz era em Berlim e abriu uma filial no Rio de Janeiro com o nome de Deutsch-Sudamerikanische Bank.

O Disconto Gesellschaft Bank tinha grande interesse no comércio do café brasileiro. O Disconto em associação com o Norddeutsche Bank, funda em dezembro de 1887, o Brasilianische Bank für Deutschland (matriz: Hamburgo. Filiais: Rio de Janeiro, 1888, São Paulo, 1893 e Santos 1895), cujo capital inicial era de 2,5 milhões de marcos. O Norddeutsche Bank, em parceria com o N. M. Rothschild & Sons (Londres), participa de empréstimos ao governo brasileiro. O Dresdner Bank, fundou em 1906 o Deutsch Sudamerikanische Bank, cuja sede era em Berlim, e abriu suas portas no Rio de Janeiro em 1911. Em 1905, financiou, via hipoteca, estradas de ferro em São Paulo. O seu capital inicial era da ordem de 5 milhões de marcos.

Flávio Saes⁹⁷ sistematizou esses dados (referentes ao ano de instalação do banco no Brasil) em seu trabalho:

⁹⁷ Saes, Flávio, op.cit., pág. 98

TABELA 5: Bancos alemães na praça de São Paulo 1873-1928

QUANTIDADE DE BANCOS ALEMÃES NA PRAÇA DE SÃO PAULO	ANO
1 - (Banco Alemão Brasileiro)	1873
1 - (Brasilianische Bank)	1895
1 - (Brasilianische Bank)	1901
1 - (Brasilianische Bank)	1906
1 - (Brasilianische Bank)	1910
2-(Brasilianische Bank e Alemão Transatlântico)	1915
2-(Brasilianische Bank e Alemão Transatlântico)	1921
3-(Brasilianische Bank, Germânico da América do Sul, Alemão Transatlântico)	1925
3- (Germânico da América do Sul, Alemão Transatlântico, Brasileiro Alemão)	1928

Após várias fusões e liquidações, em 1930 somente funcionavam na América Latina três bancos alemães ultramarinos: Banco Transatlântico Alemão, Banco Germânico da América do Sul e o Banco Alemão Antioquino. O investimento direto alemão na América Latina havia sido duramente golpeado pela Primeira Guerra Mundial e apenas sobrevivia durante o período do pós-guerra, até chegada da Segunda Guerra Mundial.

2.4 OS INVESTIMENTOS DIRETOS ALEMÃES NO BRASIL:

Os investimentos (financeiros, serviços básicos, construção civil, transportes, etc.) estrangeiros no Brasil, apesar de adversidades externas e crises internas, tenderam a crescer, pelo menos na metade do período estudado em nosso trabalho (1873 – 1913).⁹⁸

De 1880 até começo do século, os investimentos diretos de capitais estrangeiros, na indústria de transformação no Brasil, foram bastante limitados. Suzigan em seu trabalho de 1987, demonstra que houve pouco investimento direto estrangeiro na indústria de transformação no Brasil, antes de 1914:

⁹⁸ Castro, Ana Célia, *As empresas estrangeiras no Brasil: 1860-1913*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979

“(...) Parece inegável que os investimentos diretos de capitais estrangeiros na industrialização do Brasil foram de magnitude relativamente modesta até o início da década de 1930. Ao mesmo tempo, contudo, em alguns ramos industriais, eles chegaram a assumir proporções e características significativas, dando uma contribuição fundamental ao surgimento e desenvolvimento dos mesmos. Pelo menos nesses casos pode-se dizer que, desde o final do século XIX, o Brasil passou a fazer parte das estratégias de expansão geográfica das empresas líderes do setor industrial dos países capitalistas centrais. Algumas vezes os investimentos dessas empresas foram também atraídos por incentivos e subsídios governamentais.”⁹⁹

Tais capitais, britânicos e franceses sobretudo, concentravam-se quase que totalmente nas ferrovias e no setor de energia elétrica.

Após a Primeira Guerra Mundial percebe-se um claro aumento nos investimentos diretos de capitais estrangeiros no Brasil, principalmente no setor de indústrias de transformação:

“(...) é apenas nas primeiras décadas do século XX, particularmente nos anos imediatamente anteriores à I Guerra Mundial e durante a década de 1920, que se pode observar um movimento mais nítido e abrangente de investimentos diretos de capitais estrangeiros na indústria de transformação do País, o qual estava então experimentando um segundo impulso no seu desenvolvimento. Embora ainda atrelada ao desempenho da economia agro-exportadora a indústria brasileira estava iniciando naquela época um significativo processo de diversificação de sua estrutura produtiva, incorporando vários ramos derivados da II Revolução Industrial (...) As grandes empresas-líderes da indústria de transformação dos países capitalistas centrais, que vinham se internacionalizando desde as últimas décadas do século XIX, passaram a incluir novas áreas, como o Brasil, nas suas estratégias de expansão geográfica, seja com vistas à ocupação dos mercados internos dessas áreas, seja para a exploração das fontes locais de matérias-primas.”¹⁰⁰

As principais razões que levaram as empresas a investir no exterior, estavam ligadas às “estratégias de expansão de suas empresas líderes”.¹⁰¹

⁹⁹ Szmrecsányi, Tamás & Suzigan, Wilson, 1994, op.cit., pág. 02

¹⁰⁰ Szmrecsányi, Tamás & Suzigan, Wilson, 1994, op.cit., pág. 08

¹⁰¹ Szmrecsányi, Tamás & Suzigan, Wilson, 1994, op.cit., pág. 03

“No caso brasileiro, é possível identificar pelo menos 4 dessas estratégias: 1) o processamento de matérias-primas locais com vistas à exportação do produto final; 2) a obtenção da primazia no abastecimento dos mercados locais, mediante a antecipação à entrada dos concorrentes ou o afastamento dos mesmos da competição interna; 3) a captura do potencial de crescimento do mercado interno, através da substituição parcial e gradativa das importações de produtos industrializados; 4) o aumento da participação no abastecimento do mercado interno, através da produção local de bens anteriormente importados, baseada na disponibilidade de matérias-primas a baixo custo e na existência de uma demanda interna compatível com a obtenção de certas escalas mínimas de produção (casos do cimento e do aço).”¹⁰²

Para dar continuidade à essas estratégias, as empresas de capital estrangeiro podiam estabelecer aqui uma fábrica subsidiária, associar-se à capitais nacionais, implantar linhas de montagem ou obter o licenciamento de fabricantes locais.

As principais razões dessa expansão geográfica das grandes empresas podem ser explicadas pela expansão do modo de produção capitalista, levando à uma nova divisão internacional do trabalho. Para sobreviver nesse cenário, era necessário que tais empresas garantissem o fornecimento/abastecimento de matérias-primas e mercados consumidores. Ao mesmo tempo, nos países periféricos, essa mesma divisão internacional do trabalho, leva à um desenvolvimento da industrialização e à substituição de importações de produtos industrializados.

“Entende-se que a industrialização dos países periféricos faz parte do processo de expansão mundial do modo de produção capitalista, que induz, em fins do século XIX, uma nova divisão internacional do trabalho. A integração dos países periféricos a essa economia mundial não exclui, todavia, a possibilidade de formação de um mercado interno capaz de servir de base para o desenvolvimento de indústrias nesses países. O próprio capital internacional acaba por se integrar, em maior ou menor grau, a esse movimento inicial de industrialização.”¹⁰³

No caso brasileiro vale sempre ressaltar o papel do café como fator de atração de capital externo: enquanto renda, o café atraiu para o Brasil, bancos, casas comerciais,

¹⁰² Szmrecsányi, Tamás & Suzigan, Wilson, 1994, op.cit., pág. 04

¹⁰³ Szmrecsányi, Tamás & Saes, Flávio A M., 1987, op.cit., pág. 01

empresas e indústrias. O capital financeiro alemão, além das razões enumeradas acima, também aventurou-se em terras brasileiras, por causa da importância da renda gerada pelo complexo cafeeiro, financiando depois, esse complexo e a indústria nascente. Também alguns imigrantes que para o Estado de São Paulo se dirigiram, trouxeram consigo algum tipo de capital (uma poupança européia) e aplicaram esse dinheiro em negócios próprios ou financiados pelos bancos alemães.

O nível tecnológico alemão, graças à sua Revolução Industrial, também foi responsável pelo desenvolvimento da indústria paulista, pois houve uma transferência de tecnologia da Alemanha para São Paulo, através da abertura de empresas filiais de grandes empresas alemãs, bem como da importação de maquinário alemão. A diversidade alemã autoriza uma hipótese de aporte de capital autônomo alemão: isso se baseia na poupança do imigrante e na tecnologia que vai influir na indústria paulista. Todos esse fatores contribuíram para a instalação de empresas no país:

“(...) é inegável que, nas primeiras décadas do século XX, a maioria das empresas multinacionais do presente já se encontrava presente no país, inclusive em território paulista. (...) A presença de empresas estrangeiras em São Paulo já pode ser verificada a partir de meados do século XIX. Nessa época, no entanto, encontramos casas comerciais, empresas concessionárias do serviço público, bancos e agências de companhias de seguros, não se registrando ainda a instalação de empresas industriais estrangeiras. Alguns exemplos da segunda metade do século XIX permitem visualizar os caminhos da penetração de empresas estrangeiras em São Paulo, acompanhando o desenvolvimento cafeeiro: casas comerciais de importação e exportação como Theodor Wille e E. Johnston; bancos como o English Bank of Rio de Janeiro e o London Brazilian Bank; empresas de serviços públicos como a SP Gas Co., a SP Railway Co., a City of Santos Improvements Co., a Rio Claro Railway Co., são ainda do período imperial. Durante a Primeira República – principalmente a partir do começo do século XX – a penetração do capital estrangeiro nos ramos acima apontados se faz de modo mais intenso e sistemático.”¹⁰⁴

Portanto, o capital estrangeiro, quer ele se apresente em forma de investimentos diretos, através de instalações de firmas filiais ou subsidiárias, ou, através de créditos e linhas de financiamento de bancos estrangeiros, ou ainda, através de quaisquer formas de associações com o capital nacional, teve um papel

¹⁰⁴ Szmrecsányi, Tamás & Saes, Flávio A M., 1987, op.cit., pág. 20

relevante na industrialização do Estado de São Paulo. No caso particular de estabelecimentos de empresas subsidiárias ou de associações com o capital nacional (empresas brasileiras com capital estrangeiro), a importância deve-se ao fato do investimento direto de capital, bem como a transferência de maquinário e de tecnologia do país “matriz” na Europa, para o país “filial”, no caso, Brasil. Também foi expressiva a participação de bancos estrangeiros nesse processo, como forma de financiamento e investimento nesse processo de industrialização.

A Alemanha em 1914 era o terceiro exportador de capitais, posição que alcançou rapidamente em apenas 2 décadas (1894-1914). Durante a guerra (Primeira Guerra), empresas alemãs na América Latina sofreram pequenas perdas, ao contrário do que aconteceu em outros países aliados. Alguns bancos foram confiscados no Brasil, mas voltaram às mãos de seus donos após a guerra.

Em 1929 já havia um número considerável de empresas estrangeiras estabelecidas por meio de filiais comerciais em São Paulo: “(...) A simples fase da exportação pela matriz já foi superada: agora a matriz instala uma filial para atender aos mercados mais importantes ou promissores. O próximo passo é a instalação de fábricas nesses mercados, atendendo a demanda cuja dimensão já é conhecida e, de certo modo, “controlada” pela filial comercial.”¹⁰⁵

2.5.AS EMPRESAS ALEMÃS NO ESTADO DE SÃO PAULO

2.6-Primeiro Período: 1873-1914: Aspectos Gerais.

A escolha do período: 1873 –1914 deve-se ao fato que a primeira Sociedade Mercantil Alemã, a obter autorização para funcionar no Brasil, foi a *Sociedade Transatlântica de Seguros*, em 29/03/1873. E 1914 marca o começo dos conflitos da Primeira Guerra Mundial. Iremos agora observar algumas características da Alemanha e do Brasil no período, para depois dissertar sobre as empresas alemãs no estado de São Paulo nesse período.

¹⁰⁵ Szmrecsányi, Tamás & Saes, Flávio A M., 1987, op.cit., pág. 24

2.7-A situação da Alemanha: 1873-1914

Como esse é um período de grandes acontecimentos na Europa e na Alemanha, o tópico apresentado a seguir é um pouco mais longo e detalhado que os demais; mas a importância do período justifica essa abordagem:

A Unificação dos Estados Alemães se deu em 1870. Imediatamente após a unificação, a Alemanha possuía um grande número de camponeses (que tanto poderia servir como mão-de-obra na cidade, como formar uma classe de desempregados, que acabariam por emigrar) e uma burguesia que estava se consolidando: no campo, surgindo como “agricultor capitalista”, derrubando as tradicionais pequenas propriedades; e, na cidade, emergindo como comerciantes e industriais, acabando com o artesanato tradicional. É um período de crises (fome, desemprego) e depressão.

Antes de 1870, a Alemanha (os Estados Nacionais que darão origem à futura Alemanha) possuía basicamente uma economia de base agrícola, auto-suficiente. Mas o desenvolvimento industrial deu-se rapidamente. E com a criação do chamado “Estado Industrial”, a auto-suficiência foi substituída pela necessidade de se importar matérias-primas para as manufaturas, capitais, consumidores, mercados e comida. O mercado alemão estava, sobretudo, no interior e nas vizinhas Áustria e Europa Oriental. A grave depressão de 1873-1877 retardou o crescimento industrial durante a maior parte desse decênio e acabou por obrigar a Alemanha a abandonar a política de livre comércio e adotar a proteção industrial em 1879. Essa atitude acabou criando o cenário ideal para um renovado crescimento industrial na década de 1880, acompanhado do esforço por fazer no ultramar os novos mercados e fontes de matérias-primas e alimentos. Entre os anos de 1884 e 1885 houve um aumento dos interesses de exportação e do comércio com o ultramar. Isso levou Bismarck a lançar olhos na busca de protetorados coloniais.

Essa atitude de Bismarck, além de ser uma estratégia política-econômica para fazer frente à concorrência capitalista/imperialista, demonstra uma vocação, se é que assim pode ser chamado, da ideologia alemã da época e que sobreviverá até às primeiras décadas do século XX: o nacionalismo alemão e o pangermanismo. Conquistar mercados além-mar, expandir o comércio, não era entendido somente no âmbito econômico: a

explicação era muito mais complexa: fundamenta-se nos ideais de prosperidade do povo alemão e em expandir o modo de vida, cultura e pensamento alemão, através tanto do Estado, como dos empresários, homens de negócios, mercadores e imigrantes. Ou seja, por trás dos bancos e instituições financeiras alemãs, por trás de agentes de comércio, estavam as figuras dos banqueiros e dos homens do governo que, além de promoverem o comércio alemão e tentar garantir algum tipo de hegemonia, erigiam o nacionalismo e o imperialismo alemão, no sentido de expandir os hábitos, costumes, idéias e ideais alemães no mundo (pangermanismo). Há uma ajuda mútua entre industriais, comerciantes e governo.

“No caso alemão, mais do que qualquer outra nação, temos claramente definida uma política comercial e industrial (...) em outras palavras, a dominação política e econômica transformou-se em dois aspectos da mesma coisa: o estadista alemão era o mercador, e também, o espião do estado.”¹⁰⁶

Além de expandir os ideais alemães, de conquistar mercados, os agentes do comércio exterior alemão, os empresários que instalavam suas empresas em outros continentes, possuíam o singular papel de serem informantes do governo alemão, sobre o país em que se encontravam. A grande vantagem dessa função era alertar rapidamente o governo alemão, no caso de surgimento de vantagens comerciais, ou sobre o indício de que governo de determinado país, precisava, por exemplo, de financiamento de sua dívida pública. Sem dúvida, esse acordo entre a classe comerciante e financeira com os representantes do governo, trazia ajuda mútua para todos, pois o governo alemão em troca das informações, concedia à essas classes, baixos tributos, tarifas alfandegárias que trouxessem vantagens para os comerciantes alemães e mediação para liberação de verbas e empréstimos em bancos.

Mas talvez uma das características mais importantes do período e que de certa forma culminaria anos depois com a explosão da Primeira Guerra Mundial, é a busca por novos mercados. A depressão pelo qual o continente passava, forçou a Europa a buscar novos mercados além-mar. As últimas décadas do século XIX e a primeira do século XX, assistiram à uma extraordinária expansão econômica da Europa. Ou europeus procuram mercados para suas indústrias que, durante a depressão, conhecem uma super produção

¹⁰⁶ Haring, C. H., *The Germans in South America – A Contribution to the Economic History of the World War*, New York, Oxford University Press, 1920

crônica, especialmente a indústria têxtil e metalúrgica. A busca por novos mercados (fornecedores de matérias-primas e consumidores de produtos industrializados), colocará em contato povos e culturas diferentes: é a internacionalização dos mercados. Isso se dá pelas ondas da revolução industrial e, sobretudo, pelas transformações ocorridas nos meios de transportes.¹⁰⁷ Esse progresso nos meios de transporte possibilitou, principalmente, a expansão econômica no ultramar e o aumento da frota mercante. Também as ferrovias tiveram grande papel nos meios de transporte, uma vez que ligavam mercados à portos e possibilitou a colonização de novas áreas que acabariam por se tornar novos mercados.

No ultramar a Europa tem necessidade de comprar produtos agrícolas, gêneros coloniais, matérias-primas e produtos do subsolo. Frequentemente os europeus não se contentavam em comprar: queriam organizar (e organizaram) “in loco” a produção destas matérias ou gêneros pelos quais tinham necessidade. Surgem assim, as primeiras empresas européias além-mar.

O momento é propício à expansão dos capitais, ao investimento no exterior, à expansão financeira da Europa. Essa expansão é consequência da expansão comercial:

“Para explorar as minas, construir ferrovias, instalar casas de comércio, é preciso capitais. O mesmo ocorre para ajudar os orçamentos dos países novos. Por volta de 1870, os investimentos europeus evoluem. Antes desta data resumiam-se nos pequenos grupos capitalistas especializados. Depois todo o mundo empresta ao estrangeiro. O “sufrágio universal” dos capitais se fixa mesmo para os países exteriores. É que até na Europa a taxa de juro baixou. Atinge o teto de 3%. Ao contrário, fora da Europa pode-se emprestar a 5,6 e até 7%.”¹⁰⁸

Os grandes países investidores de capitais eram a Grã-Bretanha, a França e a Alemanha. A partir de 1892, a Alemanha conhecerá um grande impulso industrial que vai exigir grandes quantidades de capitais. Passará a ter menos quantidade de capitais disponíveis para o exterior. Mas mais do que controlar e reunir os capitais, os bancos

¹⁰⁷ “Quaisquer que sejam os objetivos, as formas e os métodos de expansão econômica, ela foi facilitada pelos progressos consideráveis realizados no domínio dos transportes”, Mauro, Frédéric, *História Econômica Mundial – 1790-1970*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973

¹⁰⁸ Mauro, Frédéric, op.cit., p. 213

alemães têm por um de seus objetivos, controlar as empresas: seja na Alemanha, seja no exterior.

De qualquer maneira, nações que estavam se industrializando graças à Segunda Revolução Industrial, precisavam de qualquer forma conquistar mercados; e, para isso, era necessário que o Estado estivesse empenhado em tal empreitada, bem como que houvesse um sistema financeiro minimamente organizado, que promovesse fluxos de capitais entre a Alemanha e os outros países. Afinal, além do comércio com países ultramarinos, havia um certo volume de investimentos diretos nesses países, principalmente em países da América Latina. Empresas e bancos alemães abrem suas portas em países latino-americanos, através de filiais ou sucursais.

“No final do século XIX e no início do atual, a prosperidade e o crescimento em questão estavam se apoiando cada vez mais na expansão das áreas de influência (...) pelo mundo afora. Essa expansão imperialista se traduzia não apenas em fortes incrementos do comércio internacional de mercadorias, mas também – e talvez principalmente – em crescentes fluxos internacionais de capitais, do centro para periferia e vice-versa, sob a forma de empréstimos financeiros e/ou investimentos diretos. Tanto os primeiros como os segundos beneficiaram de início principalmente as atividades mais diretamente relacionadas aos setores primários-exportadores: seja a produção em si, seja especialmente a infra-estrutura de transportes e de comercialização necessária ao seu escoamento para os mercados externos.”¹⁰⁹

Portanto, essa relação entre país exportador de capital e país receptor de capital, permitia aos primeiros expandir sua área de influência e garantir uma certa hegemonia, e, permitia aos segundos, que essa entrada de capitais fosse em forma de investimentos diretos ou não, contribuindo para a indústria nascente, e para a economia agrário-exportadora do país em questão.

Se os países europeus eram os investidores, os países receptores, ou melhor, a grande maioria dos países receptores estava localizada na América. O continente americano possuía a vantagem de ter uma grande concentração de população de origem européia, com a qual era mais fácil de se entender, e de expandir os negócios. Esses

¹⁰⁹ Szmrecsanyi, Tamás & Saes, Flávio A. M. de, *O Capital Estrangeiro na Industrialização de São Paulo (Brasil): 1870-1930*, Resumo da Comunicação apresentada no VII Simpósio Internacional de História Econômica, sobre “As Origens da Industrialização na América Latina” (Buenos Aires, outubro de 1987, CLACSO), exemplar mimeografado.

fatores foram ainda potencializados com a chegada de uma grande leva imigratória européia, que se dirigiu para a América. Esses imigrantes buscavam melhores condições de vida e os países para aonde se dirigiam, ansiavam por mão-de-obra qualificada. Para os países europeus, mais principalmente para a Alemanha, a emigração solucionava dois problemas: primeiro, exportava as tensões sociais causadas pelo desemprego e fome, para fora dos limites da Alemanha; segundo, o imigrante na nova pátria, tendia a reproduzir os hábitos de seu país de origem e, portanto, representava um mercado consumidor. Também esses imigrantes procuravam na nova pátria os bancos e empresas alemãs, quando necessitavam realizar algum tipo de negócio ou transação financeira. Alguns imigrantes alemães levaram consigo capitais e abriram na nova terra estabelecimentos comerciais e empresas. Para a Alemanha isso significava expansão econômica e expansão de sua área de influência no mundo.

Essa imigração também é marcada pela Segunda Revolução Industrial que atingiu a Europa e provocou grandes mudanças, sobretudo entre 1873 e 1914. Essa nova etapa da Revolução Industrial é marcada por uma profunda crise, cuja consequência é a consolidação do capitalismo financeiro, isto é, o controle das atividades econômicas pelos bancos. Também é uma etapa que assistiu à mudanças na tecnologia, com a revolução da eletricidade, do petróleo e do motor a explosão. A última década do século XIX também assiste ao surgimento de uma potência: Alemanha, e marca o período conhecido como “Milagre Alemão”.¹¹⁰

A Alemanha assistiu à um grande progresso interno entre 1893-1896, cujas consequências mais imediatas foram o “triumfo da produção e do consumo de massa ao lado de um capitalismo imperialista”.¹¹¹Essa expansão alemã pode ser atribuída, além é claro da via prussiana, modelo de organização e disciplina, à um perfeito casamento entre bancos, empresas e Estado. Segundo Young¹¹², há várias hipóteses para as causas da expansão do comércio alemão: o comércio ultramarino alemão, foi organizado e controlado tanto pelo Governo Alemão, como pelo próprio Kaiser; outras correntes

¹¹⁰ Mauro, Frédéric, op.cit., p. 268

¹¹¹ Mauro, Frédéric, op.cit., p. 268

¹¹² Young, George F. W., *German Banking and German Imperialism in Latin America in the Wilhelmine Era*, Ibero-Amerikanisches Archiv, Jahrgang 18 – 1992, p.31

afirmam que foram os grandes bancos que organizaram e controlaram esse comércio (comércio via capital financeiro).

2.7.1. Os bancos alemães

As relações entre bancos e governo na Alemanha nos mostra a importância da relação do capital financeiro com o imperialismo: essa relação possibilita a conexão entre os grandes bancos e as indústrias de grande escala. Afinal, a associação da indústria e dos bancos (capital industrial/comercial com capital financeiro) é a base do poderio econômico e político do imperialismo. Ao criar bancos que atuassem em áreas onde a Alemanha tinha interesses comerciais, o Governo e os empresários capitalistas além de garantirem uma certa “fatia” no complicado jogo de interesses do período, expandiam através da transferência de capitais alemães para outras partes do mundo um pouco do “Império Alemão”.

Entre 1886 e 1914 oito bancos transatlânticos alemães¹¹³ foram organizados para operar em várias partes do mundo (América Latina, Extremo Oriente e no Império Otomano). Cinco desses bancos estavam ligados diretamente à América Latina. Esses bancos foram organizados em lugares onde a Alemanha tinha grandes interesses comerciais, e acabaram por fundar subsidiários na América Latina.

Promover o comércio exportador alemão e financiar as atividades econômicas e outras formas do comércio alemão; socorrer o Governo Alemão, através de empréstimos, e empreendimentos industriais ultramarinos que garantissem mercado para os produtos alemães, são algumas das funções dos bancos ultramarinos. Esses bancos também funcionavam como “os olhos e ouvidos” de suas matrizes, sempre alertas no caso de surgirem possibilidade de emissão de títulos e bônus do governo, nos países em que estavam localizados. Também ofereciam financiamento e crédito aos importadores e exportadores, tanto na América Latina, como na Alemanha. O mecanismo mais comum era a compra de letras de câmbio, trocadas por divisas estrangeiras.

O grande sucesso financeiro desses bancos, pode ser demonstrado pela sua rápida e grande expansão: só perdiam em importância para os bancos britânicos.

¹¹³ Young, George F. W., 1992, *op.cit.*, p.65

Os bancos alemães deixam de ser apenas bancos de emissão e se transformam em “bancos de negócios”. Talvez a grande característica dos bancos alemães é a tendência à concentração e ao controle da produção e comércio, implicando que realmente a Alemanha está no estágio do capitalismo financeiro:

“Com as crises de 1890-1891, ocorre um movimento de concentração que culmina com a crise de 1901, onde o Deutsche Bank absorve 49 outros bancos, o Disconto Bank 28, o Dresdner 41. Resta finalmente 5 ou 6 grandes bancos que, por sua vez, fazem associações. Estes bancos asseguram todos os serviços imagináveis: serviço financeiro das empresas industriais – empréstimos a curto prazo, e a médio prazo, empréstimos rurais (...), participações e comanditas, cada grande banco sendo a alma financeira de um conjunto de empresas, mas também com o fim de dividir os riscos, vários bancos se associam para patrocinar uma mesma empresa.”¹⁴

Com relação às empresas, podemos dizer que produtores e comerciantes agrupavam-se em associações para fixar o preço dos produtos, coordenar os investimentos e dividir o mercado (cartéis). Isso favorecia a diminuição dos riscos, a garantia do mercado e a alta concentração de renda.

2.7.2.O Papel do Estado

Já ao Estado coube o papel de regularizador da vida econômica, fornecendo os meios legais para que a economia alemã progredisse e expandisse, não só internamente, como no exterior. Garantia tarifas aduaneiras que proporcionasse aos produtos alemães, grandes vantagens. Através de seus representantes no exterior, era capaz de saber de oportunidades nos países do além-mar e divulgar aos empresários e banqueiros alemães, sobre essas novas oportunidades. Também propagava através de imigrantes alemães, a ideologia germânica. Cabe lembrar o papel da Liga Pangermanista, onde os imigrantes eram lembrados de seu dever com a “mãe pátria”. O Estado também fornecia apoio aos burocratas e comerciantes alemães espalhados ao redor do mundo, bem como empresas instaladas em outros países:

“Ele foi ao mesmo tempo grande consumidor (forças armadas, administração, serviços públicos) e grande produtor, (...), permitindo regularizar a vida econômica (...). No exterior, se aliou estreitamente ao comércio alemão que fê-lo sustentar por seus consulados, embaixadas, esquadras militares (...) Pelos empréstimos que concede, impõe os fornecedores alemães. (...). Esta ajuda mútua serve ao mesmo tempo à política e à economia alemãs.”¹¹⁵

Mas como os produtos alemães conquistam o mercado de um novo país? Essa conquista se faz primeiro pela figura do caixeiro-viajante: o representante de alguma grande Casa de Exportação (grande parte delas se localizavam na cidade de Hamburgo), que além de representante comercial/vendedor, tinha a função de “espião”, ou melhor, de um observador das condições da nova área, para fornecimento de dados e análise para saber se um empreendimento maior em tal lugar era viável ou não. Depois, com a expansão industrial alemã, as empresas, bancos e indústrias alemãs se instalam em países estrangeiros. Abrem-se filiais ou subsidiárias de empresas alemãs no exterior que, por sua vez, geram subfiliais. É a conquista de mercados pela Alemanha, através da expansão comercial e industrial.

Esse período de franca expansão econômica da Alemanha, encerra-se com a Primeira Guerra Mundial. Não é nosso objetivo aqui explicitar as causas do conflito, nem o desenrolar dos acontecimentos. Algumas das consequências serão mostradas no período seguinte.

2.8. A situação de São Paulo:1873-1914

O período que vai de 1870 até o começo do século XX no Brasil, é marcado por transformações profundas na sociedade brasileira. Marca o desenvolvimento e a crise da economia cafeeira. Caracteriza-se, sobretudo, pela substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado e também pelo “desenvolvimento do mercado, da rápida expansão das estradas de ferro, da aparição das primeiras indústrias. Esse período precede e cria condições necessárias à industrialização no Brasil.”¹¹⁶

¹¹⁴ Mauro, Frédéric, op.cit., p. 269

¹¹⁵ Mauro, Frédéric, op.cit., p. 274

¹¹⁶ Silva, Sérgio, op.cit., p.18

A economia cafeeira em 1870 já estava consolidada. O café era o produto de exportação por excelência. Contudo as possibilidades de expansão sobre a base do trabalho escravo eram muito limitadas. Com a adoção da Lei Eusébio de Queiróz em 1851, o tráfico de escravos fica proibido. Mas mesmo assim, a mão-de-obra das lavouras de café, eram os negros das senzalas. A imigração de trabalhadores brancos europeus mão-de-obra para as lavouras, é a grande saída. O governo passa então a apoiar a imigração. Grandes levas de imigrantes para cá se dirigiram, sobretudo italianos. Para nosso trabalho o que nos importa é o caso do imigrante alemão. Como esse aspecto já foi discutido anteriormente, vamos rapidamente citar umas poucas linhas sobre esse assunto.

Segundo dados de Frédéric Mauro¹¹⁷ após 1870 a emigração europeia aumenta:

TABELA 6: Emigração Europeia pós 1870

ANO	Quantidade de europeus que saem da Europa
1870	350.000
1895	700.000
1910	1.380.000

Entre 1870 e 1914, a emigração foi sobretudo camponesa em razão das crises econômicas, como a crise agrícola de 1880, atribuída à concorrência dos países novos. A emigração política e religiosa não desempenhavam o papel relativamente importante como antes de 1850.

Foi uma combinação perfeita: os imigrantes buscavam melhores condições de vida e as novas pátrias, como o Brasil, precisavam de mão-de-obra. A influência causada pelas transformações nos meios de transportes, também tem que ser levada sem conta, uma vez que os transportes colocavam em contato países distantes uns dos outros, tornando as viagens mais fáceis, mais seguras e mais baratas.

¹¹⁷ Mauro, Frédéric, op.cit., p.220

No caso dos imigrantes alemães que se dirigiram para o Brasil entre 1870 e 1880, são sobretudo camponeses que emigram ou artesões arruinados pelo desenvolvimento industrial. Entre 1880 e 1890, são camponeses arruinados pela concorrência no mercado europeu, dos trigos americanos. Após 1895, são principalmente comerciantes e técnicos.

“A Alemanha forneceu, entre 1870 e 1914, aproximadamente 3 milhões de emigrantes; o máximo da emigração se situa entre 1880 e 1893.(...) Sobre o total, 90% partem em direção aos Estados Unidos; um forte contingente dirige-se para o Brasil, especialmente Rio Grande do Sul.”¹⁸

O Brasil entre 1810 e 1914 recebeu cerca de 3.200.000 imigrantes. Foi entre 1888 e 1898 que a imigração atingiu o nível mais elevado, com o máximo em 1891 de 200.000 imigrantes. Essa imigração veio para as plantações de café, em substituição ao trabalho negro. Os latinos representam 76% desse total. Mas há também uma imigração alemã muito intensa entre 1840-1860, mais fraca entre 1876-1910 e de novo bastante forte entre 1913-1919.

Mas muitos desses imigrantes não iriam apenas se fixar nas lavouras. Também se dirigiram para as cidades, para trabalhar nas nascentes fábricas paulistas. Uma parte desses imigrantes era composta por mão-de-obra técnica qualificada. E como o Brasil ressentia-se da falta de técnicos, esses imigrantes vieram em boa hora.

Como a produção de café serve à acumulação de capital, é natural que a indústria que irá nascer no Brasil se desenvolva e concentre-se na região da exploração cafeeira (Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e principalmente, o Estado de São Paulo, que é o alvo do nosso estudo). Também nessas regiões, e principalmente no Estado de São Paulo, constrói-se uma malha ferroviária, ligando às lavouras de café ao Porto de Santos. Com a penetração da ferrovia novas áreas vão sendo conquistadas e utilizadas como áreas de plantio, e formando comunidades que irão servir como mercados consumidores. Muitos imigrantes foram trabalhadores na construção dessas ferrovias.

Pouco à pouco o centro de gravidade da zona cafeeira se deslocou do vale do Paraíba para o Planalto Paulista. Nessas novas áreas, no lugar e local anteriormente destinados ao negro escravo, encontra-se agora a mão-de-obra européia. Ao mesmo

tempo, os países industriais aumentam o seu consumo de café. Em 1906 a produção paulista de café representa 64% da produção mundial.

Mas a crise mundial também afeta o Brasil. O encilhamento, a desvalorização do mil-réis e a safra recorde de 1906, serviram para alertar que o Brasil não poderia simplesmente depender de uma economia agrária exportadora. Era necessário diversificar os investimentos:

“Sem dúvida a crise cíclica de 1896 sacudira o mercado internacional. Mas a desvalorização do mil réis impediria a repercussão da crise internacional no mercado brasileiro. Ora, em 1900 o governo revaloriza o mil réis. O café brasileiro, que se tornou muito caro, vende-se muito mal no exterior. (...) Em 1906 uma colheita recorde será suficiente para provocar uma queda dos cursos. É aí que eclodirá a crise internacional de 1907. A retomada se afirmará somente em 1912, a despeito das medidas rápidas do governo (limitação das plantações e das exportações, constituição de um estoque). A crise de 1929 está ligada à crise internacional do mesmo nome (...) Não que o café não faça, depois de 1929, novas conquistas. Mas uma atividade passa agora antes dele como atividade motriz: a indústria.”¹¹⁹

Há de se lembrar que o trabalho assalariado gera uma demanda por bens alimentares e bens de consumo manufaturados. Ou seja, cria um mercado interno em expansão, bem como uma vida urbana. Há uma transferência de renda do setor cafeeiro para o setor urbano/industrial:

“Apoiada neste mercado, e “externo” à indústria, e mediante a transferência de capital-dinheiro, de mão-de-obra e de capacidade para importar (excedentes reais e financeiros gerados pelo setor exportador), é como surge e se desenvolve a indústria maquinizada no Brasil.”¹²⁰

2.9-As Empresas Alemãs no Brasil entre 1873-1914

Ao começar a nossa pesquisa, nossa base de dados era a tabela fornecida pelo Ministério da Indústria e Comércio, de 1947, “Sociedades Mercantis Autorizadas a

¹¹⁸ Mauro, Frédéric, op.cit., p.222

¹¹⁹ Mauro, Frédéric, op.cit., p.360

¹²⁰ Tavares, Maria da Conceição, op. cit., p.125

funcionar no Brasil (1808-1946) – Sociedades Alemãs”. Todas as empresas ali listadas eram empresas alemãs. Com o avanço da pesquisa, descobrimos não só empresas alemãs, mas empresas brasileiras com capital alemão e empresas brasileiras onde um dos sócios (imigrante ou não) era de origem alemã; e claro, empresas sobre as quais nada foi possível descobrir, quanto à origem do capital. Para esse trabalho todas as Empresas (Sociedades Mercantis Alemãs, Empresas Brasileiras com Capital Alemão, Empresas onde um dos sócios era alemão), foram consideradas Empresas Alemãs e parte integrante da estratégia alemã de garantir sua hegemonia política e econômica no mundo.

Sem sombra de dúvida, a maior parte das empresas alemãs que por aqui se instalaram, fizeram isso entre 1873 e 1914. Isso é extremamente compreensível: a Alemanha estava numa fase de expansão de seu poderio econômico e de sua esfera de influência, caracterizada pela conquista de novos mercados. Passou por uma depressão que gerou muitos desempregados e incentivou a emigração. Também é o período do capitalismo financeiro alemão e da fusão entre bancos, empresas e Estado, na busca por vantagens econômicas e políticas. O Brasil, nessa fase, é caracterizado pela substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado, pela crise do café, pela consolidação da burguesia e por se mostrar atrativo aos países europeus exportadores de capital, como nação que estava se desenvolvendo e, portanto, precisando de investimentos e recursos, de formação de um setor de serviços públicos, bem como ferrovias, companhias de eletricidade, etc. Os capitais externos logo chegam ao Brasil. No caso brasileiro –alemão, esses capitais se dão via investimentos diretos ou através da criação de empresas e bancos alemães no Brasil.

Segundo os dados fornecidos pela tabela 12 do capítulo 3 (a primeira tabela do capítulo 3), no período compreendido entre 1873 e 1914, **32** empresas aparecem listadas no período, sendo **28 Empresas Alemãs** e **04 Empresas brasileiras com capital alemão**.

A maior parte delas instalaram-se na **cidade de São Paulo**, sendo que duas filiais de bancos instalaram-se na **cidade de Santos**.

Com relação ao setor ao qual pertenciam:

TABELA 7: Setores de Empresas Alemãs no Brasil 1873-1914

SETOR	Número de Empresas
Seguros	11
Bancos	5
Importação/Exportação/Colonização	4
Cia. de Navegação	2
Cia. de Eletricidade	1
Cia. de Comércio	1
Indústria: química, eletro-eletrônica	2
Bens de Capital	3
Material Elétrico	2
Correios	1

Como podemos perceber pelos dados acima, a maior parte dessas empresas está de alguma forma relacionada ao capital financeiro. São bancos e companhias seguradoras que aqui se instalam. De um lado, é o padrão de industrialização alemão se expandindo através do capital financeiro, com a criação dos bancos transatlânticos e da criação de filiais e subsidiárias de bancos alemães. De outro, é a economia brasileira em sua tentativa de financiar a economia cafeeira e as nascentes indústrias paulistas. Também cabe notar que pelo menos no período em questão, 4 empresas ligadas à empreitada da “colonização”, ou seja, a recrutamento, financiamento e ao assentamento de imigrantes, instalaram-se no período.

2.10. Aspectos Gerais do Período: 1915-1929

Esse período é marcado pela Primeira Guerra Mundial e pelas consequências dessa Guerra. Também é marcado pela “Grande Depressão” de 1929/1930. No Brasil as consequências desse período podem ser verificadas pela grande crise do café em 1929.

2.11.A Alemanha:1915-1929

A Alemanha começa a apresentar ao mundo a sua "indústria de guerra", onde departamentos e ministérios são criados com o único propósito de manter o aparato bélico e garantir o abastecimento do front. Mas, mais importante do que o desenrolar dos conflitos, o que interessa ao nosso trabalho são as consequências da Primeira Guerra Mundial para a Alemanha e para o Brasil.

No caso alemão: com o fim da guerra o marco alemão desvaloriza-se brutalmente frente ao dólar. Os preços internos dos produtos elevam-se, mas para os estrangeiros, os preços ainda são extremamente baixos; ou seja, é o velho dilema: exporta-se a preços muito baixos, e quase não se importa devido à desvalorização. Em 1923 é decretado Estado de Sítio na Alemanha: o déficit orçamentário vinha se acumulando desde o final da Guerra, devido às necessidades de reconstrução, ruínas dos mercados, dívida externa, fuga de capitais para o exterior e o problema da "reparação" pelos danos da Guerra.

Para muitos alemães, a saída encontrada para fugir da crise e da fome foi a imigração, como mostra a tabela a seguir, que se refere ao movimento geral da imigração no Brasil, segundo as nacionalidades (1884-1939):

TABELA 8: Movimento Geral da Imigração no Brasil: 1884-1939

Nacionalidade	Efetivos Decenais					Efetivos Anuais						TOTAL
	1884/ 1893	1894/ 1903	1904/ 1913	1914/ 1923	1924/ 1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939	
Alemães	22.778	6.698	33.839	29.339	61.728	3.629	2.423	1.226	4.642	2.348	1.975	170.645
Austríacos	13.684	32.456	22.961	6.285	8.8814	530	391	89	493	115	12	85.790
Espanhóis	103.116	102.142	224.672	94.779	52.405	1.429	1.206	355	1.150	290	174	381.718
Ingleses	2.870	825	6.710	3.964	5.829	490	342	33	1.835	538	309	23.745
Italianos	510.533	337.781	196.521	86.320	70.177	2.507	2.127	462	2.946	1.882	1.004	1.412.263
Portugueses	170.621	157.542	384.672	201.252	233.650	8.732	9.327	4.626	11.417	7.435	15.120	1.204.394

Fonte: *Série Estatísticas Retrospectivas – vol.1 – Edição fac-similar do original publicado em 1941.* Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Rio de Janeiro, 1986

O decênio 1924/1933, assinala a maior entrada de imigrantes alemães no Brasil até então. São as consequências desastrosas da recessão que a Primeira Grande Guerra apresentou.

2.12. O Brasil:1915-1929

A Guerra e a impossibilidade de se conseguir produtos manufaturados na Europa, vai forçar o desenvolvimento e a ampliação de uma indústria de substituição de importações¹²¹ no Brasil, ou seja, a partir de uma capacidade para importar que diminui em termos absolutos, conseguiu-se promover um intenso crescimento da produção industrial:

“Forma-se então uma indústria substitutiva de importações, incentivada pela alta dos preços nos mercados nacionais e internacionais, que não tarda em provocar um efeito inflacionário aumentando os lucros das exportações. Efeito inflacionário ainda acrescido pelas despesas extraordinárias do governo para o tempo de guerra. Calcula-se que 5.936 estabelecimentos industriais tinham sido criados durante a guerra.”¹²²

Entre 1914 e 1929, vemos a consolidação de um mercado interno brasileiro, que foi gerado ainda no final do século passado, quando da formação de uma burguesia cafeeira, da acumulação de capital e do surgimento de uma classe de trabalhadores assalariados. A transição da economia cafeeira para uma economia urbana/industrial, possibilitou e engendrou a criação de um mercado consumidor de bens de consumo e de serviços:

“Entre 1919 e 1929, além da expansão quantitativa, a indústria paulista também dava um salto qualitativo, diversificando sua produção e introduzindo, ainda que de forma incipiente, alguns segmentos industriais mais dinâmicos, de bens de produção, já instalados com dimensão para suprir um mercado em escala nacional. É nessa segunda etapa, aliás, que a concentração da indústria brasileira, em São Paulo, se tomava mais efetiva.”¹²³

¹²¹ Tavares, Maria da Conceição, op.cit., p.128

¹²² Mauro, Frédéric, op.cit., p.335

¹²³ Cano, Wilson, op.cit., p.274

Ou seja, as pressões geradas pela Primeira Grande Guerra, associadas aos fatores econômicos gerados pela economia cafeeira e que estavam gerando uma indústria de bens de consumo, acabaram por levar à uma expansão da atividade industrial em São Paulo.

2.13.As Empresas Alemãs no Estado de São Paulo: 1915-1929

O período compreendido entre 1915-1940, pelos dados coletados em nossa pesquisa, mostrou-se muito pouco conclusivo e abrangente. Sobre as empresas do período, só podemos ter certeza do ramo de atividades e da localização de algumas delas. Deduzimos o ano de instalação dessas empresas, por elas constarem nas Listas Negras, onde essas informações fornecidas pelas Listas, estão completas até 1919. Para os anos compreendidos entre 1919 e 1940, utilizamos dados referentes à literatura especializada e dados coletados na Câmara de Comércio e Indústria Brasil – Alemanha de São Paulo. Ao final do capítulo apresentaremos um tópico ligado à essas empresas e seus setores, uma vez que sobre o ano de instalação, nada podemos afirmar com clareza.

Sobre o período de 1915-1930: com certeza, com base em dados oficiais, instalaram-se no Estado de São Paulo, **07** empresas . Mas como a data da última **Lista Negra** é do ano de 1918, e portanto, as empresas TINHAM que estar instaladas para aparecer nas Listas, estimamos que esse número tenha chegado à quase **160** empresas alemãs ou brasileira com capital alemão ou ainda, onde um dos sócios fosse alemão, entre os anos de **1915-1940**.

Sabe-se que entre 1915-1930, **07** dessas empresas eram empresas brasileiras com capital alemão. Os setores às quais pertenciam, estavam ligadas à indústrias química e eletro-eletrônica, ao setor de bens de consumo, estabelecimentos comerciais, bens de capital e bancos. Sobre as outras, quase nada foi possível obter, uma vez que, nas Listas Negras aparecem apenas o nome da empresa e a localidade onde está instalada. São poucas as informações sobre capital registrado, tipo de sociedade, ano de instalação, etc.

Presume-se que a maior parte dessas quase 160 empresas, estivessem ligadas ao setor comercial (estabelecimentos comerciais) onde pelo menos um dos sócios fosse alemão (imigrante). Dentre essas 160 empresas algumas tiveram seu setor detectado. Sobre aquelas que foram possível determinar os setores, discutiremos o assunto ao final do capítulo

É interessante observar que, com a declaração de Guerra (Primeira Guerra Mundial) os estabelecimentos alemães passaram a ser “fiscalizados” e em julho de 1918, um decreto os obrigou a fecharem as portas (embora alguns estabelecimentos tenham mudado o nome para continuarem a operarem...). Apesar de não haver comércio com a Alemanha e não haver possibilidade desses estabelecimentos (incluídos na Lista Negra dos Aliados)¹²⁴ comercializarem com os Aliados, essas firmas mantiveram a aparência de prosperidade e sempre tiveram mercadorias para vender. Uma das explicações para isso é a acumulação de enormes reservas da Europa, antes de 1914. Além disso, os clientes preferiam os estabelecimentos alemães, porque esses davam-se à prática de créditos maiores. Para o nosso objetivo a importância dessas listas refere-se ao fato delas fornecerem todos os estabelecimentos comerciais, bancos e empresas, que ou eram alemãs, ou que possuíam donos de origem alemã, ou, ainda, que de alguma forma estivessem ligados à Alemanha, instalados em São Paulo até 1918; pois, segundo pudemos apurar em nossas pesquisas, quase não há instalação de Empresas Alemãs no Brasil no entre guerras. A maior parte do estabelecimento dessas empresas deu-se entre 1873 e 1918.

2.14.Aspectos Gerais do período: 1930-1940

Esse período marca os anos anteriores à Guerra, que começa em 1939. No Brasil é um período de tentativa de superação da crise do café em 1929, bem como da passagem da “substituição das importações”, para a industrialização restringida. Também é uma época de grandes acontecimentos (conflitos, golpes) no cenário político brasileiro. Na Alemanha é a consolidação e o auge do nazismo.

¹²⁴ Essa Lista Negra nada mais era, do que um “mapeamento” de empresas alemãs, ou de imigrantes alemães, na América Latina, construída pelo Ministério da Guerra Americano, com a finalidade de evitar a expansão política e econômica da Alemanha na América, durante os anos da Primeira Guerra. Maiores detalhes sobre a Lista Negra emitida pelos Aliados, serão fornecidos nos Capítulos 3 e 4.

2.15. A Alemanha:1930-1940

A solução encontrada pela Alemanha para combater a crise, foi a experiência nacional-socialista (nazismo). O auge da crise atingiu a Alemanha no final de 1929 e início de 1930. Para afastar a crise, o governo alemão toma uma série de medidas: controle do câmbio, incentivos ao crédito exterior a curto prazo, austeridade orçamentária:

“levou a uma política de deflação corrigida por um sistema de taxas de câmbio múltiplas e por medidas contra o desemprego e facilita o financiamento da retomada industrial (sistema de bônus de impostos, o qual beneficia os que investem seus capitais). No fim de 1932, a produção aumenta, a situação bancária é melhor. Mas o desemprego persiste, as pequenas empresas resistem. As classes médias se sentem atraídas. Ademais, elas temem que o desemprego desenvolva o comunismo.”¹²⁵

Para superar a crise, o nazismo constrói uma estrutura econômica alemã, onde grande ênfase se deu ao rearmamento e à indústria bélica, como pretexto para se apoderar dos mercados externos. Também favoreceu o desenvolvimento das pequenas propriedades, organizando o “retalhamento” das terras dos grandes proprietários rurais, como forma de combater o desemprego e abastecer o mercado interno. Nos centros urbanos o pequeno comércio e o artesanato foram vítimas do movimento de concentração econômica, mas, mesmo assim, continuaram a existir. Com a concentração econômica os grandes “trustes” se desenvolveram e atingiram altas taxas de lucro. O governo incentivou a concentração industrial. Mas mesmo existindo livre concorrência, o governo controlava todos os aspectos da economia: preços, produção, investimentos, lucros e até a regulamentação trabalhista. “Não é mais o capitalismo liberal das democracias ocidentais.”¹²⁶

Os grandes negócios tinham ligações com o capital estrangeiro, e com o capital financeiro. O *Deutsche Bank* firma-se então, como o grande banco alemão:

“O Capitalismo financeiro e o poder econômico dos bancos não pararam de se afirmar. O banco mais importante por volta de 1936 é o Deutsche Bank, que tem uma posição dominante na indústria pesada (...)Quase todas as emissões industriais passam pelas suas mãos. Ademais, a gestão dos fundos de reserva das empresas é

¹²⁵ Mauro, Frédéric, op.cit., p.377

¹²⁶ Mauro, Frédéric, op.cit., p.379

*feita cada vez mais pelas companhias de seguros, que dispõem, dessa forma, de fundos enormes.*¹²⁷

Isso reforça a idéia do “casamento” entre o capital financeiro alemão e o capital industrial alemão. A Alemanha foi preparada para a Guerra; e esta, quando veio, era vista como um contraponto ao desemprego e à própria crise. Não cabe nesse trabalho estudar os conflitos e suas consequências. Só cabe alertar que a partir do final da Segunda Guerra Mundial, o mundo se divide em dois grandes blocos e que o mundo, economicamente e politicamente, nunca mais será o mesmo.

2.16.O Brasil: 1930-1940

A década que se inicia em 1930 e vai até 1940 no Brasil, é um período de profundas mudanças econômicas e sobretudo políticas: a Revolta Tenentista, o Estado Novo, e a própria Segunda Guerra Mundial, são transformações sobretudo políticas, que trarão consequências econômicas. Para nosso trabalho o âmbito econômico é o que mais nos interessa.

Segundo Maria da Conceição Tavares¹²⁸, o período que vai de 1933 até 1955 é denominado de **Industrialização Restringida**:

*“Nesse período de industrialização, pela primeira vez na história da economia brasileira, combinam-se dois fatores contraditórios que permitem identificar uma nova dinâmica de crescimento. O primeiro é que o processo de expansão industrial comanda o movimento de acumulação de capital, em que o segmento urbano da renda é o determinante principal das condições de demanda efetiva, vale dizer da realização dos lucros. O segundo resulta de que o desenvolvimento das forças produtivas e os suportes internos da acumulação urbana são insuficientes para implantar a grande indústria de base necessária ao crescimento da capacidade produtiva adiante da própria demanda. Assim, a estrutura técnica e financeira do capital continua dando os limites endógenos de sua própria reprodução ampliada, dificultando a “autodeterminação” do processo de desenvolvimento.”*¹²⁹

¹²⁷ Mauro, Frédéric, op.cit., p.379

¹²⁸ Tavares, Maria da Conceição, op.cit.,p.131

¹²⁹ Tavares, Maria da Conceição, op.cit.,p.131

Se anteriormente a produção cafeeira era a fonte de acumulação de capital, agora é a própria expansão industrial que comanda essa acumulação. A camada urbana da sociedade é, sem dúvida agora, a grande geradora de demanda de consumo e, portanto, geradora de renda mas, ao mesmo tempo, ainda não é possível instalar a grande indústria de base da qual o país tanto necessita.

Convém lembrar que esse período, 1930-1940, é um período posterior à uma grande crise internacional e é o período onde os países estão na tentativa da superação da crise. O comércio internacional está passando por uma crise onde o poder de compra das exportações diminui consideravelmente. Há, portanto, uma sensível queda na entrada de capital estrangeiro no período. “Durante toda a década de 1930 o setor exportador continuou em profunda crise, ao passo que os níveis de renda interna foram mantidos pela política de defesa do café e pelas políticas fiscal e monetária expansionistas.”¹³⁰

O que movimenta a economia é a produção e a demanda por bens de consumo para a classe assalariada. Mas como o período é marcado pela redução na capacidade de importar (consequência global do período recessivo), a necessidade “obriga” ao desenvolvimento do setor de bens de produção, embora a dinâmica econômica seja sustentada pela produção de bens de consumo. O Estado de São Paulo, sendo o mais avançado industrialmente, conquistaria e consolidaria rapidamente o mercado interno, firmando-se como pólo econômico e industrial do Brasil, situação que iria se firmar e se consolidar ainda mais, pós-1945.

2.17. As Empresas Alemãs no Estado de São Paulo: 1930-1940

Os dados conseguidos para esse período no Estado de São Paulo não foram de forma alguma esclarecedores. A partir da Primeira Guerra Mundial os dados estão incompletos. Não é possível precisar a data de instalação, tipo de sociedade e setor. Apenas conseguimos uma parcela dos dados referentes ao setor da empresa e à sua localização. Entre 1920 e 1940 a Alemanha passou por uma violenta recessão e pela ascensão do nazismo. Muitos imigrantes se dirigiram para o Brasil, mas não houve entrada de empresas alemãs no período. Houve, em alguns casos, estabelecimento de

¹³⁰ Suzigan, Wilson, op.cit., p.366

filiais de bancos e empresas que aqui já existiam, bem como mudanças no capital das empresas.

Uma hipótese sobre o que possa ter acontecido, foi a mudança de nome de alguns imigrantes, bem como a mudança dos nomes dos estabelecimentos, ou mesmo a abertura de empresas por imigrantes já naturalizados. Ou, até para evitar ressentimentos com a guerra, muitos alemães podem ter omitido o nome nos documentos oficiais, apenas citando os dos sócios brasileiros. Para reforçar nossa hipótese apresentamos abaixo um quadro com as naturalizações concedidas pelo Governo Federal, registrado na obra: *Série Estatísticas Retrospectivas – vol.1 – Edição fac-similar do original publicado em 1941*. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Rio de Janeiro, 1986.

TABELA 9: Naturalizações concedidas a imigrantes alemães 1889-1939

Nacionalidade	Movimento Quinquenal										TOTAL
	1889	1895	1900	1905	1910	1915	1920	1925	1930	1935	
	1894	1899	1904	1909	1914	1919	1924	1929	1934	1939	
Alemães	16	112	74	73	69	02	281	183	349	539	1.698

Pelos dados acima podemos observar que a maior parte dos processos de naturalização se deu entre 1920 e 1939, o que pode ser uma prova para a nossa hipótese de que o período em questão é mais propício à entrada de imigrantes e à consolidação dos laços comerciais até então adquiridos, do que à instalação de empresas. Como podemos perceber, a partir de 1920 o número de naturalizações aumenta, o que é facilmente explicado pelo cenário de crise pelo qual passava a Alemanha. Esse número tenderá a subir entre 1930 e 1939, na consolidação do nazismo, pela proximidade da guerra e pelas perseguições raciais. Ainda, segundo dados obtidos por essa mesma fonte (*Série Estatísticas Retrospectivas – IBGE*), entre 1908 e 1939, entraram pelo Porto de Santos, cerca de 40.227 imigrantes alemães.

Período de 1930-1940: nesse período pouco conseguimos descobrir a respeito. Sabemos apenas da instalação de bancos, ou melhor, de filiais bancárias e de alguns grupos de alemães que participaram de sociedades com algumas empresas, como no caso do Banco Itaú S/A, cujo total da participação do capital alemão na Empresa no Brasil, era de apenas 0.65%. Talvez essa falta de dados tenha se dado pela proximidade da nova

guerra, e pela política do nazismo. A Alemanha estava sendo reestruturada e se preparando para uma guerra. Talvez o imigrante que para cá se dirigiu estava fugindo de perseguições religiosas e políticas, apenas como mão-de-obra, e não como empresário. Pelos dados fornecidos pela tabela do Ministério da Indústria e Comércio, vemos que já a partir de 1925, as empresas alemãs não mais se instalam aqui. Apenas estabelecem filiais, ou aumentaram o capital. Com o nazismo, essa é a hora de consolidar o poderio, pois a crise ainda era demasiadamente forte na Alemanha para se pensar em expansão.

Pelos dados oficiais, instalaram-se aqui, **04** empresas brasileiras com capital alemão, pertencentes aos seguintes ramos: bens de capital, exportação/importação (comércio), bancos e indústria química. Com já foi dito anteriormente, estima-se que a quantidade de empresas alemãs instaladas no período de 1915-1940, tenha chegado por volta de 160 empresas. Dentre algumas dessas, foi possível detectar o setor ao qual pertenciam. Esse assunto será abordado no próximo tópico.

2.18. Algumas Observações sobre o período: 1915-1940

Como já foi explicitado acima, sobre o período que vai de 1915-1940, poucas informações concretas foram conseguidas. Conseguimos coletar e cruzar alguns dados provenientes das Listas Negras e da Câmara de Comércio e Indústria Brasil – Alemanha, o que possibilitou chegar aos seguintes resultados:

TABELA 10: Localização das empresas alemãs no Estado de São Paulo:1915-1940

Cidade	Quantidade de empresas instaladas
São Paulo	110
Santos	56
Interior	5

TABELA 11: Número de Empresas no Período:1915-1940

Ramo de Atividade	Número de Empresas
Bancos	03
Companhia de Navegação Cia.	02 03
Colonização/Importação/Exportação/Agropecuária	
Bens de Capital	08
Indústrias: química, eletro-eletrônica, madeira	09
Empresa Transporte	01
Bens de Consumo	07
Comércio/Fabricação/Montagem	04
Representação Comercial	36
Sem informação	99

Grande parte dessas empresas estavam ligadas ao Comércio, aos Bens de Consumo, às indústrias de química e eletro-eletrônica, bem como à indústria de Bens de Capital. Essa preferência pelo comércio e não pela indústria, demonstra que o período, 1915-1940, sofria as consequências da Primeira Guerra e da falta de grandes entradas de capital externo. Na maior parte eram Empresas Brasileiras com Capital Alemão e Empresas onde um dos sócios era alemão (imigrante). E, como já era de se esperar, concentravam-se, sobretudo, na cidade de São Paulo, logo seguida pela cidade de Santos, porto de escoamento de mercadorias, e por onde os produtos importados chegavam ao país.

CAPÍTULO 3: RESULTADOS

3.1. ASPECTOS GERAIS:

Com base nos dados oferecidos pelas fontes e que se transformaram em tabelas e com o embasamento teórico oferecido pela literatura, pretendemos relacionar os períodos de instalação das empresas, com os acontecimentos históricos, econômicos e sociais no Brasil, na Alemanha e no mundo, para tecer relações, e considerações.

Os dados coletados foram obtidos das seguintes fontes:

- Tabela do Ministério da Fazenda, sobre sociedades mercantis autorizadas a funcionar no Brasil (apresentado com o projeto)
- Dados fornecidos pelo Ministério da Guerra dos E.U.A, com listas de empresas alemãs no Brasil, que foram compilados em forma de tabela: **Listas Negras**
- Tabelas em textos, sobre o volume de capital estrangeiro no Brasil, e sobre algumas empresas e bancos, que também foram aproveitados na formulação das tabelas.
- Tabela sobre investimentos estrangeiros no Brasil
- Tabela sobre Empresas Brasileiras com Capital Alemão.

Todas as empresas conseguidas nas fontes já citadas, estão listadas abaixo. Muitas dessas empresas devem ser apenas de imigrantes já estabelecidos no Brasil. Muitos nomes listados podem não ter nenhuma relação com a Alemanha uma vez que, em alguns casos, não há distinção entre alemães, austríacos ou suíços. E muitas empresas estão sem a data de sua fundação. No caso de empresas ligadas às Listas Negras, presume-se que suas fundações tenham sido até 1918.

Como já foi dito acima, a partir das fontes conseguimos elaborar uma tabela que apresenta as seguintes características das empresas:

Legenda da tabela:

- 1.Nome da Empresa
- 2.Período de instalação/fundação: 1873-1914
- 3.1914-1929
- 4.1929-1940
- 5.1940...

6. Empresas alemãs no Brasil: **E1**
7. Empresas brasileiras com capital alemão: **E2**
8. Empresas fundadas por alemães residentes no Brasil: **E3**
9. Empresas sem informação: **E4**
10. Cidade/Localização
11. Setor:
 - Seguros: **A**
 - Bancos: **B**
 - Cia de Navegação: **C**
 - Cia de Colonização/Importação e Exportação/Agropecuária: **D**
 - Cia de Eletricidade: **E**
 - Cia de Correios e Telégrafos: **F**
 - Cia de Comércio: **G**
 - Bens de Capital: **H**
 - Indústrias: química, eletro-eletrônica, madeira: **I**
 - Material Elétrico: **J**
 - Empresa Aérea/Transportes: **K**
 - Bens de Consumo: **L**
 - Comércio/Fabricação/Montagem/Importação: **M**
 - Representação Comercial: **N**

Com base nas legendas acima, apresentamos a tabela com todas as empresas que conseguimos catalogar e os dados coletados juntamente com as empresas:

TABELA 12: Tabela Geral obtida através das fontes

Empresa	1873-1914	1914-1929	1929-1940	1940 ...	E1	E2	E3	E4	Cidade	Setor
Sociedade Transatlântica de Seguros	X				X				SP	A
Banco Alemão Brasileiro	X				X				SP/Santos	B
Cia. Hanseática de Seguros	X				X					A
Cia. De Seguros Berlim Colônia	X				X					A
Cia. Hamburgo Magdeburgo	X				X					A
Norddeutschen F. Gesellschaft	X				X					A
Cia de Seguros da Prússia	X				X					A
Manheimen V. Gesellschaft	X				X					A
Brazilianische Bank Deutschland	X				X				SP	B
Herman Deutsch S. Gesellschaft	X				X					D
Hamburgo Sudamerikanische D. G.	X				X					C
Noerddeutscher Lloyd	X				X					C
Brazilianische Electricitats G.	X				X					E
Pressuiche National V. Gesellschaft	X				X					A
Deutsche Roh Product Import Akt.	X				X					D
Auchener und Munchener F. V. G.	X				X					A
Brasilianische Deutsche H. Akt.	X				X					G
Brasilianische Siemens		X			X				SP	I
Albingia V. Aktiengesellschaft	X				X					A
Gesellschaft zur Gewinnung m.b.H	X				X					D
Deutshce S. Telegraphen G.	X				X					F
Banco Germânico da Am. Do Sul	X				X				SP	B
Banco Alemão Transatlântico	X				X				SP/Santos	B
Hansa Allegmeine V. Gesellschaft	X				X					A
Gasmotoren-Fabrik Deutz	X				X					H
Julins Pintsch Aktiengesellschaft	X				X					J
A E. G. Sud. Elek. G. mit B. Haftung	X				X					J
Brasilianische B. H. b.Hafung	X				X					D
Deutshce Luftansa Aktien.			X		X				SP	K
Lápis Johann Faber Ltda		X				X			São Carlos	I
Mecânica Gráfica Ltda		X				X			SP	H
Sedas Gutermann S/A			X			X			Mogi Cruzes	L
Estamparia Çaravellas S/A			X			X			SP	H
Máquinas Têxteis Santa Clara Ltda				X		X			SP	H
Dibraço Ltda				X		X			SP	M
Bardella S/A	X					X			SP	H
S/A Fábrica de Tecidos Lapa						X			SP	L
Bragussa Produtos Metálicos Ltda						X			Mauá	I
Brascola						X			SP	I
Aparelhos Zettler do Brasil S/A						X			SP	I
Cia. Eletricidade S. W. Voigt & H. Brasil						X			SP	I
Cyclop do Brasil Embalagens S/A						X			SP	M
Dornbusch & Cia Ltda						X			SP	H
Globus S/A						X			SP	M
Henkel do Brasil S/A						X			SP	I
Herder Editora Livraria Ltda						X			SP	L
Importadora Paulista S/A						X			SP	L

Empresa	1873-1914	1914-1929	1929-1940	1940 ...	E1	E2	E3	E4	Cidade	Setor
KSB do Brasil						X			SP	H
MWM Motores Diesel S/A						X			SP	H
Produtos Cosméticos Silhueta						X			SP	L
Raimann & Cia Ltda						X			SP	M
Telefunken do Brasil						X			SP	L
Vemag S/A						X			SP	M
Banco Itaú S/A				X		X			SP	B
Bayer	X					X			SP	I
BS Continental Group S/A		X				X			SP	L
Carl Zeiss do Brasil Ltda		X				X			SP	I
INBRA Indústria Química Ltda			X			X			SP	I
KHS S/A	X					X			SP	H
Petersen Matex Imp. Exp. Ltda		X				X			SP	N
UNIBANCO		X				X			SP	B
WESTLB Banco Europeu Am. Latina	X					X			SP	B
Aguiar, A de, & Co								X	Santos	
Aguiar, Armando								X	Santos	
Allemã, Casa								X	SP	
Andrade, Marcelino								X	Santos	
Beckmann & Co								X	SP	
Braghini, Cezgar								X	SP	
Breane, Rudolpho								X	SP	
Bromberg & Co								X	SP	
Buckup, P.								X	Santos/SP	
Casa Cosmos								X	SP	N
Casa Fuchs								X	SP	N
Casa Lemcke								X	SP	
Chaves, J.P.								X	Santos	
Cia Lithog. Hartmann Reichenbach								X	Santos/SP	N
Dauch & Co								X	Santos	N
Deutsche Zeitung (Diario Allemao)								X	SP	
Diebold, Alexander								X	Santos	N
Diebold & Co								X	Santos	N
Diedrichsen, A								X	Santos	
Dichl, J.								X	SP	
Diniz, Benedicto								X	SP	
Fabrica Metallurgica Allema								X	SP	
Marcos de Faria								X	Santos	
Figueiredo, Leopold & Co								X	Santos	N
Flues, Oscar								X	SP	
Germania								X	SP	
Gobiz, Manoel								X	Santos	
Gomes, Manoli								X	SP	
Granja, M. P.								X	SP	
Guimaraes, Jose								X	Santos	
Hanan, Eduardo & Co								X	SP	
Hanan, Casa								X	SP/Santos	
Hartmann, Julius								X	SP/Santos	

Empresa	1873-1914	1914-1929	1929-1940	1940 ...	E1	E2	E3	E4	Cidade	Setor
Hartmann Reichenbach								X	SP/Santos	
Hasenclever & Co								X	SP	
Heise, Hugo & Co								X	SP/Santos	N
Hellwegg, Carl								X	Santos	
Issler, Julio, Jr								X	SP	
Jacobsen, S								X	Santos	N
Jannowitz, Wahle & Co								X	SP	
Klaussner & Co								X	SP	
Knobloch, Gustavo								X	SP	
Koch, Otto								X	SP	
Langkger, A								X	Santos	
Lisboa, Pedro Christ								X	Santos	
Marino, Ernest & Co								X	SP	
Monteiro de Barros & Co								X	Santos	
Nossack & Co								X	Santos	N
Novita, J & Amado								X	Santos	
Oliveira, Eduardo								X	Santos	
Oliveira & Co								X	Santos	
Reinchenbach, Gustavo								X	SP/Santos	
Richter, Rudolpho								X	SP	
Reickmann & Co								X	SP	N
Rosenhain, Elisabetha								X	SP	
Rosenhain, Henrique								X	SP	
Rothschild & Co								X	SP	N
Schaible & Kanitz								X	SP	
Schmidt, Francisco								X	Santos	
Schmidt & Co (Casa Rosenhain)								X	SP	N
Schmidt, Trost & Co								X	SP/Santos	N
Schrader, Julius								X	SP	
Schwartzenberger, Alfredo								X	SP	
, Antonio								X	SP	
Silva, Domingos								X	SP	
Singer, Alfredo								X	Santos	
Smith, Charles								X	SP	
Steinberg, Meyer & Co								X	SP	N
Sotto & Co								X	SP	
Stolz, Hermann & Co								X	SP/Santos	N
Stupakoff, Otto								X	SP	
Stupakoff & Co								X	SP	
Trinks, Peter & Co								X	Santos	D
Trommel & Co								X	SP/Santos	N
Vasconcellos & Co								X	Santos	
Wagner, Schadlich & Co (Casa Allema								X	SP	N
Warnecke, Hermann & Co								X	SP	N
Weissflog Bros								X	SP	N
Weissflog, Alfredo								X	SP	
Wille, Theodor & Co								X	Santos	D
Wisehendorf, Max								X	Santos	

Empresa	1873-1914	1914-1929	1929-1940	1940 ...	E1	E2	E3	E4	Cidade	Setor
Companhia Nacional de Café								X	Santos	D/N
Companhia Lithographica Ypiranga								X	SP/Santos	N
Costa, Fernando & Co								X	Santos	
Darigo, Michele								X	Santos	
Bertholdo, Silva & Co								X	SP	N
Bloch, Eugen								X	SP	
Hackradt, Fernando & Co								X	SP	
Hafers, E								X	Santos	
Henrique & Leal								X	SP	
Ferrari & Bartholomei								X	Santos	
Flues, Oscar Co								X	SP	
Fuchs & Co								X	SP	
Laves de Moraes								X	SP	
Lemcke, Henrique								X	SP	
Levy, Rafael (Casa Smyrna)								X	SP	
Liechtenfels, Brandão								X	SP	
Pauly & Co								X	SP	
Pinatel, Luis								X	SP	
Raimbaud, Madame								X	SP	
Meissner, Arthur								X	SP	
Melcher, Conrado & Co								X	SP	
Moser, Berto								X	SP	
"Noticia, A"								X	Santos	
Rawlinson & Co								X	SP	
Ribeirão Pire, Companhia Industrial de								X	S. Bernardo	
Richter, Alfredo								X	SP	
Rizkallah, Jorge								X	SP	
Runes & Bark								X	Santos	N
Salemi & Arra								X	SP	
Serrario Unaio (Willhöft, Jose)								X	Santos	
Smith, Kessler & Panke (Casa Kosmos)								X	SP/Santos	
Spiro, Hugo								X	SP	
Stuck, Otto								X	SP	
Trinks, Gerhard								X	Santos	N
Trinks, Gerhad & Co								X	Santos	
Urban, Eugen & Co								X	Santos	N
Weiszflog, Max								X	SP	
Weiszflog, Otto								X	SP	
Zerrenner, Büllow & Co								X	SP/Santos	N
Breithaupt & Co								X	Santos	
Bromberg, Hacker & Co								X	SP	
Companhia Industrial de Ribeirão Pires								X	S. Bernardo	
Damazio, Guilemino								X	Santos	
Erbrich, Richard								X	SP	
Gomes, David (Kruger & Arentz)								X	SP	
Kruger & Arentz								X	SP	
Lisboa, Carlos								X	Santos	
Naschold, Ricardo & Co								X	SP	

Empresa	1873-1914	1914-1929	1929-1940	1940 ...	E1	E2	E3	E4	Cidade	Setor
Sergenicht, Conrado								X	SP	
Casa Enxoval								X	SP	N
Haupt & Co								X	Santos	N
Scheliga & Co								X	SP	N
Stieck, Otto								X	SP	N
Walle & Co								X	SP	N
João Willhoft								X	SP/Santos	N

Todos os dados reunidos encontram-se ao final do trabalho.

De maneira mais sintética e para melhor apresentar os dados, podemos dispô-los da seguinte maneira:

3.2.Resultados Gerais:

Um resumo dos resultados obtidos e demonstrados no capítulo anterior, estão esquematizadas na forma de tabelas e gráficos abaixo:

TABELA 13: Quantidade de Empresas instaladas no período 1873-1940 (A)¹³¹

PERÍODO DE INSTALAÇÃO DA EMPRESA	QUANTIDADE DE EMPRESAS INSTALADAS NO PERÍODO
1873-1914	32
1915-1929	07
1930-1940	04
1940 em diante	03
TOTAL (1)	44

TABELA 14: Quantidade de Empresas instaladas no período 1873-1940 (B)

PERÍODO DE INSTALAÇÃO DA EMPRESA	QUANTIDADE DE EMPRESAS INSTALADAS NO PERÍODO
Provavelmente instaladas entre 1873 e 1918	137
Provavelmente instaladas entre 1918 e 1940	17
TOTAL (2)	154

¹³¹ Empresas sobre as quais realmente temos certeza.

TABELA 15: Quantidade total de empresas entre 1873-1940

PERÍODO DE INSTALAÇÃO DA EMPRESA	QUANTIDADE DE EMPRESAS INSTALADAS NO PERÍODO
1873-1940 (Total 1+ Total 2)	198 (número de empresas coletadas na pesquisa)¹³²

TABELA 16: Localização das Empresas:1873-1940

LOCALIDADE	QUANTIDADE DE EMPRESAS
SP (CAPITAL)	128
SANTOS	52
INTERIOR	5
Sem informação	22
TOTAL (3)	207¹³³

TABELA 17: Tipos de Sociedade:1873-1940

Empresa ou Sociedades Mercantis Alemãs instaladas no Brasil	17%
Empresas Brasileiras com Capital Alemão	18%
Empresas Brasileiras onde pelo menos um dos sócios seja imigrantes alemão já estabelecido no Brasil	45%
Empresas sobre as quais não foram possível obter nenhuma informação	20%

¹³² As 198 empresas estão listadas na tabela de número 12, no começo desse capítulo.

¹³³ Embora o número de empresas catalogadas seja 198, esse item apresentou 207 empresas, porque algumas delas possuíam a matriz em uma cidade e a filial em outra. A localização das empresas está explicitada na tabela 12.

Quanto ao setor no qual a empresa estava inserida:

TABELA 18: Ramos de Atividade: 1873-1940

Seguros	10%
Bancos	5%
Bens de Consumo	7%
Bens de Capital	10%
Exportação/Importação/Comércio/Fabricação/Montagem	5%
Casas Comerciais/Estabelecimentos Comerciais	32%
Cias. de Colonização/Exportação/Importação/Agropecuária	7%
Cia de Navegação	2%
Cia. de Eletricidade	1%
Cia. de Correios e Telégrafos	1%
Indústria Química/Eleto-eletrônica	3%
Material Elétrico	2%
Empresa Aérea/Transporte	1%
Sem informação sobre ramo de atividade	14%

Gráfico 1: Tipos de Empresas

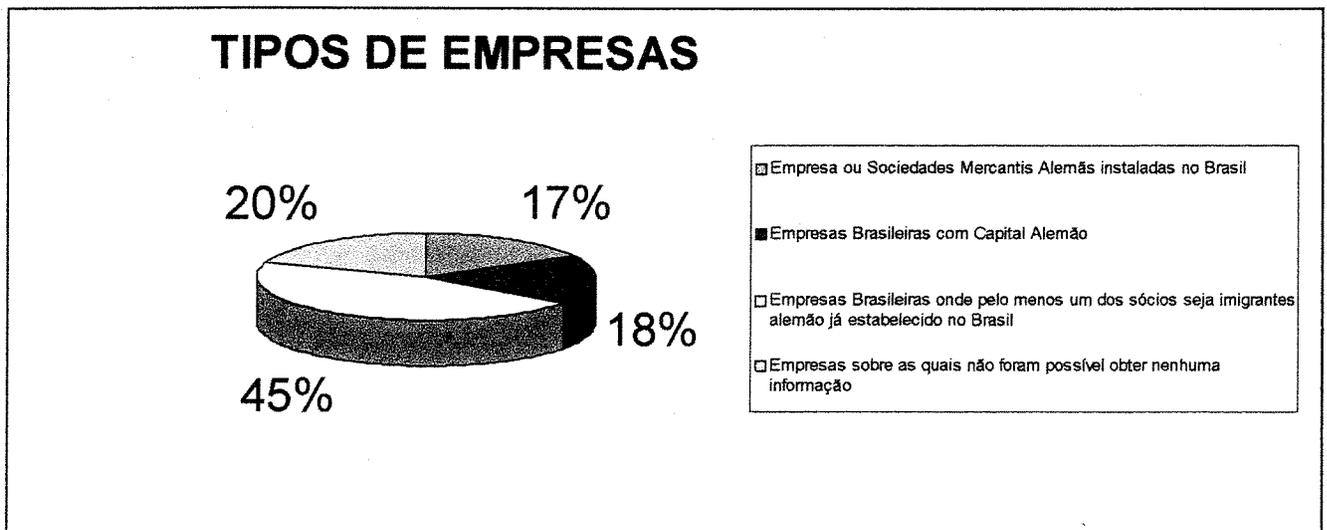
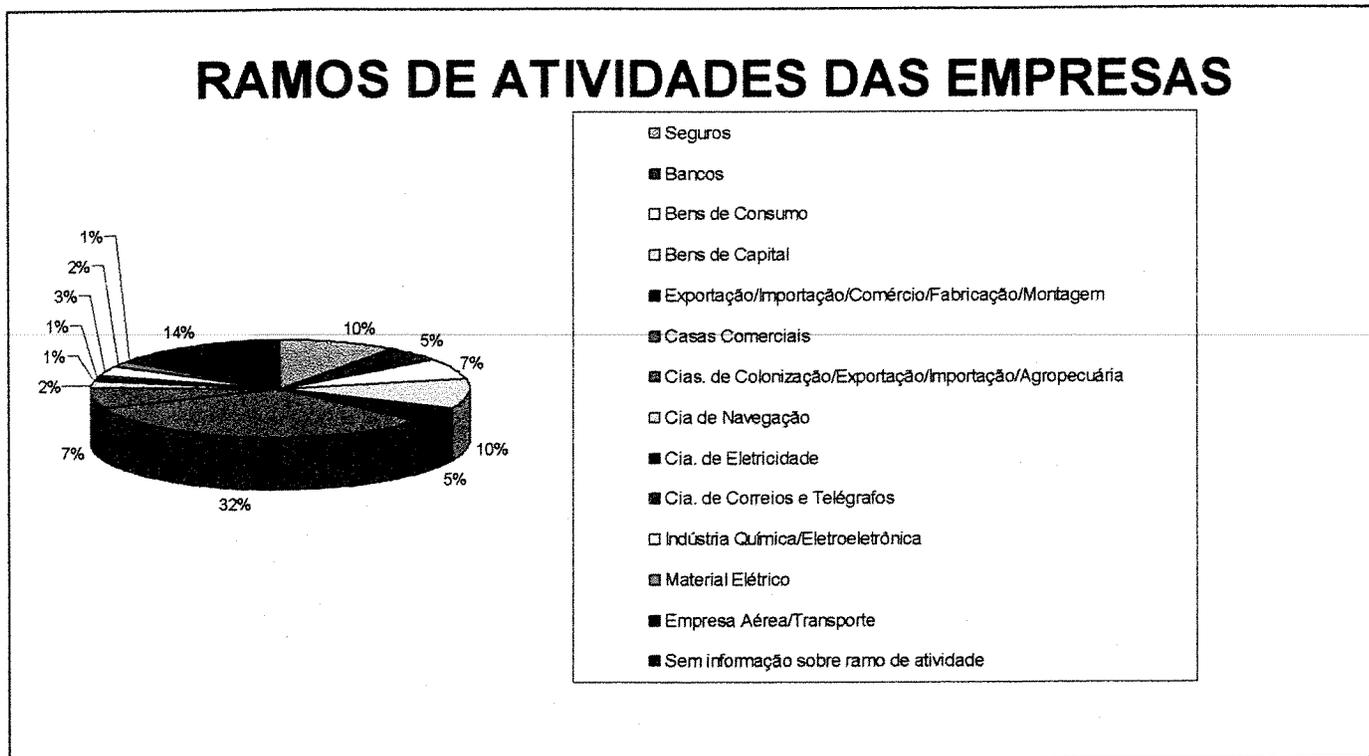


Gráfico 2: Ramos de Atividades das Empresas 1873-1940**TABELA 19: Outras Informações**

Outras informações:	Número de empresas
Empresas que não devem estar relacionadas à outras empresas alemãs, ao capital alemão, ou à imigrantes	40
Empresas que pertencem à imigrantes	40
Empresas sem informação sobre o ramo de atividade	89

3.3. Análise dos Resultados:

3.4. Sobre o tipo de Empresas:

3.4.1) Empresas brasileiras com capital alemão: 18%

Grande parte dessas empresas instalaram-se no Estado de São Paulo entre 1922 e 1939. Pois para a Alemanha, já não há mais a necessidade nem a vontade da instalação de plantas industriais ou das transferências físicas de suas empresas, para o Brasil. A Alemanha estava no período do “entre guerras”, numa fase crítica de crise e de superação da crise. Ela agora está presente apenas através de empresários que são sócios/parceiros de empresas no ultramar. No caso do Brasil, a acumulação de capital que se deu primeiramente através da cultura cafeeira, e o desenvolvimento de uma camada urbana consumidora de bens de consumo, possibilitou a geração de renda e posterior aplicação da mesma em forma de instalação de pequenas indústrias e empresas. Também o Brasil passava por um período conturbado de crise política e econômica.

3.4.2) Empresas onde pelo menos um dos sócios era alemão (imigrante): 45%

São empresas instaladas por imigrantes que para cá se dirigiram com algum tipo de capital, ou que conseguiram juntá-lo trabalhando aqui. A maior entrada desses imigrantes deu-se até 1918. A partir dessa data, em sua maioria, os imigrantes estavam fugindo de perseguições e guerra. Essa é a categoria que mais se destacou, principalmente pela grande quantidade de estabelecimentos comerciais, que estavam sob seu domínio, conforme verificado em nossa pesquisa.

3.4.3) Sobre as empresas alemãs no Estado de São Paulo: 17%

Podemos perceber claramente que essas empresas entraram no Estado de São Paulo até o ano de 1920. Após essa data, muito poucas empresas entraram. Conforme o indicado pela tabela do Ministério da Indústria e Comércio que se encontra no próximo capítulo, após 1920 houve apenas aumento do capital dessas empresas, mudanças de estatutos ou abertura de filiais. Esse fato é completamente compreensível. Como

dissemos acima, após a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha entrou numa grave crise. Seu maior objetivo era a reconstrução interna, e não a política e o comércio exterior, embora esse comércio nunca tenha deixado de existir. Não era hora de expandir seu poderio econômico-político; e sim, consolidar ou evitar perder o poder e o controle que já detinha, e principalmente, reerguer a Alemanha e preparar-se para a nova guerra.

3.5. Sobre o período de instalação e o setor ao qual pertence a empresa:

3.5.1)1873-1914

O período de maior entrada de empresas alemãs no Brasil, deu-se entre 1873 e 1914. Essa fase coincide com a expansão da hegemonia alemã, com o auge do Imperialismo Alemão, que se arrasta até a Primeira Guerra Mundial.

No Brasil esse período é marcado pelo desenvolvimento e auge do complexo cafeeiro, pela substituição do trabalhador escravo pelo trabalhador assalariado imigrante, pela Proclamação da República, pela geração de renda, pela criação de uma classe urbana e consumidora desses bens, e pela grande entrada de imigrantes no país.

SETOR	Número de Empresas
Seguros	11
Bancos	5
Importação/Exportação/Colonização	4
Cia. de Navegação	2
Cia. de Eletricidade	1
Cia. de Comércio	1
Indústria: química, eletro-eletrônica	2
Bens de Capital	3
Material Elétrico	2
Correios	1

Quanto aos setores que essas empresas pertenciam: grande parte delas estavam ligadas ao capital financeiro alemão, seja através dos bancos ou das companhias de seguros. Também estavam ligadas à empresas de bens de capital e de colonização/imigração.

Mas, se levarmos em conta os dados sobre os quais não temos absoluta certeza, podemos dizer que provavelmente entre 1873 e 1918, instalaram-se no Estado de São Paulo 137 empresas, que pertenciam aos seguintes ramos, além daqueles listados acima: Estabelecimentos Comerciais (a grande maioria) e empresas ligadas à Bens de Consumo não Duráveis. Tal resultado é extremamente compreensível, quando levamos em conta o período: além do que já foi citado acima, a partir de 1914 temos o início da Primeira Guerra Mundial, que levará o país a procurar desenvolver aqui os produtos anteriormente importados (Bens de Consumo). O grande número de estabelecimentos comerciais pode ser atribuído tanto a imigrantes com capital ou não, nesse caso, que conseguiram juntar uma determinada quantia trabalhando como assalariado ou, conseguiram empréstimos em bancos alemães no Brasil, já estabelecidos aqui ou que estivessem fugindo da guerra e da crise que a sucedeu.

3.5.2) 1915-1940

A partir da Primeira Guerra Mundial a entrada de Empresas Alemãs, sejam elas Sociedades Mercantis, Empresas Brasileiras com Capital Alemão ou Empresas formadas por um ou mais imigrantes, foi quase nula. Para que possamos entender isso devemos nos remeter aos acontecimentos históricos já descritos anteriormente: durante esse período, logo após a Guerra, a Alemanha enfrentou uma dura crise em seu território. Além disso, tivemos a ascensão do nazismo e a preparação para uma Segunda Guerra. Não havia como a Alemanha se preocupar com a expansão política e econômica fora de seu território. Mas, mesmo assim, ela conseguiu que algumas empresas aqui se instalassem ou que abrisse filiais de empresas já existentes. No caso brasileiro, como já foi dito acima, esse foi um período marcado pela substituição de importações, pela crise cafeeira, pela consolidação da indústria de bens de consumo paulista (Devemos nos lembrar que até 1914 não possuíamos um setor de bens de consumo durável no país. Esse tipo de produto era totalmente importado. A Guerra irá ajudar a desenvolver esse setor), e do começo de uma indústria pesada no país. No país há uma clara prevalência das empresas ligadas aos bens de consumo não duráveis:

“A indústria paulista, entre 1907 e 1919, dava seu grande salto quantitativo, crescendo, em termos nominais, mais do que o dobro do que a indústria do resto do país. A Primeira Guerra, por outro lado, constituiu um verdadeiro “teste” para sua capacidade em conquistar o mercado nacional. Entre 1919 e 1929, além da expansão quantitativa, a indústria paulista também dava um salto qualitativo, diversificando sua produção e introduzindo, ainda que de forma incipiente, alguns segmentos industriais mais dinâmicos, de bens de produção, já instalados com dimensão para suprir um mercado em escala nacional. É nessa segunda etapa, aliás, que a concentração da indústria brasileira, em São Paulo, se tornaria mais efetiva.”¹³⁴

Com relação ao setores: grande parte estava ligada ao Comércio. Também podemos sentir a presença das poucas empresas alemãs que por aqui se arriscaram no período, nos seguintes setores: Indústrias (química, eletro-eletrônica e madeira/lápis), Bens de Consumo não duráveis, Bens de Capital, Bancos, Comércio de Importação e Exportação e Transportes (*Deutsche Luftansa Aktiengesellschaft*)

3.6. Sobre a localização das Empresas:

Como era de esperar, a maior parte das empresas estava localizada na capital paulista, sede administrativa, política e econômica do Estado/Província. Outra grande parcela dessas empresas estavam localizadas na cidade de Santos, porto principal do país, lugar por onde todo o comércio exterior é realizado.

Cabe lembrar que além da importância econômica dessas cidades, elas possuíam dentre seus habitantes, grande quantidade de imigrantes alemães e seus descendentes. Portanto, também possuíam uma camada considerável de imigrantes e seus familiares, que estavam empregados como trabalhadores assalariados nessas cidades, gerando renda e consumo por mercadorias importadas, principalmente as de origem alemã.

3.7. Conclusões dos Resultados:

Começamos nossa pesquisa preocupados com as Empresas Alemãs no Estado de São Paulo. Mas conforme a pesquisa foi se desenvolvendo, tivemos algumas surpresas:

1. Essas Empresas, a maior parte, se instalaram entre 1873 e 1918. Possivelmente está relacionado ao fato da expansão do Imperialismo Alemão e à crise que se segue após a Primeira Guerra, colocando a Alemanha numa situação de restauração interna, sem capacidade de investir no exterior.

2. Conforme as pesquisas foram avançando, a quantidade de informações referentes a empresas onde um dos sócios era alemão/imigrante aumentou. Isso nos remete às seguintes conclusões: alguns imigrantes alemães que para cá se dirigiram, trouxeram consigo um certo capital. Também podem ter conseguido empréstimos ou financiamentos em instituições financeiras alemãs no Brasil, uma vez que esses imigrantes preferiam negociar com bancos alemães. A maior parte deles vieram para cá fugindo das crises pelas quais passou a Alemanha e chegaram aqui até 1918. A maior parte desses dados foram retirados das Listas Negras.

3. Entre 1873 e 1914, tivemos a ocorrência de 28 Empresas Alemãs e 04 Empresas Brasileiras com Capital Alemão. A maior parte, 50%, estavam ligadas ao capital financeiro: empresas de seguros e bancos.

4. No período que vai de 1915 e 1929, localizamos 07 Empresas Brasileiras com Capital Alemão (embora esse número possa chegar à 160; mas, infelizmente, não temos informações oficiais mais detalhadas.). Sobre o setor ao qual pertenciam, estavam ligadas à indústrias química e eletro-eletrônica, ao setor de bens de consumo, estabelecimentos comerciais, bens de capital e bancos.

5. Entre 1930 e 1940, não há entrada de empresas alemãs no Brasil. O que temos é a consolidação das empresas já existentes, tais como, ampliação de filiais e abertura apenas de estabelecimentos comerciais.

¹³⁴ Cano, Wilson, op.cit., p.274

CAPÍTULO 4: AS FONTES**4.1. Empresas alemãs e Empresas brasileiras com capital alemão:**

Traz como informações o nome das empresas, a data de fundação, a cidade onde a empresa foi instalada, o capital registrado, o setor da empresa, a origem do capital ou do sócio acionário estrangeiro. Interessante observar que todas possuem o capital muito alto.

TABELA 20: Os investimentos alemães no Brasil¹³⁵

<u>NOME DA EMPRESA</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>CIDADE INSTALADA</u>	<u>CAPITAL REGISTRADO</u>	<u>SETOR</u>	<u>ORIGEM DO CAPITAL OU DO SÓCIO ACIONÁRIO ESTRANGEIRO</u>
LÁPIS JOHANN FABER LTDA	1925	SÃO CARLOS	Cr\$ 100.000.000,00	Fabricação de lápis, lapiseiras e minas para lápis, canetas, réguas de calcular e outros artigos de escritório	Liechtenstein e Alemanha. Em 1945, todas as quotas em poder de estrangeiros foram adquiridas pelos sócios-quotistas brasileiros.
MECÂNICA GRÁFICA S/A	1929	SÃO PAULO	Cr\$ 48.000.000,00	Fabricação de prensas excêntricas e de fricção para usinas metalúrgicas estamparias, máquinas para folhas de Flandres, etc.	Wuerttemberg – Alemanha
SEDAS GUTERMANN S/A	1932	SÃO PAULO	Cr\$ 28.000.000,00	Fabricação e Comércio por atacado de fios de coser e bordar	Suíça, Itália e Alemanha
ESTAMAPARIA CARAVELAS S/A	1934	SÃO PAULO	Cr\$ 100.000.000,00	Fabricação de máquinas para a indústria de papel e celulose, bem como cilindros de precisão absoluta para as indústrias de papel, borracha, plásticos e metais; fabricação de tubos de alumínio, brinquedos, etc.	Renânia – Alemanha.
MÁQUINAS TÊXTEIS SANTA CLARA LTDA	1941	SÃO PAULO	CR\$ 16.000.000,00	Fabricação, comércio e montagem de máquinas e equipamentos para a indústria têxtil	Hamburgo - Alemanha

¹³⁵ Haas, Werner, *Os investimentos estrangeiros no Brasil*, Rio de Janeiro, Bernet&Bossart, 1958

<u>NOME DA EMPRESA</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>CIDADE INSTALADA</u>	<u>CAPITAL REGISTRADO</u>	<u>SETOR</u>	<u>ORIGEM DO CAPITAL OU DO SÓCIO ACIONÁRIO ESTRANGEIRO</u>
DISTRIBUIDORA BRASILEIRA DE AÇOS E METAIS DIBRAÇO LTDA	1941	SÃO PAULO	Cr\$ 15.000.000,00	Importação e comércio de aço em barras, arames, ferramentas, etc. Distribuição exclusiva no Brasil dos produtos de aço "Roehling"	Wetzlar - Alemanha
BARDELLA S/A - INDÚSTRIAS MECÂNICAS	1911	SÃO PAULO	Cr\$ 110.000.000,00	Fabricação de guindastes, aparelhos de elevação, maquinaria pesada, etc.	Heidenheim/Brenz - Alemanha
SOCIEDADE ANÔNIMA FÁBRICA DE TECIDOS E BORDADOS LAPA	SEM DATA DE FUNDAÇÃO	SÃO PAULO	Cr\$ 140.000.000,00	Fabricação e comércio de tecidos para cama e mesa	Bielefeld - Alemanha
BRAGUSSA - PRODUTOS METÁLICOS LTDA	SEM DATA DE FUNDAÇÃO	MAUÁ	Cr\$ 18.000.000,00	Fabricação de preparados líquidos de ouro e prata para indústria de cerâmica, vidro, eletrotécnica e raion.	Frankfurt - Alemanha
BRASCOLA LTDA	SEM DATA DE FUNDAÇÃO	SÃO PAULO	Cr\$ 6.000.000,00	Fabricação de colas sintéticas	Pirmasens - Alemanha
APARELHOS ZETTLER DO BRASIL S/A	SEM DATA DE FUNDAÇÃO	SÃO PAULO	Cr\$ 50.000,00	Dispositivos de alarmes	Munich - Alemanha
COMPANHIA DE ELETRICIDADE SCHORCH - WERKE-VOIGT & HAEFFNER DO BRASIL	SEM DATA DE FUNDAÇÃO	SÃO PAULO	Cr\$ 18.500.000,00	Fabricação de equipamentos elétricos para alta e baixa tensão	Alemanha
CYCLOP DO BRASIL EMBALAGENS S/A	SEM DATA DE FUNDAÇÃO	SÃO PAULO	Cr\$ 12.000.000,00	Fabricação, comércio, importação e exportação de materiais, para embalagens, máquinas, etc.	Alemanha Ocidental e cidadãos alemães residentes no Brasil.
DORNBUSCH & CIA INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA	SEM DATA DE FUNDAÇÃO	SÃO PAULO	Cr\$ 12.000.000,00	Fabricação de cilindros de aço.	Alemanha
GLOBUS S/A - INDUSTRIAL E IMPORTADORA	SEM DATA DE FUNDAÇÃO	SÃO PAULO	Cr\$ 10.000.000,00	Importação, exportação, comércio, fabricação e montagem de máquinas, para a indústria e a agricultura	Hamburgo - Alemanha

<u>NOME DA EMPRESA</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>CIDADE INSTALADA</u>	<u>CAPITAL REGISTRADO</u>	<u>SETOR</u>	<u>ORIGEM DO CAPITAL OU DO SÓCIO ACIONÁRIO ESTRANGEIRO</u>
HENKEL DO BRASIL S/A – INDÚSTRIAS QUÍMICAS	SEM DATA DE FUNDAÇÃO	SÃO PAULO	Cr\$ 34.904.000,00	Fabricação, beneficiamento, refinaria, comércio, importação e exportação de produtos de limpeza.	Dusseldorf
HERDER EDITORA LIVRARIA LTDA	SEM DATA DE FUNDAÇÃO	SÃO PAULO	Cr\$ 1.000.000,00	Livraria e editora	Freiburg/Breisgau - Alemanha
IMPORTADORA PAULISTA DE APARELHOS MÉDICOS S/A	SEM DATA DE FUNDAÇÃO	SÃO PAULO	Cr\$ 11.250.000,00	Fabricação de bicicletas.	Alemanha
KSB DO BRASIL – INDÚSTRIA DE BOMBAS HIDRÁULICAS S/A – INDÚSTRIA E COMÉRCIO	SEM DATA DE FUNDAÇÃO	SÃO PAULO	Cr\$ 60.000.000,00	Fabricação, montagem e consertos de bombas hidráulicas.	Frankental - Alemanha
MWM MOTORES DIESEL S/A	SEM DATA DE FUNDAÇÃO	SÃO PAULO	Cr\$ 52.400.000,00	Fabricação de motores diesel de vários tipos e tamanhos	Alemanha
PRODUTOS COSMÉTICOS SILHUETA LTDA	SEM DATA DE FUNDAÇÃO	SÃO PAULO	Cr\$ 1.000.000,00	Fabricação, comércio, importação, exportação, de produtos cosméticos e de perfumaria em geral.	Hamburgo/Altona – Alemanha
RAIMANN & CIA LTDA	SEM DATA DE FUNDAÇÃO	SÃO PAULO	Cr\$ 18.000.000,00	Importação, comércio e fabricação de máquinas para a indústria madeireira	Freiburg - Alemanha
TELEFUNKEN DO BRASIL S/A – INDÚSTRIA E COMÉRCIO	SEM DATA DE FUNDAÇÃO	SÃO PAULO	Cr\$ 30.000.000,00	Fabricação de aparelhos de rádio, televisão e eletrônicos.	Berlim - Alemanha
VEVAG S/A – VEÍCULOS E MÁQUINAS AGRÍCOLAS	SEM DATA DE FUNDAÇÃO	SÃO PAULO	Cr\$ 625.000.000,00	Importação, montagem e fabricação de caminhões, automóveis, etc.	Alemanha

4.2. Dados fornecidos pela Câmara de Comércio Brasil-Alemanha:

São empresas brasileiras com capital alemão, onde constam: o nome da empresa, a data de fundação, a cidade, o principal investidor alemão, o setor ao qual a empresa pertence e o total da participação de capital alemão na empresa no Brasil. Dessas empresas, 68% ,mais de 50% do controle acionário, pertence ao capital alemão.

TABELA 21: Empresas brasileiras com capital alemão¹³⁶

NOME DA EMPRESA	DATA DE FUNDAÇÃO	CIDADE	PRINCIPAL INVESTIDOR ALEMÃO	TOTAL DA PARTICIPAÇÃO DE CAPITAL ALEMÃO NA EMPRESA NO BRASIL	PRODUTOS E SERVIÇOS
A W. FABER CASTELL S A	20/05/30	SÃO CARLOS	A W. FABER CASTELL Unternehmensverwaltung GmbH & Co.	57%	Lápis, canetas, lapiseiras, e demais artigos para pintar, escrever e desenhar.
BANCO ITAÚ SA	28/12/43	SÃO PAULO	BAYERISCHE HYPO-UND VEREINSBANK AG	0.65%	Banco
BAYER	Fundada na Alemanha em 1896	SÃO PAULO	BAYER AG	100%	Produtos químicos em geral
BS CONTINENTAL GROUP SA	1926	SÃO PAULO	Bosch-Siemens Hausgeräte GmbH	65%	Eletrodomésticos em geral
CARL ZEISS DO BRASIL LTDA	1928	SÃO PAULO	Carl Zeiss Oberkochen/ StraBe	99,99%	Microscópios, máquinas de medição, etc.
GÜTERMANN LINHAS PARA COSTURA LTDA	15/02/27	MOGI DAS CRUZES – SP	GÜTERMANN & Co	19%	Linhas para costura de polyester, rayon, nylon, seda e algodão.
INBRA INDÚSTRIA QUÍMICA LTDA	01/10/39	DIADEMA SP	CHEMETALL GmbH	50%	Agentes esponjantes, lubrificantes, plastificantes, etc.
KHS AS INDÚSTRIAS DE MÁQUINAS	1893	SÃO PAULO	KHS Maschinen und Anlagenbau AG	64,5%	Lav. De garrafas, latas, enchedoras de garrafas, latas, barris, encaixotadoras, rotuladoras, pasteurizadores, etc.

¹³⁶ *Empresas brasileiras com capital alemão (Brasilianische Unternehmen mit deutschem Kapital)*, Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha de São Paulo, São Paulo, 1988

NOME DA EMPRESA	DATA DE FUNDAÇÃO	CIDADE	PRINCIPAL INVESTIDOR ALEMÃO	TOTAL DA PARTICIPAÇÃO DE CAPITAL ALEMÃO NA EMPRESA NO BRASIL	PRODUTOS E SERVIÇOS
PETERSEN MATEX IMP. E EXP. LTDA	09/22	RIO DE JANEIRO	Coutinho Caro + Co. International Trading GmbH	35%	Representação comercial de indústrias nacionais e estrangeiras, instalações industriais, máquinas, matérias-primas, etc.
PETERSEN MATEX IMP. E EXP. LTDA	09/22	SÃO PAULO	Coutinho Caro + Co. International Trading GmbH	35%	Representação comercial de indústrias nacionais e estrangeiras, instalações industriais, máquinas, matérias-primas, etc.
SIEMENS LTDA	26/07/22	SÃO PAULO	SIEMENS AG	82,79%	Geração de energia, transmissão e distribuição de energia, transportes, telecomunicações, eletromedicina, informática, automação, etc.
UNIBANCO – UNIÃO DE BANCOS BRASILEIROS	1924	SÃO PAULO	Commerzbank AG	7,2%	
WESTLB BANCO EUROPEU PARA A AMÉRICA LATINA SA	03/01/11	SÃO PAULO	Westdeutsche Landesbank Girozentrale	100%	Banco

4.3.Listas Negras:

Esse dados são importantes porque juntamente com as tabelas anteriores, fornecem dados para a elaboração da Tabela 12, de onde extraímos os resultados de nossa pesquisa.

4.3.1 - LISTA DE NÚMERO 1, DE 1º DE OUTUBRO DE 1917:

“TRADING WITH THE ENEMY: ENEMY TRADING LIST - ISSUDE BY THE WAR TRADE BOARD OF THE UNITED STATES OF AMERICA – WASHINGTON - GOVERNMENT PRINTING OFFICE”

INTRODUÇÃO

Com a declaração da Guerra (Primeira Guerra Mundial) e com o desenrolar do conflito, o Departamento Americano de Guerra, através do seu serviço de Inteligência, elaborou um material que consistia de todos os estabelecimentos comerciais, bancos, empresas, fábricas e indústrias, localizadas em países aliados, que fossem de nacionalidade inimiga (empresas estrangeiras, filiais, ou cujos donos, embora fossem imigrantes já estabelecidos nos países aliados, possuíssem nacionalidade inimiga), ou que simplesmente comercializassem com países inimigos de forma direta ou indireta. O medo constante de espionagem em seu próprio país, e mesmo a situação bélica, levou o Ministério da Guerra Americana a criar essa relação. Esse medo não era exclusivo dos Estados Unidos da América, que divulgaram essa lista em três anos (1917, 1918 e 1919), mas também de outro país aliado: a Grã-Bretanha, que publicou uma lista semelhante em 1918.¹³⁷

A lista oficial possui informações de todos os países, principalmente nas Américas, e está em ordem alfabética por país. Com vistas ao nosso trabalho, listaremos abaixo apenas as empresas, casas comerciais, ou, ainda, pessoas físicas ou jurídicas que, por causa das mais diversas razões, comercializam com os países inimigos, e que se localizam no Estado de São Paulo. As listas trazem informações de todos os estados brasileiros, e de comerciantes e estabelecimentos de outras nacionalidades inimigas, que não a alemã. Muitas vezes, essas empresas foram impedidas de funcionar, boicotadas, e tiveram o seu nome ou razão social alterados, para que pudessem trabalhar em paz, sem levantar suspeitas.

¹³⁷ “The Enemy Trading List is compiled for the benefit of American merchants who, by the Trading with the Enemy Act, are prohibited under penalties from trading with the enemy, or ally of enemy, without first obtaining a license from the War Trade Board. This is a list of enemies and allies of enemies, and other persons, firms, and corporations, who there is reasonable cause to believe have acted, directly or indirectly, for, on account of, on behalf of, or for the benefit of enemies and allies of enemies. The list does not purport to be a complete list. Any person, firm, or corporation trading with any other person, firm, or corporation who there is reasonable cause to believe is an enemy or ally of enemy, or in such trade is acting for, on account of, behalf of, or for the benefit of an enemy or ally of enemy, is not relieved from the prohibitions and penalties imposed by the Trading with the Enemy Act by reason of the fact that the name of such other person, firm or corporation does not appear upon this list.” **Trading With the Enemy**, War Trade Board, Washington, 1917, pg.03

Como ressalva, essa lista, pelo menos essa parte que chegou às nossas mãos, nos oferece um inconveniente: ela lista a razão social dos estabelecimentos, sem nenhuma referência à composição societária da empresa, ou sobre a nacionalidade de seu proprietário. Também não especifica com qual país inimigo as empresas comercializavam. Também não traz o setor ou ramo de atividade da empresa citada. Portanto, pelo fato de ser um material até pouco trabalhado, resolvemos listar todos os itens que se relacionem com o Estado de São Paulo. Comparamos esses dados com outros dados já coletados, para tentar mapear, dentre essas empresas, aquelas que são alemãs, as que são brasileiras com capital alemão, e as que são de imigrantes já estabelecidos aqui. É esse o nosso único recurso, além é claro, de imaginar a nacionalidade da empresa, pelo nome da mesma.

NOME DA EMPRESA OU DO PROPRIETÁRIO	CIDADE OU ESTADO DO BRASIL ONDE SE LOCALIZA
Aguiar, A de, & Co	Santos
Aguiar, Armando	Santos
Allemão, Casa	São Paulo
Andrade, Marcelino	Santos
Beckmann & Co	São Paulo
Braghini, Cezgar	São Paulo
Brasilianische Bank fur Deutschland	Santos e São Paulo
Breane, Rudolpho	São Paulo
Bromberg & Co	São Paulo
Buckup, P.	Santos e São Paulo
Casa Cosmos	São Paulo
Casa Fuchs	São Paulo
Casa Lemcke	São Paulo
Chaves, J.P.	Santos
Companhia Lithographica Hartmann Reichenbach	Santos e São Paulo
Dauch & Co	Santos
Deustsche Zeitung (Diario Allemao)	São Paulo
Diebold, Alexander	Santos
Diebold & Co	Santos
Diedrichsen, A	Santos
Dichl, J.	São Paulo
Diniz, Benedicto	São Paulo
Fabrica Metallurgica Allema (Fabrica Metallurgica de São Paulo)	São Paulo
Marcos de Faria	Santos
Figueiredo, Leopold & Co	Santos
Flues, Oscar	São Paulo

NOME DA EMPRESA OU DO PROPRIETÁRIO	CIDADE OU ESTADO DO BRASIL ONDE SE LOCALIZA
Germania	São Paulo
Gobiz, Manoel	Santos
Gomes, Manoli	São Paulo
Granja, M. P.	São Paulo
Guimaraes, Jose	Santos
Hanan, Eduardo & Co	São Paulo
Hanan, Casa	São Paulo
Hartmann, Julius	São Paulo e Santos
Hartmann Reichenbach, Cia Lithografica	São Paulo e Santos
Hasenclever & Co	São Paulo
Heise, Hugo & Co	São Paulo e Santos
Hellwegg, Carl	Santos
Issler, Julio, Jr	São Paulo
Jacobsen, S	Santos
Jannowitz, Wahle & Co	São Paulo
Klaussner & Co	São Paulo
Knobloch, Gustavo	São Paulo
Koch, Otto	São Paulo
Langkger, A	Santos
Lisboa, Pedro Christ	Santos
Marino, Ernest & Co	São Paulo
Monteiro de Barros & Co	Santos
Nossack & Co	Santos
Novita, J & Amado	Santos
Oliveira, Eduardo	Santos
Oliveira & Co	Santos
Reinchenbach, Gustavo	São Paulo e Santos
Richter, Rudolpho	São Paulo
Reickmann & Co	São Paulo
Rosenhain, Elisabetha	São Paulo
Rosenhain, Henrique	São Paulo
Schaible & Kanitz	São Paulo
Rothschild & Co	São Paulo
Schmidt, Francisco	Santos
Schmidt & Co (Casa Rosenhain)	São Paulo
Schmidt, Trost & Co	São Paulo e Santos
Schrader, Julius	São Paulo
Schwartzenberger, Alfredo	São Paulo
Siemens-Schuckert Werke	São Paulo
Silva, Antonio	São Paulo
Silva, Domingos	São Paulo
Singer, Alfredo	Santos
Smith, Charles	São Paulo
Steinberg, Meyer & Co	São Paulo

NOME DA EMPRESA OU DO PROPRIETÁRIO	CIDADE OU ESTADO DO BRASIL ONDE SE LOCALIZA
Sotto & Co	São Paulo
Stolz, Hermann & Co	São Paulo e Santos
Stupakoff, Otto	São Paulo
Stupakoff & Co	São Paulo
Trinks, Peter & Co	Santos
Trommel & Co	São Paulo e Santos
Vasconcellos & Co	Santos
Wagner, Schadlich & Co (Casa Allema)	São Paulo
Warnecke, Hermann & Co	São Paulo
Weissflog Bros	São Paulo
Weissflog, Alfredo	São Paulo
Wille, Theodor & Co	Santos
Wisehendorf, Max	Santos

4.3.2 – SEGUNDA LISTA: 13 DE DEZEMBRO DE 1918

“ENEMY TRADING LIST REVIEW NUMBER 3”

Apresentaremos aqui, apenas os itens que não foram listados na tabela anterior, uma vez que essa Lista de Dezembro de 1918, é uma complementação à lista anterior.

NOME DA EMPRESA OU DO PROPRIETÁRIO	CIDADE OU ESTADO DO BRASIL ONDE SE LOCALIZA
Companhia Nacional de Café	Santos
Companhia Lithographica Ypiranga	São Paulo e Santos
Costa, Fernando & Co	Santos
Darigo, Michele	Santos
Bertholdo, Silva & Co	São Paulo
Bloch, Eugen	São Paulo
Hackradt, Fernando & Co	São Paulo
Hafers, E	Santos
Henrique & Leal	São Paulo
Ferrari & Bartholomei	Santos
Flues, Oscar Co	São Paulo
Fuchs & Co	São Paulo
Laves de Moraes	São Paulo
Lemcke, Henrique	São Paulo
Levy, Rafael (Casa Smyrna)	São Paulo
Liechtenfels, Brandão	São Paulo
Pauly & Co	São Paulo
Pinatel, Luis	São Paulo
Raimbaud, Madame	São Paulo

NOME DA EMPRESA OU DO PROPRIETÁRIO	CIDADE OU ESTADO DO BRASIL ONDE SE LOCALIZA
Meissner, Arthur	São Paulo
Melcher, Conrado & Co	São Paulo
Moser, Berto	São Paulo
"Notícia, A"	Santos
Rawlinson & Co	São Paulo
Ribeirão Pire, Companhia Industrial de	São Bernardo
Richter, Alfredo	São Paulo
Rizkallah, Jorge	São Paulo
Runes & Bark	Santos
Salemi & Arra	São Paulo
Serrario Unaio (Willhöft, Jose)	Santos
Smith, Kessler & Panke (Casa Kosmos)	São Paulo e Santos
Spiro, Hugo	São Paulo
Stuck, Otto	São Paulo
Trinks, Gerhard	Santos
Trinks, Gerhad & Co	Santos
Urban, Eugen & Co	Santos
Weiszflog, Max	São Paulo
Weiszflog, Otto	São Paulo
Zerrenner, Büllow & Co	São Paulo e Santos

4.3.3 - Reprodução traduzida da Publicação oficial de 8 de Fevereiro de 1919, do "U S War Trade Board", German Investments in Latin America

A relevância dessa publicação está no fato dela fornecer os setores/ramos de atividades das empresas que apresenta, bem como o capital investido e outras observações.

NOME	Localização	Setor	Capital	Observações
Brasilianische Bank fur Deutschland	São Paulo e Santos	Banco	15.000.000 M \$ 3.750.000 ¹³⁸	Pertence ao Desconto-Gesellschaft & Nord-Deutsche
Banco Alemão Transatlântico	São Paulo e Santos	Banco	3.675.00 M \$ 918.750	Pertence ao Deutsche Bank
Theodor Wille & Co	São Paulo e Santos	Agropecuária	\$ 2.000.00	Empresa Privada. Acionista majoritário Ernest Diedrichsen
Pedro Trinks & Co (plantações de café)	Santos	Agropecuária		

¹³⁸ Quanto à notação, M e \$, nada encontrei a respeito. Julgo que se refira, respectivamente ao marco alemão e ao dólar americano.

NOME	Localização	Setor	Capital	Observações
Casa Enxoval	São Paulo	comércio	\$20.000	Proprietários de origem alemã
Casa Fuchs	São Paulo	comércio	\$115.000	Proprietários de origem alemã
Casa Kosmos	São Paulo	comércio	\$ 81.250	Idem
Casa Rosenheim	São Paulo	comércio	\$ 62.500	Idem
Cia Nacional de Café	Santos	Comércio	\$ 25.000	Sócios: G. Jazon, G. Trinks
Cia Lithographica Hartmann Reichenbach	São Paulo e Santos	Comércio	\$ 250.000	
Cia Lithographica Ypiranga	São Paulo e Santos	Comércio	\$ 250.000	
Dauch & Co	Santos	Comércio	\$ 75.000	Sócios: Bohlen, Behn, Schwarz, Schatt & Paulo Garcia
Diebold & Co	Santos	Comércio	\$ 140.000	Estabelecimento alemão; afiliado ao Fahr & Setzeriu Hamburg.
Figueiredo, Leopold & Co	Santos	Comércio	\$45.750	
Haupt & Co	Santos	Comércio	\$ 250.000	
Heise & Co, Hugo	São Paulo	Comércio	\$ 250.000	Hugo Heise e sócios na Alemanha
Jacobsen & Co	Santos	Comércio	\$ 31.250	
Nassak & Co	Santos	Comércio	\$ 31.250	Empresa alemã
Riechmann & Co	São Paulo	Comércio	\$ 187.250	Todos os sócios são alemães. carreira e transações financeiras com a Alemanha, através dos bancos alemães em São Paulo
Rothschild & Co	São Paulo	Comércio	\$ 75.000	Sócios: Montz & Theodoro Rothschild. Fazem transações financeiras com a Alemanha, através do bancos alemães em São Paulo.
Rumes & Bark	Santos	Comércio		Emprestadores de dinheiro e importadores de diversas provisões. Sócios são de origem austriacos e alemães
Scheliga & Co	São Paulo	Comércio	\$ 15.000	Sócios de origem alemã
Schmidt & Co	São Paulo	Comércio	\$ 200.000	Constantes transações financeiras com a Alemanha, através do bancos alemães em SP. Proprietários da Casa Rosehain
Schmidt, Frost & Co	Santos e São Paulo	Comércio	\$ 250.000	Sócios são de origem alemã. Importadores e Exportadores. Escritório Central em Hamburg.
Siemens Schuckert Werke	São Paulo	Comércio		Filial de uma empresa de Berlim. Provavelmente, com capital considerável.

NOME	Localização	Setor	Capital	Observações
Bertholda Silva & Co	São Paulo	Comércio	\$ 37.500	Grande parte do capital, pertence à sócios de origem alemã
Smith, Kressler & Bauke (Casa Kosmos)	São Paulo	Comércio		Constantes transações financeiras com a Alemanha, através dos bancos alemães em SP. Um dos sócios, Kressler, está agora servindo no exército alemão. Sócios também na Alemanha.
Steinberg, Meyer & Co	São Paulo	Comércio	\$ 375.000	Sócios na Alemanha. Constantes transações financeiras com a Alemanha, através dos bancos alemães em SP
Stoltz & Co	Santos e São Paulo	Comércio	\$ 1.225.000	Escritório Central em Hamburgo. Acredita-se que tenha ligações com o Governo Alemão.
Stieck, Otto	São Paulo	Comércio	\$ 20.000	
Stupakoff & Co	São Paulo	Comércio	\$ 250.000	Sócios de origem alemã. Todos importadores
Trinks, Gerhard	Santos	Comércio	\$ 250.000	
Trommel & Co	Santos e São Paulo	Comércio	\$ 200.000	Nominalmente brasileiro, mas na verdade é alemão. Possui um sócio em Hamburg. Escritório Central em Hamburg. Constantes transações financeira com a Alemanha, através dos bancos alemães em SP
Urban, Eiogene	Santos	Comércio	\$ 75.000	Filial de uma empresa em Hamburg.
Wagner, Schadlich & Co (Casa Alemã)	Santos	Comércio	\$ 300.000	
Herman Warneck & Co	São Paulo	Comércio	\$112.500	Aparece como filial de uma firma com o mesmo nome em Hamburg. Constantes transações financeiras com a Alemanha, através de bancos alemães em SP
Weisflog Bros	São Paulo	Comércio	\$ 75.000	Cidadãos brasileiros, descendentes de alemães. Constantes transações financeiras com a Alemanha, através de bancos alemães em SP.

NOME	Localização	Setor	Capital	Observações
Walle & Co	São Paulo	Comércio	\$ 750.000	Estabelecimento alemão. Escritório Central em Hamburg. Representante da Hamburg American Line
João Willhoft	São Paulo e Santos	Comércio	\$450.000 (fortuna pessoal)	Nasceu em Hamburg em 1857. Veio para o Brasil em 1884. Proprietário da Serrario Unio & Chave Unio
Zerrener Bulow \$ Co	São Paulo	Comércio	\$ 2.000.000	Anton Zerrener nasceu em Lubeck em 1840, e veio para o Brasil em 1864. Tenta a cidadania brasileira. Adam Bulow nasceu na Dinamarca, e é um pró-germanista. Possui uma conduta duvidosa, mas a firma tem grande importância e fama de pró-germanista.

4.3.4. - Lista divulgada pelo "Bureau of War Trade Intelligence" de Londres: *The Trading with the enemy (statutory list) Proclamation, together with the Consolidated Statutory List of persons and firms in countries, other than enemy countries, with whom persons and firms in the United Kingdom are prohibited from trading, Published by His Majesty's Office, London, 1918*

Enquanto país aliado, também a Grã-Bretanha emitiu uma lista sobre o comércio com o inimigo, feita através do seu serviço de inteligência. Acompanha a lista, a proclamação do Rei George sobre o assunto¹³⁹. Como fizemos nas demais listas, apresentaremos aqui somente as empresas e pessoas físicas e jurídicas, que ainda não foram mencionadas nas listas anteriores, uma vez que, as listas são basicamente constituídas pelas mesmas pessoas/empresas.

¹³⁹ Início do discurso de sua majestade: "Whereas by the Trading with the Enemy (Extension of Powers) Act, 1915, it is enacted that We may, by Our Royal Proclamation, prohibit all persons or bodies of persons, incorporated or unincorporated, resident, carrying on business, or being in the United Kingdom, from trading with any persons even though not resident or carrying on business in enemy territory or in territory in the occupation of the army (other than persons or bodies of persons, incorporated or unincorporated, residing or carrying on business solely within Our Dominions) wherever by reason of the enemy nationality or enemy association of such persons or bodies of persons, incorporated or unincorporated..." – pg.2

NOME DA EMPRESA OU DO PROPRIETÁRIO	CIDADE OU ESTADO DO BRASIL ONDE SE LOCALIZA
Breithaupt & Co	Santos
Bromberg, Hacker & Co	São Paulo
Companhia Industrial de Ribeirão Pires	São Bernardo
Damazio, Guilermino	Santos
Erbrich, Richard	São Paulo
Gomes, David (Kruger & Arentz)	São Paulo
Kruger & Arentz	São Paulo
Lisboa, Carlos	Santos
Naschold, Ricardo & Co	São Paulo
Sergenicht, Conrado	São Paulo

4.4. Tabela de Comércio Exterior: Brasil x Alemanha

Podemos observar que o fluxo de comércio entre Brasil e Alemanha, é sempre crescente. Começar a decair em 1915, continua caindo até 1920, quando volta a se recuperar.

Tabela 22: Comércio Exterior BrasilAlemanha

ANOS	ALEMANHA				
	Números Absolutos		Números Relativos		
	IMPORT.	EXPORT.	IMPORT.	EXPORT.	% da Importação
	Valor em LL		% do respectivo total do Brasil		
1842/1843	277.575	539.176	49,1	117,6	194,2
1852/1853	587.273	407.937	58,8	49,9	69,5
1862/1863	589.538	553.590	54,2	41,2	93,9
1872/1873	1.116.816	1.716.487	68,4	76,4	153,7
1901	2.012.651	6.014.842	94,2	148,1	298,9
1902	2.662.877	5.761.395	114,4	158,1	216,4
1903	2.981.966	5.469.850	123,2	148,3	183,4
1904	3.285.429	5.492.876	126,8	139,3	167,2
1905	3.977.321	6.750.116	133,3	151,2	169,7
1906	4.873.140	9.341.357	146,8	176,1	191,7
1907	6.218.348	9.276.673	153,4	171,2	149,2
1908	5.271.682	6.964.846	148,5	157,7	132,1
1909	5.748.771	9.941.154	155,7	156,0	171,9
1910	7.607.898	7.466.734	158,9	118,3	98,1
1911	8.869.911	9.702.501	167,9	145,2	109,4
1912	10.909.070	10.684.814	172,0	143,1	97,9
1913	11.737.398	9.159.313	174,8	139,9	78,0
1914	5.719.045	4.637.337	161,2	99,1	81,1
1915	458.285	23	15,2	0,0	0,0
1916	17.729	-	0,4	-	-
1917	48.049	-	1,1	-	-
1918	-	-	-	-	-
1919	201.033	701.497	2,6	5,4	348,9
1920	5.875.913	6.184.210	47,0	57,5	105,2
1921	4.864.004	5.569.531	80,4	95,1	114,5
1922	4.309.270	4.203.335	88,6	61,3	97,5
1923	5.272.469	4.139.051	104,4	56,6	78,5
1924	8.322.826	6.304.334	121,8	66,3	75,7
1925	11.774.396	6.875.737	139,4	66,8	58,4
1926	10.129.524	7.898.341	126,9	83,8	78,0
1927	8.467.966	9.211.780	106,3	103,9	108,8
1928	11.304.292	10.909.168	124,7	112,0	96,5
1929	10.994.061	8.305.107	126,9	87,6	75,5
1930	6.102.496	5.992.221	113,8	91,1	98,2
1931	3.013.934	4.572.900	104,8	92,3	151,7
1932	1.959.720	3.257.243	90,1	88,9	166,2
1933	3.362.036	2.905.105	119,5	81,2	86,4
1934	3.569.309	4.626.957	140,2	131,3	129,6
1935	5.608.220	5.451.107	204,5	165,1	97,2
1936	7.065.065	5.166.821	235,0	132,3	76,1
1937	9.697.139	7.251.813	238,9	170,5	74,8
1938	8.975.651	6.851.717	249,9	190,6	76,3
1939	6.160.296	4.478.682	193,7	120,0	72,7

In: *Séries Estatísticas Retrospectivas* – vol.1, Rio de Janeiro, IBGE, 1941

4.5. Tabela do Ministério da Fazenda, sobre as Sociedades Mercantis Alemãs autorizadas a funcionar no Brasil – 1873-1940

Tabela 23: Sociedades Mercantis Alemãs

Data	N. do Decreto	Nome da Sociedade	Observações	Setor	Sede
29/03/1873	5242	Sociedade Transatlantica de Seguro		Seguros	Alemanha
10/09/1873	5390	Banco Alemão Brasileiro		Banco	Alemanha
17/09/1875	5996	Companhia Hanseatca de Seguros contra o fogo		Seguros	Alemanha
20/09/1876	6321	Companhia de Seguros Contra Incendio Berlim Colonia		Seguros	Alemanha
29/09/1876	6323	Companhia Hanseatca de Seguros contra o fogo	continuar a funcionar	Seguros	Alemanha
13/04/1877	6547	Companhia Hamburgo Magdeburgo		Seguros	Alemanha
04/05/1878	6890	Companhia de Seguros Contra Incendio Berlim Colonia	continuar a funcionar	Seguros	Alemanha
17/02/1879	7292	Companhia Hamburgo Magdeburgo	estabelecer agência	Seguros	Alemanha
07/02/1880	7621	Norddeutschen Feuerversicherungs Gesellschaft		Seguros	Alemanha
07/12/1883	9075	Companhia de Seguros da Prussia		Seguros	Alemanha
24/10/1885	9512	Hamburgo-Magdeburger Feuerversicherungs Gesselschaft	continuar a funcionar	Seguros	Alemanha
25/09/1886	9644	Companhia de Seguros da Prussia	declara sem efeito dec. 9075 de 7/12/1883	Seguros	Alemanha
19/02/1887	9727	Mannheimem Versicherungs Gesellschaft		Seguros	Alemanha
19/07/1888	9983	Preussische National Versicherungs Gesellschaft	estabelecer agências	Seguros	Alemanha
07/09/1888	10030	Brazilianische Bank fur Deutschland		Banco	Alemanha
15/09/1888	10039	Herman Deutsche Siedelungsgesellschaft		Exportação/ Agropecuária	Alemanha
28/09/1888	10054	Hamburgo Sudamerikanische Dampschiffahrts Gesellschaft		Companhia de Navegação	Alemanha
10/11/1888	10075	Mannheimem Versicherungs Gesellschaft	estabelecer agências	Seguros	Alemanha
23/02/1889	10195	Noerddeutscher Lloyd (Noral Gustscher Lloyd)		Companhia de Navegação	Alemanha
28/06/1889	10261	Mannheimem Versicherungs Gesellschaft	reforma de estatutos	Seguros	Alemanha
02/11/1889	10421	Preussische National Versicherungs Gesellschaft	estabelecer agências	Seguros	Alemanha
01/03/1890	238	Norddeutschen Feuerversicherungs Gesellschaft	continuar a funcionar	Seguros	Alemanha
09/08/1890	641	Dampschiffahrts-Gessellschaft desoesterreichisch ungarischen Lloyd (Sociedade de Navegação a Vapor do Lloyd Austro-Hungaro)		Companhia de Navegação	Austria Hungria

Data	N. do Decreto	Nome da Sociedade	Observações	Setor	Sede
12/08/1892	986	Companhia de Seguros Contra o Fogo Hamburgo Magdeburgo	estender operação	Seguros	Alemanha
11/11/1892	1139	Austrian Lloyd's Steam Navigation Company	sucessora do Lloyd Austro-Hungaro	Companhia de Navegação	Austria
24/03/1893	1330	Brasilianische Bank fur Deutschland	estabelecer agências	Banco	Alemanha
15/10/1894	1847	Brasilianische Bank fur Deutschland	estabelecer agências	Banco	Alemanha
28/02/1895	1979	Magdeburger Feurversicherungs Gesellschaft	sucessor do Hamburgo Magdeburgo	Seguros	Alemanha
27/11/1897	2694	Brasilianische Bank fur Deutschland	estabelecer agências	Banco	Alemanha
16/03/1899	3231	Mannheimem Versicherungs Gesellschaft	estabelecer agências	Seguros	Alemanha
07/04/1899	3250	Brasilianische Elektricitats Gesellschaft		Telefones e Telégrafos	Alemanha
22/12/1900	3869	Nord Deustche Versicherungs Gesellschaft		Seguros	Alemanha
29/07/1901	4106	Nord Deustche Versicherungs Gesellschaft	continuar a funcionar	Seguros	Alemanha
26/08/1902	4516	Nord Deustche Versicherungs Gesellschaft	sem efeito autorização dec. 3869 de 1900	Seguros	Alemanha
28/10/1902	4630	Mannheimem Versicherungs Gesellschaft	sem efeito autorização dec. 9725	Seguros	Alemanha
28/10/1902	4632	Sociedade Hanseática de Seguros	sem efeito autorização dec. 5969	Seguros	Alemanha
30/05/1903	4850	Brasilianische Bank fur Deutschland	prorrogação para o funcionamento de agências	Banco	Alemanha
02/07/1904	5244	Mannheimem Versicherungs Gesellschaft	sem efeito dec. 4630 de 28/10/1902	Seguros	Alemanha
27/08/1904	5291	Brasilianische Bank fur Deutschland	continuar a funcionar	Banco	Alemanha
20/09/1904	5323	Deutsche Roh Producten Import Aktiengesellschaft		Importação e Exportação	Alemanha
22/10/1904	5356	Nord Deustche Versicherungs Gesellschaft	sem efeito dec. 4516 de 26/08/1902	Seguros	Alemanha
12/11/1904	5414	Aochener und Munchener Feur Versicherungs Gesellschaft		Seguros	Alemanha
10/06/1905	5554	Pressuiche National Versicherungs Gesellschaft	estabelecer agências	Seguros	Alemanha
25/07/1905	5609	Brasilianische Siemens- schuckestwerke Elektrizitats Gesellschaft		Indústria	Alemanha
24/04/1906	5989	Brazilianische Deutsche Handelsgesellschaft Actiengesellschaft		Importação e Exportação	Alemanha
25/08/1906	6119	Brasilianische Bank fur Deutschland	estabelecer filial	Banco	Alemanha
29/11/1906	6253	Mannheimem Versicherungs Gesellschaft	estabelecer agência	Seguros	Alemanha
29/11/1906	6254	Mannheimem Versicherungs Gesellschaft	estabelecer agência	Seguros	Alemanha
14/03/1907	6415	Transatlansche Feur Versicherungs Actien Gesellschaft		Seguros	Alemanha
11/07/1907	6550	Albingia Versicherungs Aktiengesellschaft		Seguros	Alemanha
26/09/1907	6660	Transatlansche Feur Versicherungs Actien Gesellschaft	cassa autorização para funcionar	Seguros	Alemanha

Data	N. do Decreto	Nome da Sociedade	Observações	Setor	Sede
03/10/1907	6667	Nord Deustche Versicherungs Gesellschaft		Seguros	Alemanha
15/04/1908	6928	Gesellschaft zur Gewinnung von Gerbstoffen m.b.H		Agropecuária	Alemanha
27/08/1908	7085	Nord Deustche Feuer Versicherungs Gesellschaft	cassa autorização para funcionar	Seguros	Alemanha
05/08/1909	7489	Deutsche Sudamerikanische Telegraphengesellschaft A.G.		Telefones e Telégrafos	Alemanha
19/08/1909	7508	Albingia Versicherungs Aktiengesellschaft	alteração de estatutos	Seguros	Alemanha
25/09/1909	7567	Santa Katharina Aktiengesellschaft (Companhia das estradas de ferro catarinenses)		Estrada de Ferro	Alemanha
04/11/1909	7647	Companhia Brasileira de Eletricidade (Siemens-schuckestwerke)	continuar a funcionar	Indústria	Alemanha
20/01/1910	7828	Estrada de Ferro Santa Catarina	continuar a funcionar	Estrada de Ferro	Alemanha
02/06/1910	8051	Elssassishe Aktiengesellschaft fur Plantagen in Brasilien		Agropecuária	Alsácia
04/08/1910	8135	Pressuiche National Versicherungs Gesellschaft	estabelecer agências	Seguros	Alemanha
08/08/1910	8138	Pressuiche National Versicherungs Gesellschaft	estabelecer agências	Seguros	Alemanha
25/05/1911	8741	Deutsche Sudamerikanisch Bank Aktiengesellschaft	novos estatutos	Banco	Alemanha
25/05/1911	8744	Pressuichen National Versicherungs Gesellschaft	novos estatutos	Seguros	Alemanha
21/06/1911	8796	Nord Deustche Versicherungs Gesellschaft	alteração de estatutos	Seguros	Alemanha
26/07/1911	8847	Deutsche Vebersilische Bank (Banco Alemão Transatlântico)		Banco	Alemanha
02/08/1911	8861	Hansa Allegemeine Versicherungs Gesellschaft		Seguros	Alemanha
03/11/1911	9073	Pressuiche National Versicherungs Gesellschaft	sem efeito dec. 8138 e 8135	Seguros	Alemanha
10/01/1912	9301	Deutsche Sudamerikanische Telegraphengesellschaft A.G.	continuar a funcionar	Telefones e Telégrafos	Alemanha
17/01/1912	9339	Albingia Versicherungs Aktiengesellschaft	alteração de estatutos	Seguros	Alemanha
13/03/1912	9428	Nord-Deustche Versicherungs Gesellschaft	alteração de estatutos	Seguros	Alemanha
03/04/1912	9508	Mennheim Versicherungs Gesellschaft	novos estatutos	Seguros	Alemanha
15/05/1912	9597	Banco Alemão Transatlântico	estabelecer agências	Banco	Alemanha
08/01/1913	9989	A.E.G. Sudamerikanische Elektricitats Gesellschafts mit beschränkter Haftung		Importação e Exportação	Alemanha
02/04/1913	10157	Deutsche Sudamerikanische Telegraphengesellschaft A.G.	continuar a funcionar	Telefones e Telégrafos	Alemanha
21/05/1913	10229	Gasmotoren-Fabrik Deutz		Bens de Capital	Alemanha
10/07/1913	10346	Julins Pintsch Aktiengesellschaft		Material Elétrico	Alemanha
03/09/1913	10427	A.E.G. Sudamerikanische Elektricitats Gesellschafts mit beschränkter Haftung	continuar a funcionar	Material Elétrico	Alemanha

Data	N. do Decreto	Nome da Sociedade	Observações	Setor	Sede
11/02/1914	10752	Preussische National Versicherungs Gesellschaft	alteração de estatutos	Seguros	Alemanha
27/05/1914	10919	Brasilianische Bergwerks und Hutten-Gesellschaft mit Bers-hrankter Haftung		Empresa de Colonização	Alemanha
29/07/1914	11033	Albingia Hamburg Dusseldorfer Versicherungs Aktiengesellschaft	nova denominação da Albingia Versicherungs Aktiengesellschaft	Seguros	Alemanha
09/06/1915	11603	Nord-Deustch Versicherungs Gesellschaft	alteração de estatutos	Seguros	Alemanha
05/04/1916	12022	Matto Grosso & Bolivia Handelsgesellschaft mit Beschraenker		Empresa de Colonização	Alemanha
16/10/1918	13235	Deutsche Sudamerikanische Bank	cassa autorização para funcionar	Banco	Alemanha
16/10/1918	13235	Deutsche Ueberllische Bank	cassa autorização para funcionar	Banco	Alemanha
30/04/1919	13575	Deutsche Sudamerikanische Bank	prorroga prazo liquidação	Banco	Alemanha
30/04/1919	13575	Deutsche Ueberllische Bank	prorroga prazo liquidação	Banco	Alemanha
30/04/1919	13575	Brasilianische Bank fur Deutschland	prorroga prazo liquidação	Banco	Alemanha
07/08/1919	13714	Brasilianische Bank fur Deutschland	revalida autorização para funcionar	Banco	Alemanha
30/03/1921	14751	Banco Allemão Transatlântico (Deutsche Uebersseische Bank)	estabelecer agência	Banco	Alemanha
08/02/1922	15353	Banco Allemão Transatlântico	alteração de estatutos	Banco	Alemanha
08/04/1922	15436	Brasilianische Bank fur Deutschland	alteração de estatutos	Banco	Alemanha
07/08/1922	15597	Deutsch Uebersseische Bank (Banco Allemão Transatlântico)	aumento de capital	Banco	Alemanha
28/11/1923	16223	Brasilianische Bank fur Deutschland (Banco Brasileiro para Alemanha)	estabelecer agência	Banco	Alemanha
02/03/1925	16832	Deutsche Sudamerikanische Bank A.G.	estabelecer filiais	Banco	Alemanha
29/07/1925	16992	Albingia Versicherungs Aktiengesellschaft	novos estatutos	Seguros	Alemanha
29/07/1926	16993	National Allgemeine Versicherungs Aktiengesellschaft	nova denominação do Preussische National Versicherungs Gesellschaft	Seguros	Alemanha
27/01/1926	17199	Hansa Allgemeine Versicherungs – Aktiengesellschaft		Seguros	Alemanha
03/11/1926	17501	Banco Germanico da America do Sul (Deutsche Sudamerikanische Bank Aktiengesellschaft)	cassa autorização para funcionar	Banco	Alemanha
29/12/1926	17611	Banco Germanico da America do Sul (Deutsche Sudamerikanische Bank Aktiengesellschaft)	nova autorização para funcionar	Banco	Alemanha
05/01/1927	17619	Nord Deustche Versicherungs Gesellschaft		Seguros	Alemanha
05/01/1927	17620	Albingia Versicherungs Aktiengesellschaft		Seguros	Alemanha

Data	N. do Decreto	Nome da Sociedade	Observações	Setor	Sede
05/01/1928	17622	Auchener & Munchener Versicherungs Gesellschaft	alteração de estatutos	Seguros	Alemanha
09/02/1927	17678	Banco Allemão Transatlântico (Deutsche Uebersseische Bank)		Banco	Alemanha
04/01/1928	18045	Banco Germanico da America do Sul	aumento de capital	Banco	Alemanha
18/07/1928	18315	Companhia de Seguros Hansa	cassa autorização para funcionar	Seguros	Alemanha
01/08/1928	18330	Banco Allemão Transatlântico	aumento de capital	Banco	Alemanha
13/11/1929	18989	National Allgemeine Versicherungs Aktiengesellschaft	aumento de capital	Seguros	Alemanha
08/04/1930	19166	Banco Allemão Transatlântico	estabelecer agências	Banco	Alemanha
15/04/1931	19866	Banco Germanico da America do Sul	continuar a funcionar	Banco	Alemanha
03/06/1931	20074	Auchener & Munchener Feuer Versicherungs Gesellschaft	alteração de estatutos	Seguros	Alemanha
08/07/1931	20194	Banco Allemão Transatlântico	continuar a funcionar	Banco	Alemanha
16/03/1932	21165	Auchener & Munchener Feuer Versicherungs Gesellschaft	alteração de estatutos	Seguros	Alemanha
16/03/1932	21166	Nord Deustche Versicherungs Gesellschaft	encampação das sociedades Nord West-Deustche Versicherungs-Gesellschaft e Coln Hanburger Versicherungs Aktiengesellschaft	Seguros	Alemanha
22/06/1932	21560	National Allgemeine Versicherungs Aktien-gesellschaft	alteração de estatutos	Seguros	Alemanha
28/09/1932	21877	Nord Deustche Versicherungs Gesellschaft	aumento de capital	Seguros	Alemanha
19/10/1932	21980	National Allgemeine Versicherungs Aktien-gesellschaft	aumento de capital	Seguros	Alemanha
18/01/1933	22372	National Allgemeine Versicherungs Aktiengesellschaft		Seguros	Alemanha
13/12/1933	23582	Mannheimer Versicherungs Gesellschaft	alteração de estatutos	Seguros	Alemanha
28/03/1934	24060	National Allgemeine Versicherungs Aktiengesellschaft	alteração de estatutos	Seguros	Alemanha
30/04/1935	142	Deutsche Lufthansa Aktiengesellschaft		Empresa Aérea	Alemanha
10/07/1935	226	National Allgemeine Versicherungs Aktiengesellschaft	alteração de estatutos	Seguros	Alemanha
29/01/1936	611	Mannheimer Versicherungs Gesellschaft	novos estatutos	Seguros	Alemanha
25/03/1936	710	Auchener & Munchener Feuer Versicherungs Gesellschaft	alteração de estatutos	Seguros	Alemanha
03/06/1936	877	National Allgemeine Versicherungs Aktiengesellschaft	alteração de estatutos	Seguros	Alemanha
17/06/1936	909	Albingia Versicherungs Aktiengesellschaft	alteração de estatutos	Seguros	Alemanha
02/06/1938	2713	Auchener & Munchener Feuer Versicherungs Gesellschaft	alteração de estatutos	Seguros	Alemanha
09/03/1939	3807	Banco Germanico da America do Sul	alteração de estatutos	Banco	Alemanha

Data	N. do Decreto	Nome da Sociedade	Observações	Setor	Sede
21/12/1939	5043	Auchener & Munchener Feuer Versicherungs Gesellschaft	novos estatutos	Seguros	Alemanha
25/01/1940	5185	Albingia Versicherungs Aktiengesellschaft	novos estatutos	Seguros	Alemanha
25/01/1940	5186	National Allgemeine Versicherungs Aktiengesellschaft	novos estatutos	Seguros	Alemanha

4.6. Sobre o capital de algumas empresas:

Tabela 24: Capital de algumas empresas¹⁴⁰

Empresa	Capital registrado	Sem informação sobre o capital	Data de fundação
Sociedade Transatlântica de Seguros	10.000\$000		1873
Banco Alemão Brasileiro	Mk25.000.00		1873
Cia. Hanseática de Seguros	10.000\$000		1875
Cia. De Seguros Berlim Colônia	10.000\$000		1876
Cia. Hamburgo Magdeburgo	Mk2.000.000		1877
Norddeutschen F. Gesellschaft	10.000\$000		1880
Cia de Seguros da Prússia	10.000\$000		1883
Manheimen V. Gesellschaft	Mk6.000.000		1887
Brazilianische Bank Deutschland	Mk10.000.000		1888
Herman Deutsch S. Gesellschaft	Mk250.000		1888
Hamburgo Sudamerikanische D. G.	Mk3.750.000		1888
Noerdddeutscher Lloyd	Mk30.000.000		1889
Brazilianische Elektricitats G.		X	1899
Pressuiche National V. Gesellschaft		X	1905
Deutsche Roh Product Import Akt.	Mks 100.000		1904
Auchener und Munchener F. V. G.	Mks9.000.000		1904
Brasilianische Deutsche H. Akt.	Mk300.000		1906
Brasilianische Siemens	Mks3.000.000		1905
Albingia V. Aktiengesellschaft	Mk6.000.000		1907
Gesellschaft zur Gewinnung m.b.H	Mk500.000		1908
Deutshce S. Telegraphen G.	Mk4.000.000		1909
Banco Germânico da Am. Do Sul	Mks20.000.000		1911
Banco Alemão Transatlântico	Mks30.000.000		1911
Hansa Allegmeine V. Gesellschaft	Mk5.000.000		1911
Gasmotoren-Frabrik Deutz	Mks22.002.000		1913
Julins Pintsch Aktiengesellschaft	Mk18.000.000		1913
A E. G. Sud. Elek. G. mit B. Haftung	Mk2.000.000		1913
Brasilianische B. H. b.Hafung		X	1914
Deutshce Luftansa Aktien.		X	1935

¹⁴⁰ Essa tabela foi feita com base na reunião dos dados coletados.

CONCLUSÕES:

O século XIX é um palco onde incríveis transformações, quer fossem de ordem econômica, social ou política, se desenrolaram.

Se, por um lado, foi um século herdeiro dos ideais da Revolução Francesa de 1789, por outro, tentou preservar a todo custo o poder das monarquias e o avanço das idéias liberais, que não fossem condizentes com os objetivos das monarquias.

Foi o século onde a Segunda Revolução Industrial pôde ocorrer. E a hegemonia britânica na área do comércio internacional e na venda de produtos manufaturados, foi abalada.

A desagregação da antiga ordem é substituída pelos ideais capitalistas. O modo de produção capitalista se instala e com ele, todo um novo modo de vida. O trabalho assalariado agora é uma constante, assim como as longas jornadas de trabalho, a exploração da mão-de-obra e o desemprego no campo, gerado pela desestruturação de antigos e remanescentes componentes de ordem feudal.

Revoluções liberais e nacionalistas se espalham pela Europa. Alguns países, que antes eram na verdade união de diversos Estados independentes, finalmente conseguem se unificar; é o caso da Itália e da Alemanha.

Novas ideologias, quer fossem de caráter religioso, quer fossem de caráter secular, surgem e colocam em questão a nova ordem e o novo cenário de transformação; ou ainda, dependendo do caso, até os legitimam.

Com a Segunda Revolução Industrial, a concorrência pelo mercado consumidor no comércio internacional acirra-se. A disputa por mercado é a ordem

do dia. Acordos e conflitos de interesses são realizados, onde as áreas de colônias e de ex-colônias, são disputadas ferozmente. É a época do Imperialismo.

A expansão exacerbada do Imperialismo, a onda de nacionalismo, a divulgação de novos ideais (marxistas, anarquistas), e o tênue equilíbrio que sustenta a paz, levam à uma condição insustentável, onde o assassinato do Arquiduque da Áustria, vira o estopim para o começo da Primeira Guerra Mundial.

Enquanto isso, e até mesmo algumas décadas antes do início da guerra, milhares e milhares de europeus decidem abandonar seus países de origem, e partem rumo à América, em busca de riqueza. Mas, sobretudo, fogem de guerras civis nacionalistas, do desemprego, da miséria e da fome. Muitos vêm tentar a sorte no Brasil, como no caso de uma parcela de imigrantes alemães, já que as relações diplomáticas e econômicas entre Brasil e Alemanha estavam se desenrolando já há algum tempo, de maneira favorável.

Esses imigrantes trazem consigo a esperança e a vontade de viver. Trazem também sua cultura, sua língua. Mas mais do que isso, serão peças fundamentais no desenvolvimento econômico do Brasil.

As causas dessa imigração em massa podem ser atribuídas à acontecimentos de grandes períodos: antes de 1848 (camponeses que haviam sido expulsos de suas terras), a partir de 1848 (intelectuais, profissionais liberais, operários, que fugiam por razões políticas), a partir de 1870 (estavam fugindo das crises econômicas européias) e já no século XX (indivíduos fugindo de perseguições políticas, religiosas, guerras e crises econômicas).

O Brasil era um jovem país que precisava de mão-de-obra qualificada e assalariada e acenava com a possibilidade dos imigrantes terem acesso à terra e, portanto, reproduzir aqui, os hábitos e estruturas que os imigrantes haviam deixado para trás em sua pátria de origem. A questão da fronteira, do povoamento

das áreas de fronteiras, também foi fundamental para que o governo brasileiro se decidisse pela imigração.

A partir de 1850, com o aumento das exportações do café paulista, a economia de São Paulo tem seus investimentos diversificados, através da criação de novos tipos de empresas: estradas de ferro, transporte urbano, iluminação a gás, etc.

O café era a base do crescimento industrial nacional, pois proporcionava o pré-requisito mais elementar de um sistema industrial: a economia monetária.

A mão-de-obra imigrante, bem como a presença de técnicos especializados, contratados na Europa, são consequências do desenvolvimento da economia cafeeira.

A instalação de bancos alemães em São Paulo propiciou o financiamento e o crédito para a industrialização do Estado. Esses bancos alemães no Brasil nascem dos grandes bancos alemães. Era parte da estratégia de aumentar a órbita de influência política e econômica da Alemanha, na luta por mercados consumidores e fornecedores. Também os imigrantes que aqui se encontravam preferiam transacionar com bancos de seus países de origem.

As principais razões da expansão geográfica das grandes empresas, ou seja, a abertura de filiais ou subsidiárias no Brasil por exemplo, podem ser explicadas pela expansão do modo de produção capitalista, levando à uma nova divisão internacional do trabalho. Para sobreviver nesse cenário, era necessário que as empresas garantissem o fornecimento/abastecimento de matérias-primas e mercados consumidores. Ao mesmo tempo, nos países periféricos essa mesma divisão internacional do trabalho, leva à um desenvolvimento da industrialização e à substituição de importações de produtos industrializados.

As consequências da Revolução Industrial Alemã no Brasil, apresentam-se sob a forma de transferência de tecnologia da Alemanha para o Estado de São Paulo, através da abertura de empresas filiais alemãs, bem como através da importação de maquinário alemão, bem como através da presença de técnicos especializados da Alemanha. Dessa forma, podemos dizer que, de certa maneira, a Revolução Industrial Alemã também contribuiu para o desenvolvimento da nascente indústria paulista.

Em nossa pesquisa foram catalogadas 198 empresas, que foram divididas em 3 grupos distintos: Empresas ou Sociedades Mercantis Alemãs instaladas no Brasil; Empresas Brasileiras com capital alemão, e Empresas Brasileiras onde pelo menos um dos sócios seja imigrante alemão já estabelecido no Brasil. Todas as empresas foram também catalogadas por ramos de atividade e divididas de acordo com o ano de sua instalação. Essa periodização foi definida da seguinte forma: 1873-1914, 1915-1929, 1930-1940. Como fontes de dados utilizaram-se: publicação oficial do Ministério da Indústria e Comércio de 1947, sobre as "Sociedades Mercantis Autorizadas a Funcionar no Brasil"; dados obtidos na Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha de São Paulo; as "Listas de Comércio com o Inimigo", dos Ministérios da Guerra dos E.U.A e Grã-Bretanha; e dados obtidos na literatura especializada.

Grande parte das empresas instalaram-se no Estado de São Paulo entre 1873 e 1918. A maior parte delas localizavam-se na cidade de São Paulo, e não no interior. Os setores onde mais se concentravam eram: Comércio/Representação Comercial, Indústria química, eletro-eletrônica, de Bens de Capital e de Bens de Consumo não durável (uma vez que o Brasil só passará a produzir essa categoria de bem após a Primeira Guerra Mundial, com a política de Substituição de Importações). Uma outra categoria relevante também merece destaque: o setor bancário, que teve seu papel no financiamento da industrialização paulista. Convém notar que no período estudado, o fluxo de

comércio entre Brasil e Alemanha sempre foi crescente. Apresentou quedas a partir de 1915, mas em 1920, voltou a se recuperar.

Como estratégia competitiva na luta por mercados, a Alemanha expandiu o seu comércio exterior, exportando capitais, quer seja na forma dos chamados “Bancos Transatlânticos”, quer seja na forma de instalação de empresas filiais ou subsidiárias na América Latina, no caso, no Brasil e, incentivando a imigração. Também é expressiva a ocorrência de Empresas Brasileiras com Capital Alemão, o que demonstra o interesse da Alemanha nas relações comerciais e financeiras com o Brasil. É interessante notar que a combinação entre a tecnologia e o capital financeiro alemão contribuíram para a chamada “Industrialização Inicial” de São Paulo.

Entre 1873-1914, 32 empresas ligadas ao capital alemão se instalaram no Estado de São Paulo, sendo 28 Empresas Alemãs e 04 Empresas com capital alemão. A maior parte delas está ligada aos setores de seguros, bancos e de colonização.

Já no período compreendido entre 1915-1929, oficialmente catalogamos 07 Empresas Alemãs no Estado de São Paulo. Mas esse número poderia chegar há mais de 100. Desse segundo total, 27 delas eram empresas brasileiras com capital alemão. O restante, muito provavelmente, eram empresas onde um sócio era imigrante alemão.

Entre 1930-1940, percebemos claramente que não há nenhum tipo de empresa alemã que se instalou em São Paulo. Esse fato deve-se com certeza, ao cenário recessivo pelo qual estava passando a Alemanha, e a proximidade da Segunda Guerra. Apenas vemos a ocorrência da expansão de filiais bancárias e de alguns grupos de alemães que participaram de sociedades com algumas empresas.

No período 1915-1940 as empresas ligadas à Alemanha (empresas alemãs, empresas brasileiras com capital alemão, empresas onde um dos sócios era imigrante alemão), pertenciam principalmente aos setores : Indústrias (química, eletro-eletrônica e madeira/lápis), Bens de Consumo não duráveis, Bens de Capital, Bancos, Comércio de Importação e Exportação e Transportes .

BIBLIOGRAFIA

1.FONTES E DOCUMENTOS

Documentos oficiais:

1. ***"Sociedades Mercantis Autorizadas a funcionar no Brasil (1808-1946)"***, organizada pelo Ministério da Indústria e Comércio, publicação do Departamento Nacional de Indústria e Comércio, publicado pela Imprensa Nacional, em 1947.

2. ***"Listas Negras" – "Trading with the enemy"***, publicadas pelo Ministério da Guerra dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, entre 1917 e 1919:

- A) *"The Trading with the Enemy (Statutory List) – complete to October 6th, 1917"*, publicado pelo Bureau of War Trade Intelligence
- B) *"The Trading with the Enemy (Statutory List) – complete to February 1st, 1918"*, publicado pelo Bureau of War Trade Intelligence
- C) Listas do *"Ibero-Amerikanisches Archiv"* – in: *"German Banking and German Imperialism in Latin America in the Wilhelmine Era"* - Young, George, 18/01/1992
- D) *"German Investments in Latin America – complete to February 2nd, 1919"*, publicado pelo Bureau of War Trade Intelligence
- E) *"Enemy Trading List (reviewed) – number 3 – complete to December 13th, 1918"* – publicado pelo Bureau of War Trade Intelligence

F) *“German Investments in Latin America - complete to February 8th, 1919”* – publicado pelo Bureau of War Trade Intelligence

3. **“Séries Estatísticas Retrospectivas”** – vol.1 – Edição fac-similar do original publicado em 1941. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, Rio de Janeiro, 1986

4. **“Empresas brasileiras com capital alemão (*Brasilianische Unternehmen mit deutschem Kapital*)”**, Câmara de Comércio e Indústria Brasil – Alemanha de São Paulo, São Paulo, 1998

Outros dados:

1. Haas, Werner - *“Os investimentos estrangeiros no Brasil”*, Rio de Janeiro, Bernet&Bossart, 1958
2. Jornal do Imigrante Ano XVIII – N. 227 – Dezembro de 1997
3. *“Perfil da Alemanha”* – Departamento de Imprensa e Informação do Governo Federal Alemão – Germany, 1998
4. *“75 Anos da Câmara de Comércio e Indústria Brasil – Alemanha”* – Companhia Melhoramentos, São Paulo, 1994
5. Revista *“Brasil – Alemanha”*, publicação das Câmaras de Comércio e Indústria Brasil – Alemanha de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, de novembro de 1999 até novembro de 2000
6. *“Almanak da Província de São Paulo para 1873”* – organizado e publicado por Antonio José Baptista de Luné e Paulo Delfino da Fonseca – edição fac-similar- Imprensa Oficial do Estado S. A – IMESP – 1985

7. "Censos Industriais – 1907, 1920" – Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio – Directoria Geral de Estatística – Rio de Janeiro, Typographia da Estatística, 1926

2. LIVROS, ARTIGOS E TESES:

ALVIM, Zuleika - *Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo*. In: *História da Vida Privada no Brasil*, coordenador-geral Fernando A. Novais, volume 3, organizado por Nicolau Sevcenko, São Paulo, Companhia das Letras, 1998

ARANHA, Graça - *Canaã*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1980

ARRUDA, José Jobson de A - *O Brasil no Comércio Colonial*, Ática, São Paulo, 1980

BANDEIRA, Moniz - *O Milagre Alemão e o Desenvolvimento do Brasil*, São Paulo, 1994

CANO, Wilson - *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo*, Campinas, Instituto de Economia – Universidade Estadual de Campinas, 1998

CASTRO, Ana Célia - *As empresas estrangeiras no Brasil: 1860-1913*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979

_____ *As empresas estrangeiras no Brasil: 1860 – 1913*, Dissertação de Mestrado, Instituto de Economia, Unicamp, Campinas, 1976

COSTA, Emília Viotti - *Da Senzala a Colônia*, São Paulo, Ciências Humanas, 1982

_____ *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*, São Paulo, Grijalbo, 1977

DEAN, Warren - *A industrialização de São Paulo- 1880-1945*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1991

ELIAS, Norbert - *Os Alemães – a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997

FREYRE, Gilberto - *Sobrados e Mucambos: introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil*, Rio de Janeiro, volume 2, José Olympio, 1977

_____ *Ordem e Progresso: Processo de Desintegração das Sociedades Patriarcal e Semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da Monarquia para a República*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1962

GRAHAM, Richard – *Grã-Bretanha e o início da modernização do Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1973

GRANZIERA, Rui Guilherme - *A Guerra do Paraguai e o Capitalismo no Brasil*, São Paulo, Hucitec, 1979

HOLANDA, Sérgio Buarque de - *História Geral da Civilização Brasileira*, Tomo II: O Brasil Monárquico, 4^a Volume, Declínio e Queda do Império, Capítulo 5, Difel, São Paulo, 1982.

HARRING, C. H. - *The Germans in South America – A Contribution to the Economic History of the World War*, New York, Oxford University Press, 1920

HOBSBAWN, Eric J. - *A Era das Revoluções 1789-1848*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

_____ *A Era dos Impérios 1875-1914*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

Jornal do Imigrante Ano XVIII – N. 227 – Dezembro de 1997

KARASTOJANOV, Andrea Mara Souto - *Vir, Viver e Talvez Morrer em Campinas – Um estudo sobre a comunidade alemã residente na zona urbana durante o Segundo Reinado*, Campinas, Fapesp/Unicamp, 1999

KENNEDY, Paul - *Ascensão e Queda das Grandes Potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*, Rio de Janeiro, Campus, 1989

LANDES, David – *Prometeu desacorrentado*, São Paulo, Nova Fronteira

LIPKAU, Ernst Günther - *Brasil e Alemanha: Vencendo Desafios*, São Paulo, Câmara de Comércio Brasil-Alemanha, 1995

LORENZO, Helena Carvalho de, *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*, São Paulo, Edunesp, 1998

LOVE, Joseph L - *A Locomotiva: São Paulo na federação brasileira 1889-1937*, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982

LUEBKE, Frederick C - *Germans in Brazil – A Comparative History of Cultural Conflict During World War I*, Louisiana State University Press

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl - *Pangermanismo e Nazismo- A trajetória alemã rumo ao Brasil*, Campinas, Unicamp, 1998

MARX, Karl - *O Capital – Livro Primeiro – Capítulo XXIV*, São Paulo, Nova Cultural, 1988

MAURO, Frédéric – *História Econômica Mundial – 1790-1970*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973

MELLO, João Manuel Cardoso de - *O Capitalismo Tardio: Contribuição à Revisão Crítica da Formação e do Desenvolvimento da Economia Brasileira*, Campinas, Instituto de Economia - Universidade Estadual de Campinas, 1998

MOORE, Barrigton - *As origens sociais da ditadura e da democracia*, São Paulo, Martins Fontes, 1983

REQUIÃO, Rubens - *Curso de Direito Comercial – primeiro volume*, Saraiva, São Paulo, 1986

ROCHE, Jean - *A Colonização alemã no Espírito Santo*, São Paulo, Difel, 1968

SAES, Flávio Azevedo Marques de - *Crédito e Bancos no Desenvolvimento da Economia Paulista – 1850-1930*, São Paulo, IPE/USP, 1986

SILVA, Sérgio - *Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil*, São Paulo, Alfa Omega, 1976

SCHWARCZ, Lilia Moritz - *As Barbas do Imperador – D. Pedro II, um monarca nos trópicos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999

SUZIGAN, Wilson, *Indústria Brasileira – Origem e Desenvolvimento*, São Paulo, Brasiliense, 1986

SZMRECSANYI, Tamás & SAES, Flávio A M. de - *O Capital Estrangeiro na Industrialização de São Paulo (Brasil): 1870-1930*, Resumo da Comunicação apresentada no VII Simpósio Internacional de História Econômica, sobre “As Origens da Industrialização na América Latina” (Buenos Aires, outubro de 1987, CLACSO), exemplar mimeografado.

SZMRECSANYI, Tamás & SAES, Flávio A M. de - *El Papel de Los Bancos Extranjeros en La Industrialización Inicial de São Paulo*, in *Las Inversiones*

Extranjeras em América Latina, 1850-1930: nuevos debates y problemas en Historia Económica Comparada, (org): Carlos Marichal, Fondo de Cultura Económica, México, 1995

SZMRECSANYI, Tamás - *German Capital Investment in the early industrialization of São Paulo*, São Paulo, *Ciência e Cultura* n.44 vol. 5, p. 320-325z, 1992

SZMRECSANYI, Tamás & SUZIGAN, Wilson, *Os Investimentos Estrangeiros no Início da Industrialização do Brasil*, Texto para Discussão n^a 33, UNICAMP/IE, Campinas, 1994

TAVARES, Maria da Conceição - *Acumulação de Capital e Industrialização no Brasil*, Campinas, Instituto de Economia, 1998

THOMSON, David - *Historia Mundial de 1914 a 1918*, México, Fondo de Cultura Económica, 1970

WILLEMS, Emilio - *A Aculturação dos Alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*, São Paulo, Nacional, 1980

YOUNG, George F. W. - *German Banking and German Imperialism in Latin America in the Wilhelmine Era*, Ibero-Amerikanisches Archiv, Jahrgang 18 – 1992, p.31

Los Bancos Alemanes y la Inversión directa alemana em América Latina, 1880-1930, in: *Las Inversiones Extranjeras em América Latina, 1850-1930: nuevos debates y problemas en Historia Económica Comparada*, (org): Carlos Marichal, Fondo de Cultura Económica, México, 1995